



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**A PRODUÇÃO LITERÁRIA/MUSICAL DO COMPOSITOR E CANTOR DINO
FRANCO RETRATADA POR MEIO DE UM PRODUTO DE RADIOJORNALISMO**

**FÁBIO DEMBISQUE
GABRIELA BARBOZA DA SILVA**



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**A PRODUÇÃO LITERÁRIA/MUSICAL DO COMPOSITOR E CANTOR DINO
FRANCO RETRATADA POR MEIO DE UM PRODUTO DE RADIOJORNALISMO**

**FÁBIO DEMBISQUE
GABRIELA BARBOZA DA SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduação em Jornalismo.

Orientador: Homéro Ferreira

**FÁBIO DEMBISQUE
GABRIELA BARBOZA**

**A PRODUÇÃO LITERÁRIA/MUSICAL DO COMPOSITOR E CANTOR DINO
FRANCO RETRATADA POR MEIO DE UM PRODUTO DE
RADIOJORNALISMO**

Trabalho de Conclusão, apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 21 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Orientador Homéro Ferreira
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Prof. Me. Luiz Carlos Dale Vedove
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Prof. Dra. Fabiana Aline Alves
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

DEDICATÓRIA

Dedicamos à Deus por ter nos proporcionado capacidade de lutar por nossos sonhos e estar ao nosso lado nos momentos em que nos sentimos perdidos, aos nossos familiares que nos apoiaram em todas as circunstâncias e a todas as pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, com a nossa formação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos ao nosso orientador, Homéro Ferreira, que nos estendeu as mãos e nos apoiou no momento em que mais precisávamos, mostrando com determinação seu conhecimento como professor e sua humildade como pessoa.

À Marina Ramos, Ivani Ramos, Nestor Prado, Odilon Pereira, José Neves, Luiz Eduardo Rizzio, Paulo Gomes, Eduardo Oliveira e ao César Menotti, que se dispuseram a contribuir positivamente para este estudo.

Aos professores que agiram com ética e nos transmitiram com competência conhecimento suficiente para nos transformar em jornalistas. Dentre eles, estão: Fabiana Alves, Carolina Mancuzo, Roberto Mancuzo, Tchiago Inague, Thaisa Bacco, Rogério do Amaral, Giselle Tomé, Lêda Márcia e Wagner Aparecido. Esperamos que muitos alunos tenham a oportunidade de aprender com cada um de vocês.

*“Como é bonito estender-se no verão
As cortinas do sertão na varanda da manhã
Deixar entrar pedaços de madrugada
E sobre a colcha azulada
Dorme calma a Lua irmã”*

Dino Franco

RESUMO

A produção literária/musical do compositor e cantor Dino Franco retratada por meio de um produtor de Radiojornalismo

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a produção literária/musical do compositor e cantor Dino Franco, tendo em vista sua relevância para o contexto da música sertaneja de raiz. Com esta finalidade, produziu-se um programa radiofônico de cunho jornalístico, realizado conforme as técnicas de reportagem aprendidas durante o curso de graduação em Jornalismo, que será veiculado na Rádio Facopp. Em relação à metodologia, foi adotada a pesquisa qualitativa do tipo exploratória. O método escolhido foi biográfico, e, para a coleta de dados, foram empregados os procedimentos de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas em profundidade do tipo estruturada e semiestruturada/semiaberta. Este projeto foi protocolado na Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária (Proext) sob o número 08994/2018.

Palavras-chave: Dino Franco; Música sertaneja; Radiojornalismo; Reportagem.

ABSTRACT

The literary/musical production of the composer and singer Dino Franco portrayed by means of a producer of Radio journalism

This Undergraduate Final Work has the objective of analysing the literary/musical production of the composer and singer Dino Franco considering its relevance to the context of Brazilian country music. To this end, a journalistic radio program was produced according to the techniques of reporting learned during the course of graduation in Journalism, which will be broadcast on Radio Facopp. In relation to the methodology, qualitative research of the exploratory type was adopted. The method chosen was biographical and for the data collection the procedures of bibliographic research, documentary analysis and in-depth interviews of the structured and semi-structured / semi-open type were used. This project was filed in the Pro-Rectorate of Extension and Community Action (Proext) under number 08994/2018.

Keywords: Dino Franco; Country music; Radio journalism; Report.

LISTA DE SIGLAS

FACOPP	- Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UNOESTE	- Universidade do Oeste Paulista
WRF	- Web Rádio Facopp
CD	- Compact Disc
LP	- Long Play
RPM	- Rotações por minuto
ABL	- Academia Brasileira de Letras
ECAD	- Escritório Central de Arrecadação e Distribuição

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Dupla Tibagi e Pirassununga em 1959	46
FIGURA 2 -	Capa do disco gravado pela dupla Biá e Dino Franco em 1975	47
FIGURA 3 -	Capa do Disco “Sertanejo sem mistura” gravado em 1981	48
FIGURA 4 -	Entrevista concedida em 2012 na cidade de Ivinhema - MS	53
FIGURA 5 -	Dino Franco na Academia de Letras de Campo Grande - MS	54
FIGURA 6 -	Capa do CD “Dino Franco 50 anos de história” gravado em 2005	55
FIGURA 7 -	Dino Franco recebendo visita do amigo José Rico	57
FIGURA 8 -	Organograma	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	14
2.1	Problematização	14
2.2	Justificativas	14
2.3	Objetivos	15
2.3.1	Objetivo geral	15
2.3.2	Objetivos específicos	15
2.4	Metodologia	15
2.5	Análise de dados	18
3	RADIOJORNALISMO	20
3.1	Características do rádio	20
3.2	Produção e recepção da mensagem	23
3.3	Produtos radiojornalísticos	25
3.4	Reportagem	27
3.4.1	Pauta	29
3.4.2	Entrevista	30
3.4.3	Texto	33
3.4.4	Edição	34
3.4.5	Locução	35
4	WEBRADIO	38
4.1	Web Rádio Facopp	41
5.	DINO FRANCO	44
5.1	Início de carreira	44
5.2	Consolidação da carreira	48
5.3	A vida em Rancharia	56
6	PROJETO EDITORIAL	62
6.1	Introdução	62
6.2	Objetivos	62
6.2	Objetivo geral	62
6.2.2	Objetivos específicos	62
6.3	Justificativas	63
6.4	Público-alvo	63
6.5	Linha Editorial	63
6.6	Estrutura	65
6.7	Ilustração sonora	66
6.7.1	Vinheta de abertura	66
6.7.2	Vinheta de passagem	66
6.7.3	Vinheta de encerramento	67
6.8	Recursos Financeiros	67

6.9	Recursos Humanos	67
6.10	Recursos Técnicos	68
7.	MEMORIAL DESCRITIVO	69
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	75
	ANEXOS	77
	ANEXO A – ENTREVISTAS	78
	ANEXO B – MATÉRIA PUBLICADA NA REVISTA OPÇÃO	142
	ANEXO C – TRECHO DO LIVRO ANTES QUE A MEMÓRIA FALHE	146
	ANEXO D – PUBLICAÇÕES EM SITES	152
	APÊNDICES	157
	APÊNDICE A - PAUTAS	158
	APÊNDICE B - SCRIPT	171

1 INTRODUÇÃO

Entre os meios de comunicação existentes, o rádio se destaca por conta de sua capacidade em se adaptar às mudanças propostas pelo surgimento das novas tecnologias e por sua característica individual de companheirismo, que faz os ouvintes se sentirem únicos. Sua particularidade o transforma em um veículo democrático, pois até mesmo os analfabetos conseguem se informar.

Antigamente, o rádio se limitava à transmissão de ondas eletromagnéticas e por isso podia ser ouvido apenas por um único aparelho. Hoje, com o avanço tecnológico proporcionado pela digitalização é possível ter acesso ao veículo por diversos aparelhos, como notebook, tablets, smartphones, dentre outros.

Nos dias atuais qualquer pessoa com acesso à internet consegue ouvir rádio, algo que ocasionou uma maior acessibilidade. Com base nesta transformação no modo de transmissão e recepção da mensagem, os autores desta pesquisa consideram a web como meio adequado para disseminar o conteúdo de áudio produzido.

A autora Javorski (2017, p.80) ressalta “desde o aparelho portátil, à pilha, ou do equipamento do carro até a transmissão via internet, não é difícil conseguir ouvi-lo”. A facilidade provocada pela web, por sua vez, permite alcançar ouvintes de todo o mundo, justificando a escolha do rádio.

Não se restringindo em expor fatos ou acontecimentos, este meio também consegue promover contextualização e análise, como no caso da reportagem, que se destaca pela capacidade de romper a superficialidade ao aprofundar-se sobre um mesmo assunto. “Sua função de informar permanece aliada ao objetivo de fazer o ouvinte entender o mundo e a sociedade em que vive e de provocar emoções e reflexões nesse sujeito”. (JAVORSKI, 2017, p.156).

Assim sendo, este trabalho optou pela elaboração de um produto radiofônico a ser transmitido em plataforma online, que no caso é a Web Rádio Facopp, implantada no ano de 2010, levando em consideração a facilidade de acesso e o baixo custo desta produção.

A proposta foi retratar a importância, tanto da produção literária quanto da musical, do compositor e cantor Dino Franco, partindo da premissa de que suas obras tiveram grande influência em meio ao contexto da música sertaneja raiz.

Para alcançar essa resposta, as técnicas empregadas no processo de aprofundamento sobre o objeto de estudo estiveram relacionadas ao método biográfico. Além da pesquisa bibliográfica, análise documental, as informações também foram recolhidas por meio de entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Todas essas questões serão abordadas no capítulo 2.

No capítulo 3 é abordada a história do Radiojornalismo, sua influência na sociedade, suas principais características, seus modos de produção e recepção da mensagem, e seus produtos. Em relação à reportagem, estão presentes os conceitos de pauta, entrevista, texto, edição e locução.

Considerando que este trabalho visa a veiculação de um produto sonoro em plataforma digital, no capítulo 4 contém informações relacionadas ao surgimento, ao diferencial e as particularidades da Webradio.

Para mostrar a relevância de Dino Franco para a música de raiz, o capítulo 5 trata sobre conteúdos relacionados ao início de carreira, assim como sua consolidação, e também à vida do artista na cidade de Rancharia.

Toda e qualquer produção jornalística precisa de planejamento, por isso foi fundamental a existência de um projeto editorial preestabelecido antes da realização prática. Desta forma, o capítulo 6 irá compor elementos como introdução; objetivos; justificativa; público-alvo; linha editorial; estrutura; e ilustração sonora.

O capítulo 7 consiste em apresentar detalhadamente todas as etapas percorridas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, desde a parte teórica até a realização da peça prática, contendo especificamente as atividades realizadas por cada membro do grupo.

Para encerrar, o capítulo 8 retoma os pontos teóricos abordados, além de mostrar as conclusões obtidas com a elaboração da pesquisa, como o objetivo geral e os objetivos específicos. Neste capítulo, também estão especificados os resultados alcançados no âmbito social, acadêmico e pessoal.

Contudo, além de atuar com exequibilidade na produção de um produto de baixo custo, o Radiojornalismo serviu de instrumento para contar uma história com base em depoimentos inéditos, obtidos por meio de entrevistas com personagens que fizeram parte, de uma forma ou de outra, da trajetória de vida do compositor e cantor Dino Franco.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização

Nascido no campo, no interior do estado de São Paulo, Osvaldo Franco mostrava determinação desde muito jovem, pois tinha o sonho de vencer na vida com o que mais gostava de fazer: compor, cantar e tocar viola.

Após passar dificuldades e superar desafios, Dino fez sucesso nacionalmente, compôs músicas que foram interpretadas por ele e por vozes de grandes nomes da música sertaneja, como o cantor Daniel, que colocou a música “Cheiro de Relva” em seu repertório do álbum Meu Reino Encantado.

A proposta deste TCC parte da hipótese de que o conteúdo produzido por esse artista tem relevância para a música sertaneja de raiz por conta das composições, dos sucessos obtidos durante a carreira e das interpretações próprias e de terceiros.

Considerando a produção jornalística como um método eficiente para contar uma história por meio de depoimentos e acontecimentos da realidade e o fato de que ainda não foi elaborado um material aprofundado sobre a biografia deste personagem, a pesquisa visa responder a seguinte questão: qual a importância de um produto jornalístico, do gênero reportagem, para sistematizar uma história sobre a produção literária/ musical do compositor e cantor Dino Franco?

2.2 Justificativas

Como justificativa social, entende-se que a pesquisa foi relevante pela finalidade de apurar e disseminar informações de caráter inédito sobre a vida e obra de Dino Franco em toda a sua trajetória, para que o programa de reportagem atinja o público amante da música sertaneja de raiz, as comunidades das cidades nas quais o artista viveu e do município em que habitou durante seus últimos 20 anos de vida, sistematizando uma história com começo, meio e fim, por meio de um produto acessível e de baixo custo.

Em relação à justificativa acadêmica, este trabalho proporcionou que as teorias aprendidas durante o curso de Jornalismo fossem colocadas em prática, tendo em vista a viabilidade na obtenção de documentos guardados pela família do personagem, que foram verificados, e também a oportunidade de entrevistar amigos, familiares, conhecidos, artistas que formaram dupla ou interpretaram suas

composições, e cantores, que possivelmente, desfrutaram de sua música. Almeja-se que o trabalho se torne fonte de informação para àqueles que desejam conhecer ou aprofundar os conhecimentos sobre o objeto de estudo.

Como justificativa pessoal, o grupo acredita que este estudo ajudou a potencializar os conhecimentos adquiridos na universidade, com ênfases aos que estão voltados à disciplina de Radiojornalismo, já que foi a área escolhida para a pesquisa. Sendo assim, os alunos o compreendem como uma forma de preparação para a concorrência no mercado de trabalho, onde é exigido uma boa qualificação profissional.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

Elaborar um produto jornalístico inédito referente à vida e à produção literária/musical do compositor e cantor Dino Franco.

2.3.2 Objetivos específicos

- Apurar informações sobre a vida e obra em toda a trajetória do artista;
- Sistematizar conteúdos em caráter jornalístico para conter uma história com começo, meio e fim;
- Produzir um programa de reportagem no sentido de ser um produto sonoro sobre a vida e a carreira de Dino Franco.

2.4 Metodologia

A metodologia foi o instrumento essencial para se alcançar o objetivo central desta pesquisa. Em relação à abordagem foi adotada a pesquisa qualitativa, que tem como objetivo descrever o objeto de estudo com mais profundidade. Mascarenhas (2012, p.46) afirma que:

A pesquisa qualitativa não é formada por etapas engessadas como as da quantitativa: aqui o pensador fica à vontade para desenhar o estudo da forma que julgar mais adequada. No entanto é importante manter em mente que a pesquisa deve apresentar uma estrutura sólida e coerente, capaz de receber a aprovação dos membros da comunidade científica.

No sentido de criar proximidade com o assunto abordado, este trabalho utilizou a pesquisa exploratória, que consiste em proporcionar conhecimento sobre um tema não explorado ou um assunto visto sobre uma nova perspectiva. Segundo Gil (apud Casarin, 2012, p.40), “[...] as pesquisas exploratórias são realizadas, em geral, por meio de revisões de literatura, estudos de caso ou entrevistas com pessoas que tenham experiências práticas, ou seja, especialistas no tema”.

A definição do método – conjunto de técnicas utilizadas em um estudo para obter uma determinada resposta – é de suma importância por ser o caminho que se percorre com o objetivo de chegar a uma conclusão científica. Neste trabalho, o método escolhido foi o biográfico. “A escolha do método deve levar em consideração a finalidade do estudo e a natureza do objeto ou fenômeno que queremos conhecer melhor”. (MASCARENHAS, 2012, p.51).

Segundo a autora Gobbi (2009, p.84), além de ser uma possibilidade de mergulhar no íntimo do entrevistado, este método é a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura, e também pode ser considerado a renovação do presente. “Hoje, é notável o interesse dos mais variados setores da população pelas histórias de vida”.

Os instrumentos essenciais para coletas de dados subdividiram-se em: pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas em profundidade. A pesquisa bibliográfica concentra-se na análise de livros, artigos, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, todo e qualquer material que sirva como meio de obter conhecimento sobre o tema abordado. De acordo com os autores Casarin (2012, p.46), “[...] nesse tipo de pesquisa, é possível verificar o que já foi produzido em estudos anteriores a respeito do assunto”.

Geralmente, os estudos bibliográficos apresentam vantagens em relação ao volume de informações. Mascarenhas (2012, p.49) ressalta que “a pesquisa bibliográfica é uma boa opção para quem tem dificuldade de entrar em contato com seu objeto de estudo”. Nesta técnica, os materiais coletados podem ser caracterizados por fontes primárias ou secundárias.

No caso da análise documental, as fontes não são estudos científicos sobre um tema, mas documentos oficiais que armazenam informações relacionadas ao assunto. Em geral, tanto a pesquisa documental como a bibliográfica são feitas por documento escrito ou algum registro como fotografias e filmes, por exemplo. Porém “a primeira categoria utiliza qualquer tipo de documentação que possa

fornecer dados para a pesquisa, como registros oficiais, dados estatísticos, relatórios e material audiovisual”. (CASARIN, 2012, p.46).

Tendo como foco a busca e apuração de informações relacionadas à trajetória do compositor e cantor Dino Franco, as entrevistas em profundidade foram adotadas como meio de coletar dados sobre o objeto de estudo. O autor Mascarenhas (2012, p.69) cita que “[...] a entrevista serve para levantar informações que não encontramos em fontes bibliográficas, mas podemos obter conversando com pessoas”.

Para Duarte (2014, p.62), a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que, com base em teorias e hipóteses definidas pelo pesquisador, busca obter respostas a partir da experiência subjetiva de uma determinada fonte, selecionada por ter informações que se deseja conhecer.

Dentre os tipos de entrevistas desta categoria, este trabalho optou pelo uso da entrevista estruturada e semiestruturada/semiaberta, que é constituída a partir de questionamentos sustentados em hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa.

No caso da estruturada, existe um roteiro de questões pré-estabelecidas que não pode ser modificado no decorrer da entrevista. Segundo Mascarenhas (2012, p.70), o entrevistador “não é livre para modificar perguntas ou mexer na ordem delas. Este modelo foi escolhido para as entrevistas feitas pela internet, pela localidade em que alguns entrevistados se encontravam.

No outro modelo de entrevista, as questões são pré-definidas, mas existe a possibilidade de surgir novas perguntas no decorrer da entrevista. Deste modo, “as questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade da resposta, das circunstâncias da entrevista”. (DUARTE, 2014, p.66).

Os questionamentos elaborados deram continuidade às novas hipóteses que surgiram com base nas respostas dos personagens, não existindo um padrão de questões que foram seguidos criteriosamente. Duarte também menciona que “o roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias”. Por este motivo, as informações surgiram de maneira livre e espontânea, fazendo com que os entrevistados se sentissem mais confortáveis ao falar sobre o tema.

À princípio, foram encontradas algumas informações sobre Dino Franco na internet. Para dar sentido e credibilidade ao trabalho foram lidos artigos e livros relacionados ao rádio, ao radiojornalismo e à webrádio. Guardados pela família, os documentos encontrados foram as fotografias de Dino Franco, que mostram parte significativa de sua trajetória.

Além disso, com as entrevistas da irmã Marina Ramos, da Sobrinha Ivani Ramos, dos amigos Nestor Prado e José Neves, do fã Odilon, do produtor Luiz Eduardo, do empresário e produtor Fonográfico Paulo Gomes, do cantor César Menotti e do professor Eduardo Oliveira foram colhidas informações que contribuíram para contar a história de Dino Franco, mostrando sua relevância no contexto da música de raiz.

2.5 Análise de dados

Nesta etapa, os dados coletados foram discutidos, organizados e analisados para que existisse a confirmação ou rejeição da hipótese inicial da pesquisa. Levando em consideração a gama de informações disseminadas em todo documento, foi necessário utilizar somente as que estão relacionadas à produção literária e musical do personagem. Segundo a autora Tozoni-Reis (2009, p.63), os procedimentos adotados para esta análise dependem do estudo em questão, seus objetivos, das intenções do pesquisador e também de seus referenciais teóricos.

Considerada a etapa mais importante do processo de realização da pesquisa, a análise dos resultados exige esforço crítico para que as interpretações dos mesmos tenham significados válidos. “Trata-se de compreender de forma mais aprofundada possível os resultados obtidos no processo de coleta de dados, que depois foram organizados em categorias”. (TOZONI-REIS, 2009, p.95).

Os conteúdos extraídos nos sites visitados na internet, nos referenciais teóricos, nos documentos guardados pela família e nas entrevistas realizadas, sustentam a ideia de que as obras produzidas pelo compositor e cantor Dino Franco é relevante para a música sertaneja raiz.

Primeiramente, os autores da pesquisa fizeram o primeiro levantamento colhendo dados a respeito do artista na internet, em sites como o G1, para obter informações básicas que dariam consequência à pesquisa. Descobriu-se que o cantor realizou um número significativo de trabalhos voltados à carreira

musical e compôs letras de canções conhecidas até hoje, que foram interpretadas nas vozes de cantores sertanejos de grande influência na música sertaneja.

Ao perceberem que ainda não havia sido criado um produto informativo sobre o personagem, os alunos resolveram ir a fundo para conhecer um pouco mais da história de Dino Franco, com a intencionalidade de sistematizar um conteúdo totalmente inédito.

Foi indispensável a leitura de livros e artigos relacionados ao rádio, uma vez que esta é a mídia de escolha dos autores; ao radiojornalismo, por ser a área escolhida para a execução prática do programa de reportagem; e à webrádio, já que o produto sonoro será veiculado em plataforma digital.

Posteriormente, com as entrevistas realizadas com Marina Ramos, Ivani Ramos e Nestor Prado foram utilizadas informações mais aprofundadas sobre a trajetória de vida de Dino Franco, enfatizando sua carreira, as dificuldades encontradas antes do sucesso, as produções que foram relevantes para a música de raiz e a influência do mesmo na vida de outros profissionais da música.

Para dar um pouco mais de aprofundamento para o trabalho, os autores optaram por recolher mais depoimentos por meio das entrevistas com José Neves, que se tornou amigo de Dino após ser produzido por ele; Odilon Dutra, que além de fã era um amigo próximo; e com Luiz Eduardo Rizzio, o proprietário do Stúdio Águia Records, que produziu alguns trabalhos com o Dino.

Para a produção do programa, além de realizar novamente as entrevistas com os personagens anteriores, foi necessário entrevistar o empresário e produtor fonográfico Paulo Gomes, o professor de literatura Eduardo dos Santos Oliveira e o cantor César Menotti, da dupla César Menotti e Fabiano.

Os autores da pesquisa, portanto, no decorrer do trabalho, utilizaram todos os dados que continham informações significativas sobre o objetivo de estudo para que eles fossem enfatizados e adotados no processo de produção do programa de radioreportagem a ser veiculado na Web Rádio Facopp.

No terceiro capítulo serão abordados os conceitos de Radiojornalismo.

3 RADIOJORNALISMO

Desde sua invenção, o rádio surge com caráter jornalístico. Não existia entretenimento, nem música ou poesia para distrair os leitores, mas sim uma prestação de serviço. De acordo com Ferreira (2014, p.29), o primeiro experimento oficial de rádio no Brasil marcou a prática do jornalismo, com a transmissão do discurso do presidente Epitácio Pessoa. “Quem ouviu, recebeu uma mensagem com informações de interesse do governo, e possivelmente, do cidadão brasileiro”.

O primeiro grande marco do radiojornalismo brasileiro foi o Repórter Esso, noticioso patrocinado pela Companhia Esso de Petróleo, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. No dia 28 de agosto de 1941, ocorreu a primeira de milhares edições que se encerravam no dia 31 de dezembro de 1968.

Segundo Barbosa Filho (2009, p.43), “[...] as fases iniciais do rádio foram determinantes para que ele atingisse o seu apogeu, firmando-se como o grande meio de comunicação da sociedade brasileira”. Mesmo com a chamada Fase de Ouro, o rádio teve que aderir uma nova estrutura para conseguir sobreviver como um meio de comunicação de massa após a chegada da televisão.

Os serviços de utilidade pública da Rádio Jornal do Brasil foram importantes porque colaboraram para que o espaço da rádio não fosse ainda mais reduzido por causa da televisão. “Uma outra inovação ocorreu na década de 1970 com a criação das agências de produção radiofônica, que apresentavam programas com artistas famosos e assuntos de interesse do momento [...]” (BARBOSA FILHO, 2009, p.44)

Por atuar prestando serviços à sociedade, o rádio não pode transmitir uma notícia se o profissional não trabalhar com ética e veracidade nas informações. Segundo Jung (2013, p.20) a reprodução de informações sem a devida apuração é um grande exemplo relacionado à falta de ética. Para ele “pode ser chamada de cópia, plágio ou pirataria, jamais de jornalismo”.

3.1 Características do rádio

Com as inovações do rádio e suas conquistas, este meio de comunicação foi adquirindo características únicas. De acordo com Ferreira (2014,

p.25), existem características do rádio, as quais mantém atuante e dinâmico pelo mundo afora, ainda que sua morte tenha sido preconizada com o advento da televisão enquanto veículo de forte apelo, por reunir som e imagem. Ainda segundo ele “as características decorrem de definições dadas por diferentes estudos. A mais básica de todas é a oralidade; o rádio fala, enquanto ao receptor cabe apenas a capacidade física de ouvir”.

O fato do rádio ter a capacidade de transmitir acontecimentos no calor do momento o torna um veículo com caráter imediato. As transmissões realizadas nos locais onde eles ocorrem passam a sensação de agilidade. O autor Barbosa Filho (2009, p.47) explica que “[...] o rádio acelera a disseminação das informações em curto espaço de tempo, subsidiando a sociedade, os grupos e indivíduos em dada formação cultural”.

De acordo com César (2015, p.165), a instantaneidade do rádio é uma de suas principais qualidades, pois a rapidez na informação conquista qualquer ouvinte, que consegue acompanhar o ocorrido de forma simultânea, uma vez que “[...] para ouvir uma informação, o ouvinte tem de estar presente, diante do rádio, na hora da transmissão”. Sendo assim, há apenas uma oportunidade de compreender conteúdo transmitido, diferentemente dos jornais e revistas.

Por ser um meio que atua, especialmente, com elementos sonoros, o rádio se relaciona com a sensorialidade pois consegue mexer com a imaginação dos ouvintes. Não é como na televisão, onde a fala é acompanhada por imagens prontas. Conforme Barbosa Filho (2009, p.45) “[...] no rádio o ouvinte tem a liberdade de criar, com base no que está sendo dito, a imagem do assunto/pessoa/fato”.

Ao referir-se à sensorialidade, Ferreira (2014, p.25) aplica a seguinte explicação:

A sensorialidade está para o rádio com a característica mais marcante por permitir dar asas à imaginação. Pergunta-se: qual o tamanho da imagem de um televisor. Resposta: depende das polegadas de sua tela. Pergunta-se: qual o tamanho da imagem do rádio. Resposta: o tamanho da imaginação de quem ouve.

Para César (2015, p.164) o rádio é capaz de intervir na sensibilidade do público por estimular apenas o sentido da audição. Desta forma, a forma na qual o jornalista interpreta um determinado acontecimento e o transmite ao público pode emocioná-lo, e, por isso, é essencial utilizar expressões que melhor se adequam ao contexto do acontecimento para não causar nenhum tipo de sensacionalismo. “O

sentimento de impacto gerado no ouvinte será diretamente proporcional à maneira como o comunicador exterioriza sua emoção”.

O rádio se torna autônomo por estar isento de elementos como fios e tomadas, facilitando seu deslocamento para que os ouvintes possam se manter informados em qualquer lugar que estiverem. César (2015, p.166) acredita que a portabilidade faz com que as pessoas tenham interesse em ouvir rádio, pois “o ouvinte escuta a programação enquanto está fazendo outras coisas: trabalhando, dirigindo, deslocando-se, comendo, tomando banho, descansando ou até mesmo dormindo”.

Essa autonomia faz com que cada indivíduo se sinta único ao receber a mensagem radiofônica. Desta forma, o rádio também passa a aderir a característica de companheirismo por transmitir a impressão de estar falando particularmente com cada ouvinte. Ferreira (2014, p.27) ressalta que “está na cabeceira da cama durante sono ou mesmo quando há insônia”.

Em relação à intimidade criada entre o emissor e receptor, o autor Barbosa Filho (2009, p.46) explica que “as palavras, a forma de falar, são pensadas para ouvinte com suas particularidades e expectativas”. Para o autor, o tratamento íntimo ocasionado por expressões como “amigo ouvinte”, “caro ouvinte” ou “querido ouvinte” faz com que o veículo se torne uma espécie de companheiro.

Por prestar serviços de utilidade pública tendo como base o acesso à informação para pessoas com diferentes classes sociais, o veículo atua com exequibilidade em suas produções. Ao exercer uma comunicação que contribui para a história da humanidade, Barbosa Filho (2009, p.49) acredita que o rádio “deixa como legado princípios como ação, atuação, transformação e mobilização”.

O rádio é imbatível como prestador de serviços. É a campanha de vacinação, o documento perdido, o parente desaparecido...Enquanto a TV é engessada pela programação em rede, o rádio é flexível. Por isso e por ser bem maior o número de emissoras, presentes em quase todos os 5.564 municípios brasileiros, o rádio está mais acessível às comunidades locais. (FERREIRA, p.26)

Ao atuar com essa prestabilidade, reservando espaços aos serviços capazes de atender à sociedade, o rádio transforma-se em um veículo interativo. Para Ferreira (2014, p.26) pedir uma música, fazer uma reclamação, procurar por

alguém desaparecido, anunciar uma festa e opinar em debates são bons exemplos de interação.

Além da capacidade de mobilização social, um dos fatores que contribui para que o rádio esteja presente na maioria das cidades brasileiras está relacionada ao seu baixo-custo, uma vez que “[...] o baixo-custo é essencial para o rádio enquanto veículo de expressivo apelo popular. O aparato técnico não é tão caro como em outras mídias. O aparelho receptor tem o preço bem acessível”. (FERREIRA, 2014, p.25)

Diferente das webrádios, onde os conteúdos são armazenados para que os ouvintes possam ouvi-los quando quiserem, no rádio a programação segue uma sequência de horários estabelecidos pela própria emissora, aderindo a seletividade. “O público escolhe o que quer ouvir, mas somente dentro do horário em que lhe é oferecido” (FERREIRA, 2014, p.26)

Uma das vantagens do rádio é a possibilidade de falar simultaneamente para milhões de pessoas, conforme explica Barbosa Filho (2009, p.45). Essa penetração está relacionada à parcela de audiência, que segundo o autor diz respeito ao tempo gasto pelo ouvinte ao ouvir uma programação, e também ao alcance de audiência, que corresponde à quantidade de indivíduos que ouvem rádio.

Ao fazer referência à característica de penetração no rádio, César (2015, p.76) explica que o rádio não tem fronteiras por estar presente em uma cidade do interior, mostrando seu caráter regionalista, ou em locais mais remotos, de alcance nacional e internacional.

Essa capacidade de alcance do rádio o torna, sem sombra de dúvidas, um veículo de comunicação de massa, pois conforme relata Ferreira (2014, p.27) “[...] o público é numeroso, anônimo e heterogêneo. Portanto, possui audiência ampla sem que o ouvinte seja identificado individualmente e atinge diversas classes socioeconômicas, com anseios e necessidades diversas”.

3.2 Produção e recepção da mensagem

Na produção de uma notícia para o rádio, o jornalista deve respeitar os fatores que serão agregados ao material produzido. Para contar uma história no rádio, Ferreira (2014, p.45) acredita que “[...] no mínimo deve apresentar respostas

ao fato ocorrido”. Segundo ele, as respostas obtidas devem estar relacionadas a questionamentos como quem, onde, quando, por que, como, e para quê.

Ainda segundo o autor, “[...] novidade, relevância e proximidade são essenciais para uma mensagem que desperte o interesse do público ouvinte”. Os conteúdos inéditos causam impacto nas pessoas porque ninguém deseja obter informações sobre o que já sabem. Mesmo que o fato não seja inédito é possível ir a fundo e encontrar algo novo, que seja capaz de revelar conhecimento.

Em relação à linguagem, ela deve ser nítida, simples, concisa, invocativa e agradável de ouvir. Ao falar sobre a transmissão sonora, Salinas (apud Barbosa Filho, 2009, p.77) compreende que:

O rádio é o único meio de comunicação de massa que se utiliza apenas do som em sua expressão. O rádio possui a exclusividade da magia sagrada do som. Atribui-se seu poder justamente à ausência da imagem, poder este que reside na sua capacidade de ativar a imaginação visual, onde nada é visto, somente ouvido, e a mente de cada um encarrega-se de criar as imagens que correspondem ao som [...]

Explicados por Abraham Moles, a autora Ortriwano (1985, p.82), explica os tipos de recepção da mensagem no rádio. Dentre eles estão o ambiental, quando o rádio serve como pano de fundo por meio da música ou das palavras; companhia – quando o ouvinte consegue prestar atenção mesmo ao realizar alguma atividade de forma simultânea; atenção concentrada – apesar das atividades paralelas o ouvinte se concentra na mensagem que for do seu interesse; e seleção intencional, que consiste em selecionar propositalmente um programa específico.

O rádio é um meio onde os acontecimentos ou fatos são expostos na estrutura de em um contexto ideológico que se deseja transmitir aos ouvintes, sendo composto por elementos sonoros. Desta forma, a mensagem de um produto radiofônico “[...] precisa respeitar todas as características do meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor [...]”. (ORTRIWANO, 1985, p.83).

Não se limitando em narrar um fato, o veículo deve fazer uso de elementos que compõem a mensagem radiofônica, pois os sons agem diretamente na sensação auditiva e fazem com que os ouvintes sintam-se interessados no conteúdo sonoro. Segundo Barbosa Filho (2009, p.78), “[...] a relação com os

receptores-ouvintes é dependente das infinitas formas de emitir som e que são reelaboradas por eles de acordo com o vínculo estabelecido”.

3.3 Produtos radiojornalísticos

O sucesso do jornalismo no rádio está relacionado à valorização que as emissoras passaram a dar aos produtos jornalísticos, abrindo espaços para exibição de programas informativos com formatos variados. O gênero jornalístico é denominado por Barbosa Filho (2009, p.89) como um “instrumento de que dispõe o rádio para atualizar o público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos”.

Um dos formatos é o Radiojornal ou jornal falado, que, segundo Barbosa Filho (2009, p.100), “[...] é constituído por diversas seções ou editorias”. Para ele, esse tipo de programa é caracterizado pela periodicidade diária, que mantém a regularidade nos horários de transmissão, garantindo uma credibilidade aos ouvintes.

Constituída por pessoas com opiniões e versões diferentes sobre um mesmo assunto, a mesa-redonda é um modo de discutir sobre temas de uma forma coletiva. De acordo com Barbosa Filho (2009, p.103), ela é “[...] composta por especialistas que, tendo ou não valores comuns, procuram esclarecer e elucidar o público sobre um ou mais temas abordados”.

Uma das formas de obter conhecimento amplo sobre um determinado assunto é o documentário, que tem o papel social de promover a reflexão a respeito de um tema específico. As informações são apuradas com mais profundidade em função do tempo de sua produção. Ferreira (2014, p.41) afirma que nesse tipo de produto o documentarista tem a possibilidade de expressar seu ponto de vista de uma forma subjetiva. “É um programa mais elaborado que requer pesquisa e roteirização. Pode ser semanal, quinzenal ou mensal”.

Com duração de, aproximadamente, três a cinco minutos, o boletim tem a finalidade de expor os acontecimentos mais relevantes para manter o público informado. Ortriwano (1985, p.93) diz que boletim é um “[...] noticiário apresentado com horário e duração determinados, com característica musical de abertura e encerramento”.

Por ser transmitida no momento em que os fatos realmente estão acontecendo, a cobertura jornalística, segundo Ferreira (2014, p.42) exige habilidade do jornalista, principalmente na questão do improviso porque ao realiza-la as técnicas de reportagem e entrevista devem prevalecer.

Considerado por Ferreira (2014, p.41) como uma “informação relâmpago”, o flash é um produto jornalístico diferenciado, pois nele nem todas as perguntas do lead precisam ser respondidas, funcionando como uma espécie de plantão que interrompe a programação quando necessário.

A edição extraordinária, ainda segundo o autor, também noticia um fato importante e imediato, podendo avançar na programação e se estender por horas. Porém “[...] permanece no ar enquanto houver novidade. Explora todos os detalhes possíveis”. (FERREIRA, 2014, p.41)

De acordo com Ortriwano (1985, p.93), informativo especial pode ser “informações sobre fatos de um mesmo campo de atividade, em que apenas interessam as notícias referentes aquele setor”. Geralmente, isso ocorre em programas esportivos.

Em relação aos interprogramas, Ferreira (2014, p.42) explica que “[...] são programas curtos, apresentados entre um e outro programa de maior duração”. Segundo o autor, esse tipo de programação tem um tempo médio de cinco minutos e abordam assuntos específicos, como saúde, educação e meio ambiente.

No caso das mesas-redondas ou debates são abertos espaços para pessoas discutirem, expondo diferentes ideias e opiniões a respeito de um ou mais assunto. Barbosa Filho (2009, p.10) explica que geralmente existe um mediador que impõe regras aceitas pelos participantes. Para ele:

O debate supõe a presença de defensores de ideias que possam expor valores sem a presença, no ar, de assessores, especialistas e comentaristas. O debatedor está sozinho para defender seus princípios. A mesa-redonda é composta por especialista que, tendo ou não valores comuns, procuram esclarecer e elucidar o público sobre um ou mais temas abordados.

Considerada, enquanto produto jornalístico, uma das formas de aprofundamento a respeito de um assunto, a reportagem se inicia quando o jornalista resolve ir em busca das informações para que elas se tornem de conhecimento do público. Segundo Ferreira (2014, p.42), “[...] a reportagem

enquanto gênero representa o testemunho direto de um fato retratado objetivamente pelo repórter e comprovado com os testemunhos de pessoas relacionadas ao contexto [...]”.

Segundo Porchat (apud Barbosa Filho, 2009, p.93), a reportagem pode ser definida como “conjunto de providências necessárias à elaboração de uma matéria. Engloba pesquisa, entrevista e seleção de dados relacionados à mensagem a ser vinculada”. Enquanto a reportagem, para Prado, seria “[...] um agrupamento de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema”.

Na reportagem no rádio, assim como em outros produtos jornalísticos, há o emprego da técnica de entrevista, pois ela é um meio de apurar informações e obter versões variadas a respeito de um assunto. De acordo com Ferreira (2014, p.42), “a principal finalidade da entrevista é obter informações que novidades, esclareçam fatos e marquem opiniões”. O entrevistado “é sempre alguém que tenha algo importante a dizer”.

O autor também se refere ao programa de variedade, e como o próprio nome já diz, nele contém uma diversidade de assuntos de interesse do público. Geralmente, “[...] é voltado para o entretenimento, com música, humor e informações” (FERREIRA, 2014, p.42). Em períodos distintos, essa programação ocorre diariamente, com duração de duas ou três horas.

3.4 Reportagem

A reportagem é considerada uma técnica de produção jornalística e um gênero ao ser exibida como um programa específico. Dentre as características do gênero citadas por Jorge (2008, p.68), estão a humanização, que “individualiza o fato social através de personagens”; o contexto social por fazer referência às questões sociais capazes de inquietar a sociedade; e a reconstituição histórica que está relacionada às “situações vivas e remissão histórica”.

Ir em busca de informações com objetivo de elaborar uma história para ser divulgada em uma estrutura própria é trabalho de todo jornalista, seja ele repórter ou não. Independentemente da função empregada, é de responsabilidade do profissional se importar com todo o processo e todos os passos a serem seguidos “da coleta de informações à veiculação da notícia, passando pela

elaboração da matéria”. (FERREIRA, 2014, p.33). Segundo o autor, não há como separar a função de repórter e a profissão de jornalista.

A inseparável função da profissão é o resultado de qualidades inerentes ao jornalista: poder de observação, retenção de elementos informativos e interpretação dos fatos, no rádio aliados à capacidade narrativa mediante a utilização dos recursos de texto ou improvisado, inserindo falas dos envolvidos ou testemunhas dos fatos.

Jung (2004, p.114) também acredita que todo jornalista executa uma reportagem pois “esteja em serviço ou não, o jornalista tem de estar atento para os fatos que, potencialmente, são notícia e podem interessar ao público”. Para ele, o jornalismo se diferencia na reportagem, onde a notícia é levantada, os fatos são investigados e esclarecidos de forma inédita aos ouvintes.

Não se pode perder a oportunidade de apurar os acontecimentos no momento e na localidade em que ocorrem porque há a possibilidade de encontrar personagens com testemunhos que podem constituir uma boa reportagem. “Perguntas e abordagens benfeitas são as ferramentas do repórter para chegar o depoimento que fará diferença no trabalho publicado” (JUNG, 2013, p.115).

É essencial dar voz a todos os envolvidos em um acontecimento, ouvir os dois lados e respeitar as opiniões que se diferem. “O repórter capta a notícia e, com base no que viu e em depoimentos de entrevistados, conta para o ouvinte o episódio da melhor maneira possível” (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.41). Os sons ambientes ajudam a contextualizar o assunto narrado, fazendo com que o público o compreenda melhor e sinta o clima do acontecimento.

O repórter deve cultivar suas próprias fontes de informação e acompanhar os assuntos pelos jornais, revistas, internet, emissoras de rádio concorrentes e também pela televisão. Pesquisas ajudam no aprofundamento da reportagem. (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.40)

Noticiar no calor do momento, conforme Ferreira (2014, p. 34), é tarefa adequada ao jornalista nato ou daquele que está preparado para superar seus limites e emoções. Por consequência da facilidade em fazer uma cobertura jornalística sem complicações técnicas, apenas com o uso de um gravador, o rádio exige que o profissional esteja bem apto para apurar, produzir e veicular a matéria de forma simultânea.

Considerada um gênero capaz de ser interpretado pelo público por compor versões distintas sobre um mesmo fato, a reportagem busca o aprofundamento e seu tempo de apuração e produção é maior se comparado ao da notícia. Deste modo “o jornalismo lança mão de todas as suas possibilidades, convergida em uma reportagem, para cativar o público”. (FERRAZ, 2016, p.133)

Para reafirmar a ideia de que a notícia e reportagem são gêneros distintos e mostrar a diferença entre ambos, Jorge (2008, p.73) esclarece que:

A reportagem tangencia a Sociologia, a Antropologia e outras ciências, como a Psicologia, quando estuda os fenômenos sociais e seus agentes. Reporta episódios da vida real – os acontecimentos e as representações. Aproxima-se da literatura e costuma ser confundida com ela.

Composta por elementos de pouca complexidade, a notícia é a informação ‘crua’ de um fato enquanto a reportagem pode provocar desdobramentos diversos a respeito de um mesmo assunto. Barbosa Filho (2009, p.92) acredita que ela consegue “ultrapassar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes, leitores, telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado.”

Os sons também contribuem para prender a atenção do público pela capacidade de contextualizar a história e trazer forma ao conteúdo da narração, despertando, assim, o imaginário dos ouvintes de maneira eficaz. De acordo com Ferraz (2016, p.148), se composta por elementos como a palavra, a música, ruído/efeito sonoro, e o silêncio, a reportagem será “mais criativa do que se ouve comumente no rádio brasileiro”.

Em vista da possibilidade de apurar informações específicas, entrevistar pessoas com diferentes opiniões em uma maior proporção de tempo, transmitindo conteúdos inéditos sobre a trajetória de Dino Franco por meio de um documento sonoro capaz de despertar a imaginação naqueles que ouvem, foi feita a escolha da reportagem para se alcançar o objetivo central desta pesquisa.

3.4.1 Pauta

É por meio da pauta que se inicia o trabalho jornalístico. Sua elaboração é realizada para que o repórter tome conhecimento do assunto antes de ir às ruas. Segundo Ferraretto (2014, p.151), nela contém informações básicas

como: um resumo breve sobre o assunto; questões a serem respondidas; nome, profissão, endereço, telefone, e outras informações básicas a respeito da fonte; no caso das suítes, indicações do que foi já feito; e, se necessário, a linha editorial da emissora.

O modelo de pauta varia de acordo com o tipo de veículo de comunicação na qual a notícia será veiculada. Em relação ao rádio, Jorge (2008, p.50) comenta que “nem todas as rádios elaboram pauta, pois muitas ficam apenas numa lista de assuntos do dia. Por não dispor da imagem, o rádio utiliza texto, música e efeitos sonoros para se expressar”.

Sem equipe, contando apenas com o faro experiência, senso da notícia, telefone e gravador, o repórter de rádio é o único que pode cumprir uma pauta instantaneamente, enquanto o fato se desenrola. Por isso, a pauta do rádio é sucinta: depende, sobretudo, do profissional, no tempo e na hora. (JORGE, 2008, p.50)

“A partir da existência da pauta, pôde-se esquematizar o fechamento, planejar a rotina dos jornalistas e estabelecer padrões de produção de conteúdos e funcionamento das empresas”. (JORGE, 2008, p.39). Desta forma, a pauta pode ser considerada um roteiro de assuntos responsável por definir o percurso dos repórteres, que geralmente costumam entrar em contato com a redação para atualizar informações e dar conhecimento de suas pautas.

Boas pautas podem resultar em matérias com destaque se houver empenho por parte do jornalista, porque é uma tarefa que exige o máximo de imaginação e criatividade. Entretanto, conforme Lage (2009, p.35), não se pode dispensar o fato de que há matérias destinadas a ser manchetes, enquanto outras dificilmente vão ter esse privilégio. “O jornalismo é um discurso datado”. Em determinada época um assunto pode ter mais relevância que o outro ou vice-versa.

3.4.2 Entrevista

Uma das formas de apurar informações para serem posteriormente divulgadas em algum veículo de comunicação é a entrevista, que pode ser caracterizada como uma técnica de interação social porque “quebra isolamentos e serve à difusão de vozes, ao pluralismo informativo” (JORGE, 2008, p.113). No

momento da entrevista existem regras, ou seja, o entrevistador pergunta enquanto a fonte responde.

Entretanto, o jornalista não deve se limitar às regras preestabelecidas para que o entrevistado não se sinta acuado quando estiver sendo questionado. É necessário conduzir a conversa espontaneamente. Conforme afirma a autora Jorge (2008, p.114), “quando se dá o diálogo verdadeiro com a fonte, ambos os lados trocam ideias e tentam desenvolver um raciocínio, sempre em favor do público”.

Como todo método capaz de obter ciência sobre algo ainda não revelado, a entrevista visa analisar a relação entre o personagem que se conhece e o testemunho que ele tem a dizer. Segundo Ferraretto (2014, p.175) em um primeiro momento é a busca entre o entrevistador e a fonte que está em jogo. No entanto, no período em que a entrevista ocorre, o público torna-se “um novo sujeito a buscar conhecimento oferecido na inter-relação entrevistador-entrevistado”.

A entrevista envolve um contato planejado com a pessoa caracterizada como fonte de informação. O profissional, portanto, prepara-se para tal e segue um roteiro de indagação com o entrevistado e o assunto. Planejar uma entrevista significa pesquisar o tema e/ou a pessoa enfocada, estabelecendo um raciocínio a respeito que orienta o questionamento. (FERRARETTO, 2014, p.181)

Considerando a entrevista uma maneira de expandir a consulta às fontes com o objetivo de coletar diferentes interpretações e reconstituir fatos, Lage (2009, p.73) a caracteriza como um “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo”. O autor, do ponto de vista dos objetivos, cita quatro tipos de entrevistas:

A Ritual, onde o ponto de interesse está centrado mais na exposição do entrevistado do que o que ele realmente tem a dizer, tais como as entrevistas com jogadores ou técnicos no final de uma derrota ou vitória obtida em uma partida de futebol;

Na Temática aborda-se um tema na qual se supõe que o entrevistado tenha domínio e autoridade para falar sobre. A Testemunhal, que seria o relato de um entrevistado que participou ou assistiu determinado acontecimento. E a em Profundidade, que se baseia na figura do personagem, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou sua maneira de ser.

Lage (2009, p.75) explica sobre as entrevistas em relação às seguintes circunstâncias: Ocasional, quando não é combinada previamente; geralmente são mais sinceras ou menos cautelosas; Confronto, na qual o repórter assume a posição de inquisidor ao fazer acusações e contra-argumento, atuando como um promotor em um julgamento informal;

Coletiva, onde as perguntas de vários repórteres de diferentes veículos são submetidas ao entrevistado em ambientes formais ou informais; Dialógica, que seria uma conversa marcada com antecedência que reúne o entrevistador e o entrevistado em um ambiente controlado, permitindo um aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

Ao fazer com que a reportagem se torne um ponto de narrativa democrática, a entrevista é um elemento fundamental para dar validade e relevância ao conteúdo informativo, pois, segundo Ferraz (2016, p.136), “ela está a multiplicar a exposição de vozes e versões para um mesmo fato”. Ressalta-se que os depoimentos obtidos são intermediados e verificados pelos jornalistas antes de serem veiculados.

As vozes dos entrevistados se tornam emotivamente mais impactantes no meio radiofônico que as de outros veículos de comunicação, pois, nele “as falas são carregadas pela emoção do acontecimento”. Diferente da televisão ou fotografia, onde fatos são expostos com elementos visuais prontos, o áudio possibilita que o ouvinte expanda a imaginação ao criar suas próprias imagens.

É evidente que um som exagerado pode atrapalhar a fala do entrevistado, mas a regra, como é colocada nos manuais brasileiros, parece ter efeito contrário, ou seja, desaconselha o repórter a reparar nos sons ambientes com potencial de captação do acontecimento. Aconselhá-lo a silenciar o ambiente a fim de conseguir uma palavra clara do entrevistado e sem ruído de fundo e uma posição que pode inibir o protagonismo do som como parte da narrativa da reportagem. (FERRAZ, 2016, p.136).

Segundo os autores Barbeiros e Lima (2001, p.46), “boas entrevistas são as que revelam novos conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões”. Existe a possibilidade de arrancar do entrevistado mais do que ele inicialmente queria dizer a respeito de um tema específico, e, por isso, é fundamental humanizar o ambiente, deixando a monotonia de lado para que a conversa possa fluir de maneira natural, sem estar presa, necessariamente, em um roteiro preestabelecido.

Para ter um bom resultado, com elementos informativos baseados em testemunhos esclarecedores ao público, o jornalista precisa estar informado, atento e ter conhecimento sobre o assunto no qual irá abordar. No entanto, Barbeiro e Lima (2001, p.47) pressupõem que uma resposta pode mudar o foco da conversa e levá-la para um tema mais importante que o que foi estabelecido inicialmente. “Se isso ocorrer, o novo tema deve se tornar o ponto central da conversa”.

3.4.3 Texto

A diferença entre o texto de rádio e o dos veículos impressos e eletrônicos, segundo Barbeiro e Lima (2001, p.62), é a instantaneidade do meio. Deve-se levar em consideração que o ouvinte terá apenas uma oportunidade de compreender o assunto narrado, pois “a mensagem no rádio se dissolve no momento em que é levada ao ar”.

Assim deveria ser a atitude de todos os redatores de notícia: escrever apenas o essencial, sem floreios nem arroubos de eloquência. O texto jornalístico usado no rádio exige esse rigor com simplicidade. O ouvido daquele que escuta programas de rádio é muito sensível e, por isso mesmo, deve ser tratado com delicadeza de palavras, sons e facilidade de compreensão instantânea. (LAROCHINSKI, 2017, p. 198)

De acordo com Jung (2013, p.118), no rádio, a compreensão tem que ter caráter imediato, porque o ouvinte não tem a mesma chance de voltar atrás como um leitor de jornal após não ter entendido alguma ideia. É responsabilidade do redator encontrar um meio de melhor esclarecer determinadas concepções, por isso “o texto de rádio tem de ser objetivo, escrito de maneira clara e direta”.

Uma das sugestões citadas pelo autor, em seu livro *Jornalismo de Rádio*, é que o jornalista leia em voz alta o que foi escrito e identifique as palavras que causam estranhamento ou são pouco compreensíveis, uma vez que “o ouvido é um ótimo conselheiro” (JUNG, 2013, p.118). Mesmo que o texto demore um pouco mais para ficar pronto é de suma relevância produzi-lo com o máximo de empenho e sabedoria possível.

No lead, considerado o ponto de partida do texto, é preciso encontrar o elemento que dê vida ao assunto, ou seja, o fato capaz de atrair em um primeiro momento a atenção do público para o que está sendo dito. Assim sendo, Barbeiro e

Lima (2001, p.63) afirmam que “a missão do redator é conquistar o ouvinte na primeira frase. Se esta não levar à segunda, a comunicação está morta”.

O texto no rádio pode ser corrido, quando lido por um único locutor, ou manchetado, quando lido por dois locutores. No texto corrido, um período segue-se ao outro na página do computador no estilo manchetado os períodos são divididos, geralmente em duas linhas cada. A decisão pelo uso do texto corrido ou manchetado cabe à direção da emissora e ao departamento. (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.62)

A construção coerente do texto é tão importante, que, se for escrito de uma forma que não esclareça o assunto aos ouvintes, todos os procedimentos da reportagem podem não adiantar. Para Jung (2013, p.116), apenas seguir as normas estabelecidas na Língua Portuguesa não basta porque “o texto tem de ter coerência, não pode omitir ou se contradizer”. Segundo ele, a clareza no texto também está relacionada ao vocabulário escolhido para contar a história.

3.4.4 Edição

A edição é o ato de enxugar o material coletado na rua, aproveitando-se apenas dos elementos que darão sentido à história para contá-la de forma compreensível aos ouvintes. Os autores Barbeiro e Lima (2001, p.70) tratam a edição como “a forma de se construir de maneira mais organizada uma reportagem ou uma sequência de sonoras capazes de relatar um fato jornalístico”. Para eles, é de responsabilidade do editor corrigir os erros e avaliar o tempo da reportagem, relevando a importância do tema e a condição original do fato.

Com todo o conteúdo de gravação em mãos, o editor deve selecionar os melhores elementos sonoros e eliminar aqueles que são inutilizáveis, como as partes silenciadas e as interrupções de áudio, além de fazer a atividade de pós-produção. Conforme Barbeiro e Lima (2001, p.71) é necessário prestar atenção no ritmo da fala, entonação, pausa e respiração, pois detalhes como esses são importantes nos cortes e nas emendas necessárias de uma edição. “Os pontos ideais para cortes e emendas são descobertos pelo editor com a prática e a sensibilidade”.

No caso da montagem ser feita por um operador de áudio, redija a reportagem anotando deixas inicial (D.I) e final (D.F). Se possível, cronometre o trecho da entrevista que vai ser utilizado. Obviamente, se

“você mesmo for fazer a edição, essa prática deixa de ser necessária.” (FERRARETTO, 2014, p.78)

A etapa final de uma produção jornalística é a edição. Desta forma, a qualidade do conteúdo é de responsabilidade do editor, que pode fazer correções e orientar o repórter, caso o material recolhido não estiver de acordo com o desejado. “É do editor, ainda, a função de zelar para que as diretrizes estabelecidas na pauta não se percam ao longo do trabalho de apuração”. (SILVA, 2017, p.136)

3.4.5 Locução

O jornalista de rádio deve preocupar-se com seu principal meio de conseguir a atenção do ouvinte: a linguagem. A forma na qual a mensagem transmitida é interpretada pelo ouvinte define o nível de eficiência de um trabalho jornalístico, e, por isso, “é essencial manter uma personalidade equilibrada, agregada à intenção emocional e ao carisma pessoal” (CÉSAR, 2009, p.67). O autor ressalta que se houver preparo físico, cultura, informação bom vocabulário e conteúdo, o locutor executará grande influência em sua linguagem.

Para Ferreira (2014, p.45), a linguagem deve ter nitidez, ser simples, forte, concisa, rica em variações, repetitiva, invocativa e agradável de ouvir. É necessário considerar o fato de que o ouvinte terá a oportunidade de entender a mensagem uma única vez, e, por isso, o cuidado com a fala é de suma importância no rádio. “Ao locutor cabe uma boa voz, que seja audível clara e compreensível. A leitura ou o improviso devem ser marcados pela originalidade, criatividade, carisma e poder de síntese”.

No momento da narração radiofônica adota-se o uso de um tom coloquial, como se a conversa fluísse entre duas pessoas. Porém, a fala não pode ser reproduzida como se fosse um diálogo informal se levarmos em consideração que ela é um elemento importante para atrair a atenção do ouvinte. Segundo Jung (2013, p.120), ao emitirmos uma mensagem, seja ela no rádio, televisão ou discurso público, nos deparamos uma situação artificial de comunicação. “O segredo está em desenvolver, a partir de um padrão construído da fala, técnicas que nos aproximem do padrão espontâneo”.

Ao fazer uso de uma comunicação clara e objetiva, com ética, imparcialidade e uma abordagem verídica e justa dos fatos, o locutor consegue criar um vínculo de confiança com o público. Segundo César (2009, p.67), manter uma

personalidade equilibrada, agregada inteligência emocional e ao carisma pessoal é essencial. Porém, ele acredita que fatores físicos, socioculturais, e emocionais influenciam diretamente na linguagem.

O jornalista precisa estar atento às particularidades do próprio corpo, usufruindo da propriocepção para saber quais são suas habilidades e limitações ao executar uma tarefa específica. Geralmente, conforme César (2009, p.69), grande parte das pessoas acabam ignorando a si mesmo e à capacidade do corpo e da mente de executar determinada atividade.

Por meio da fala é possível sentir a insegurança, o nervosismo ou qualquer outro sentimento demonstrado pelo locutor no momento da transmissão da mensagem, e, por consequência disso, a prática do relaxamento torna-se indispensável. “O relaxamento é um ato muito importante para a boa execução dos trabalhos do locutor”. (CÉSAR, 2009, p.70).

Entre os inúmeros exercícios de relaxamento, existem os cervicais com giro e elevação dos ombros e rotação lenta do pescoço, acompanhados de profundas tomadas de ar com expiração entrecortada. À medida que fazemos disso algo constante em nosso trabalho, descobrimos certa harmonia entre o corpo e a mente. (CÉSAR, 2009, p.70).

A respiração também deve ser tratada como uma questão importante, pois a falta de controle sobre ela pode provocar erros e distorcer o significado sobre o que está sendo falado, fazendo com que o ouvinte não compreenda o assunto com a devida eficácia. Sendo assim, César (2009, p.71) aplica o seguinte conselho “a boa coordenação pneumofônica faz que o locutor pause nos momentos corretos e obedeça à pontuação das frases sem diminuir a intensidade da voz no decorrer da leitura”.

Entende-se, contudo, que a propriocepção, o relaxamento e a respiração são práticas que interferem diretamente na forma de abordagem de um fato e isso influencia na maneira em que o mesmo é interpretado por quem ouve. Por causa disso, profissionais que usam a voz como instrumento de trabalho devem exercitá-la e adotar métodos preventivos, evitando qualquer atividade que a prejudique. Para César (2009, p.75), “cuidar da alimentação e evitar certos hábitos inadequados é imprescindível”.

Sobre a narração radiofônica, Jung (2013, p.121) esclarece que:

Programas de rádio têm características próprias. A síntese noticiosa exige narração mais veloz. Enquanto a apresentação de um radiojornal pode ser mais cadenciada. A notícia anunciada pelo repórter também varia segundo as condições a que este estiver exposto.

Uma das coisas que também influencia diretamente no modo de locução é a forma na qual as palavras são pronunciadas, uma vez que “a clareza que buscamos a redigir um texto deve estar presente na fala” (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.79). Geralmente, os sotaques presentes em cada região devem ser mantidos no momento da narração radiofônica. Segundo Barbeiro e Lima, mesmo ninguém sendo obrigado a conhecer a pronúncia de todos os nomes é preciso procurar a origem e o jeito correto de dizê-los.

O capítulo seguinte irá conter conteúdos relacionados à Webradio, que se tornou um novo modo de transmissão de mensagens na atualidade.

4 WEBRADIO

Não se pode negar que o avanço tecnológico interfere diretamente no comportamento da sociedade, e, por consequência, o rádio passou ser transmitido pela internet. Para os autores Barbeiro e Lima (2001, p.36), “toda comunicação mundial, mais cedo ou mais tarde vai ser única e exclusivamente por esta via”. Segundo eles, existem muitos exemplos de atividades que deixaram de existir porque os responsáveis não conseguiram perceber as mudanças.

As emissoras de rádio passaram a investir em equipamentos mais modernos para os jornalistas utilizarem. Gravadores mais pesados foram substituídos por gravadores portáteis que são mais práticos pelo tamanho e também pela facilidade de uso. No entanto, o autor Gomes (2017, p.52) ressalta que não ocorreu mudança somente na forma de captar as matérias, pois “hoje as informações rodam o mundo em uma velocidade que os pioneiros do rádio nunca poderiam imaginar”.

A rapidez das informações aliada à velocidade particular do rádio faz com que mais ouvintes sejam atraídos pela mídia radiofônica. Um dos grandes aliados ao desenvolvimento do radiojornalismo mundial foi o surgimento da internet. Se a TV ameaçou o desenvolvimento do rádio no Brasil e tirou do ar milhares de profissionais e os levou para a “telinha”, a internet deu um novo fôlego às emissoras radiofônicas. (GOMES, 2017, p.52)

Neste contexto, os profissionais precisam ter o domínio sobre as ferramentas tecnológicas, agilidade no processo de apuração, produção, divulgação de conteúdo e também a capacidade de desempenhar funções variadas. Segundo Ferrari (2010, p.40), “além da necessidade de trabalhar com vários tipos de mídia, o jornalismo multimídia precisa desenvolver no repórter uma visão multidisciplinar, com noções comerciais e de marketing”.

Para adaptar-se às novas tecnologias, o rádio precisou mudar da transmissão analógica para a digital. Conforme Neuberger (2012, p134), o som com qualidade digital acaba sendo mais interessante para a maioria das pessoas por retirar os ruídos do analógico. Porém, há quem conteste esta afirmação uma vez que “ao digitalizar, o áudio é sintetizado, comprimido, o que causaria uma mudança de som”.

Tendo em vista que a mensagem transmitida em qualidade digital tem mais nitidez, se comparada com a analógica, devem encontradas algumas maneiras de evitar a exceção de ruídos para que os elementos sonoros sejam agradáveis aos ouvintes. Para Neuberger (2012, p.143) também deve ser feita a revisão de conteúdo, pois “os ouvintes não buscam apenas qualidade do som, mas um serviço multimídia, interativo, mais adequado com os padrões tecnológicos atuais”.

Por este novo sistema de rádio, será possível usar as funções de store e replay, ou seja, de dar pausa e recomeçar uma programação já transmitida, o que proporciona uma grande mudança na forma atual de se fazer e ouvir rádio. Hoje, é preciso repetir a informação no ar para que os ouvintes que sintonizam no meio de uma programação entendam do que se trata, ou quem é o entrevistado, etc.

A digitalização do sinal é uma das mudanças mais significativas entre as emissoras de rádio porque além do alto custo de investimento, a autora Javorski (2017, p.223) ressalta que os interessados em ouvir áudio de qualidade digital devem investir em um aparelho compatível. Porém, segundo ela, esse sistema oferece muitas vantagens “além da qualidade superior do áudio, ele permite maior interação com o público”.

Hoje em dia não é difícil encontrar pessoas que tenham acesso a aparelhos como smartphones, tabletes, ou notebooks, por exemplo. De acordo com a autora Prata (2013, p.4), uma pesquisa realizada pelo GPR – Grupo de Profissionais de Rádio, na qual 82% dos entrevistados disseram ouvir rádio pela internet, mostra que 77% usam redes sociais, 25% acessam a internet pelo celular, 22% possuem Iphone ou smartphone e 6% têm tablet.

No entanto, o sistema digital, seja qual for, traz uma série de vantagens e uma delas é a possibilidade de multiprogramação (multicast), uma vez que a digitalização permite a divisão de frequência em dois ou três canais diferentes, capazes de operar de forma simultânea e com programação diferente. (NEUBERGER, 2012, p.137)

As novas tecnologias promoveram resultados evolutivos em relação à produção, ao modo de transmissão e à recepção de informações radiofônicas e, com isso, ocasionaram o surgimento de webrádios que, segundo Prata (2013, p.3), “é um modelo de radiofonia genuinamente digital, não mais acessado por um aparelho de rádio, mas pelo computador ou smartphone”. Para ela, a Webrádio deve

ser compreendida como um conjunto de elementos abrigados em um único suporte: a internet.

Antigamente, o veículo requeria somente o ato de ouvir pela capacidade limitante de disseminar elementos sonoros, sem imagens ou textos escritos, por um aparelho específico. “Nesta pluralidade, cada vez o suporte importa menos, pois temos agora a diferenciação dos formatos, que se tornam mais híbridos” (PRATA, 2013, p.2).

Hoje, além de ouvir por áudio as mensagens transmitidas, o público consegue, por exemplo, encontrá-las em forma de textos, vídeos, fotografias, desenhos ou hipertextos. Essa multimídia, que se baseia na união de diferentes elementos em um único meio, pode fazer com que o rádio perca sua finalidade principal “que é usar somente o áudio, o que proporciona uma sensação mais intimista em quem o acompanha” (NEUBERGER, 2012, p.138).

Mesmo agregando informações complementares em formatos variados, o rádio não pode descumprir a função de informar por meio do áudio, algo que deu origem à sua evolução desde o seu surgimento. De acordo com a autora Javorski (2017, p.235), “o som deve ser valorizado, pois é a matéria-prima do radiojornalismo, mesmo em plataforma multimídia”. O som, portanto, não deve ser usado em segundo plano, ou seja, como complemento de um determinado conteúdo.

Atualmente, o público também tem a possibilidade de escolher o tipo de programação e o momento em que deseja ouvi-la. Conforme Gambaro (apud JAVORSKI, 2017, p.225) mesmo que a programação ao vivo seja de preferência de grande parte dos ouvintes, os serviços que oferecem essas possibilidades têm recebido destaque. “As emissoras transformam parte de sua programação ao vivo em conteúdo on demand disponibilizado no site para atrair e fidelizar o ouvinte”.

As redes sociais promovem a viabilidade de uma participação mais ativa dos ouvintes, e, neste contexto, eles não se limitam apenas à consumação e passam a ser produtores de conteúdo. “A partir do viés da linguagem, a nova radiofonia tem como base a interação, o usuário como produtor e consumidor de informações ao mesmo tempo”. (PRATA, 2013, p.3).

Não se pode negar que atos como pedir uma música, dar uma sugestão ou a participação em um programa jornalístico tornou-se hábito entre os ouvintes. Segundo Javorski (2017, p. 249), além das redes sociais, como o Twitter e

Facebook, é preciso dar destaque ao uso do WhatsApp, considerado por ela uma das formas mais produtivas de interação. “A voz da comunidade pode ser resgatada por meio dessas ferramentas”.

Seria ilusão pensar que o enriquecimento da informação provocado pela interatividade não tem como exigência um maior investimento na preparação do profissional. Levando em conta que o ouvinte se torna questionador ao querer entender de uma forma mais ampla os motivos de um acontecimento, Javorski (2017, p.230) afirma que “o jornalista precisa ter atenção redobrada na produção da notícia, com uma apuração mais aprofundada e objetiva, feita com base nos preceitos éticos da profissão”.

Para o rádio abre-se uma oportunidade de se criar, teoricamente, tantas emissoras quantas forem às pessoas conectadas na rede. Com isso, a informação, instrumento de poder monopolizador por alguns, vai se abrir para todos. O poder terá que encontrar novas formas de se organizar – sejam elas quais forem – e graças à nova via será mais democrático. (BARBEIRO e LIMA, 2001, p.37).

A facilidade de acesso, que proporciona uma maior possibilidade de comparar informações de fontes distintas, faz com que as pessoas estejam atentas aos conteúdos disseminados na web, e, por isso, os jornalistas precisam apurar os fatos com o máximo de dedicação possível. “Qualquer pessoa pode desmascarar uma notícia falsa com alguma investigação e posterior publicação em blogs ou até mesmo no espaço de comentários de grandes veículos”. (JAVORSKI, 2017, p.231).

É preciso investir em profissionais especializados, tendo em vista que o radiojornalismo não mais se limita em divulgar informações locais por causa de sua capacidade em alcançar a sociedade como um todo. Deste modo, Gomes (2017, p.59) afirma que “a internet surgiu para globalizar as rádios, para torná-las conhecidas pelo público dos diversos lugares do mundo...”

Contudo, a Web Rádio Facopp é o meio que os autores da pesquisa julgam como adequado para veiculação do produto de áudio a ser elaborado por levarem em consideração a facilidade no processo de produção; a digitalização que proporciona uma maior qualidade de áudio e o alcance amplo de ouvintes; a acessibilidade já que os conteúdos podem ser ouvidos por aparelhos eletrônicos que são bastante utilizados; e o armazenamento do arquivo em plataforma online, uma vez que na internet existe a possibilidade de ouvir novamente algo já transmitido.

4.1 Web Rádio Facopp

Conforme as informações disponibilizadas no site da WRF (2015), a ideia inicial de implantação da rádio online para a Facopp (Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente) foram dos alunos Fernando Passos, Regiane Moreira, Ricardo Schwarz e Wesley Mendonça, que elaboraram um projeto de TCC com essa proposta no primeiro semestre de 2009.

Por conta disso, as alunas de jornalismo Eliane Gushiken, Kassiane Perez, Letícia Oliveira, Marisa Goulart e Thais Gardin criaram um TCC nesse mesmo ano com a intenção de implantá-la efetivamente. Foi então que surgiu a Web Rádio Facopp (WRF).

Curiosas devido ao fato de mergulhar neste novo cenário ainda a ser explorado, a internet, que se apresenta como suporte para outras mídias, mas principalmente jornalistas engajadas na transmissão de informações com credibilidade e isenção na busca de cumprir seu papel social perante a comunidade.

A princípio, a ideia era colocar o nome do veículo de “Rádio Facopp Online”, mas os autores Gushiken et al. (2009, p.60) optaram por um nome mais moderno, que seguisse as linhas das webrádios de acordo a plataforma digital. “Ainda adotou-se a sigla WRF para facilitar a memorização e se diferenciar da TV Facopp Online”.

Segundo Gushiken et al. (2009, p.60), por se tratar de um meio online, a implantação de uma webrádio precisa de profissionais da área da informática, além dos comunicação. Sendo assim, foi necessário encontrar uma forma de dar vida ao layout já criado inicialmente. Além disso, “[...] o site precisaria estar alocado em um servidor que, por ser de uma webrádio universitária, deveria estar no domínio da universidade”.

As responsáveis por implantar a WRF fizeram uma parceria com a Faculdade de Informática de Presidente Prudente (FIPP), que disponibilizou um sistema capaz de disseminar informações em tempo real. “A programação da WRF conta com programas de entrevistas, notícias, reportagens e documentários”. (GUSHIKEN et al., 2009, p.120).

Os meios de comunicação, por conta da evolução das tecnologias, passaram a se modificar em um curto intervalo de tempo, se comparado ao o que ocorria nos séculos passados. Por isso, os veículos precisaram se adaptar ao meio online de uma forma inovadora. “A Internet, caracterizada por sua rapidez na propagação de informações, destacou-se também pelo breve tempo de sua aceitação: sete anos; enquanto foram necessários 400 anos para a consolidação da imprensa no mundo”. (GUSHIKEN et al., 2009, p.31)

Além da facilidade e rapidez, essa constante evolução trouxe diferentes modos de interação entre os usuários, que estão cada vez mais interessados em obter informações e também cada vez mais atentos sobre como as mesmas são recebidas. Desta forma, qualquer equívoco pode ser percebido facilmente e, por isso, o jornalista precisa redobrar a atenção antes de divulgar algum conteúdo na internet. Segundo a autora Ferrari (2010, p.23), ao subir para a web, a reportagem deve estar escrita, reescrita e consertada para o padrão de veículo.

Ferrari (2010, p.30) explica que por conta da possibilidade de conectar milhões de pessoas de forma simultânea, os sites jornalísticos passaram a ter o comportamento de mídia de massa. Por isso, ao estruturar um site é fundamental manter a organização visual para que os ouvintes possam ter acesso facilmente aos conteúdos disponibilizados.

Considerando a possibilidade de alcançar um grande número de pessoas de forma ágil, interativa e eficaz, sem desvalorizar o radiojornalismo, a Web Rádio Facopp torna-se o meio ideal para veiculação do programa radiofônico, uma vez que a informação manterá sua essência em formato áudio dentro de uma plataforma que atende às exigências da sociedade atual.

No próximo capítulo serão abordados acontecimentos relevantes sobre a trajetória de vida do compositor e cantor Dino Franco, enfatizando seu importante significado no contexto da música sertaneja de raiz.

5 DINO FRANCO

5.1 Início da carreira

Oswaldo Franco, conhecido artisticamente como Dino Franco, nasceu em 8 de setembro de 1936, na cidade de Paranapanema, situada na região Oeste, no interior de São Paulo. Foi criado em uma fazenda chamada Santa Ida, de acordo com sua irmã Marina Ramos Garcia¹, de 80 anos.

Foi o terceiro dos onze filhos de Maria das Flores Ramos e José Lázaro Franco. Além de Marina, Dino tinha os irmãos: Marisa Franco, Marlene Franco, Marilda Franco, Otávio Franco, Amauri Rei Franco, Antônio Ângelo Franco, Adão Xavier Franco, José Orlando e Amilton Franco.

Quando criança tinha o costume estranho de andar pelado. “Na roça ele estava pelado e quando ia para outro lugar costumava vestir apenas um cinto na cintura e um par de botas nos pés. Costume que durou até os 16 anos de idade”, afirma a sobrinha Ivani Ramos², de 46 anos.

Certo dia, ela resolve questionar o tio sobre o porquê que ele era acostumado a usar somente o cinto e o par de botas. Ivani³ conta que o Dino respondeu: “ué, porque senão eu ia me sentir pelado”.

Desde pequeno, Dino demonstrava interesse pela música. Aos 9 anos, pediu ao pai para comprar um cavaquinho. Segundo Marina⁴, depois de apenas um mês tocando o instrumento, o menino sabia tocar até a música “Brasileirinho” e aprendeu sem instrução de ninguém.

Aos 16 anos de idade, Dino já aderiu o domínio sobre viola e violão. No período em que ainda trabalhava duro na roça, ele demonstrava ainda mais empenho e dedicação pela música. “Ele chegava, tomava banho e cantava até para as 10 horas da noite, para depois ele dormir. Levantava antes de ir pra roça, afinava o violão, cantava de novo, levantava seis horas da manhã e ainda cantava pra depois ir pra roça”, conta Marina⁵.

¹Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

²Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

³Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

⁴Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

⁵Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

Com seu jeito humilde e carismático, Dino era uma pessoa bondosa, que nem media esforços para agradar ao próximo. Conforme conta Ivani⁶, ele “[...] era uma pessoa maravilhosa, de muitos amigos aonde chegava, seja no bar, na sorveteria, na lanchonete. Ele sempre fazia questão de pagar a conta”.

O produtor musical e proprietário do Stúdio Águia Records de Presidente Prudente, Luiz Eduardo Rizzio⁷, de 50 anos, que se tornou amigo de Dino durante o período em que trabalharam juntos, enfatiza sobre essa característica: “muitas das vezes eu o vi pegar o dinheiro que tinha no bolso e dar para alguém que tivesse precisando, em um momento de necessidade. Então, ele tinha um coração enorme”.

Além da generosidade, Dino Franco era bem humorado. O cantor César Menotti⁸ admirava a veia humorística do amigo. “Ele era muito engraçado nos casos que ele contava, na forma em que ele observava as pessoas que estavam em volta e tirava sarro daquilo. Realmente era uma coisa muito particular dele”, esclarece.

Dino Franco iniciou se apresentando em circos na região de Paraguaçu Paulista, no interior de São Paulo. Também fazia apresentações semanais na Rádio Marconi. José Neves⁹, de 67 anos, ex-integrante da dupla Duo Esperança, relembra desta época. “Ele cantava tanto que meu irmão foi o primeiro parceiro a cantar junto com ele na Rádio Marconi de Paraguaçu Paulista”, conta.

Em 1956, resolveu convidar o irmão José Orlando, apelidado por Zelão, para ir morar em São Paulo. Desta maneira, Dino seguiu na busca de um sonho com a cara, a coragem e o caderno debaixo do braço. De acordo com Marina¹⁰, ele sempre dizia que um dia iria para São Paulo nem que fosse para comer pão seco e que não voltaria enquanto não ouvisse seu disco tocar.

Depois de seis meses morando na capital, Dino conhece Oscar Tibagi Rosa e passa a aderir o nome artístico de Pirassununga. Juntos formaram a dupla Tibagi e Pirassununga, na qual faziam apresentações diárias em um programa de 15 minutos da Rádio Nacional de São Paulo.

⁶Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

⁷Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

⁸César Menotti. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 11 set. 2018

⁹José Neves. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 mai. 2018

¹⁰Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 abr. 2018

FIGURA 1 – Dupla Tibagi e Pirassununga em 1959



Fonte: Site Recanto Caipira

José Orlando acabou se mudando de casa após conseguir um emprego de vigilante. Mas mesmo assim, ciente de seu objetivo, Dino persistiu e

para sobreviver passou a trabalhar inicialmente como servente de pedreiro. Conforme Marina¹¹, “ele falava que tirava água do poço para fazer massa”.

Depois, Dino foi contratado como porteiro de uma clínica radiológica, onde trabalhou por cerca de 5 anos em troca de moradia. Marina¹² explica que “ele trabalhava cedo, abria a clínica, porque ele dormia no quartinho dos fundos da clínica”.

Em 1972, após ser submetido a testes, começa a viver da música assumindo o cargo Produtor Musical na Gravadora Chantecler. Seu primeiro trabalho foi produzir o primeiro disco da dupla Milionário e José Rico. Segundo Marina¹³, seu irmão produziu até o sétimo disco da dupla.

Durante o período em que trabalhava na Chantecler, Dino viajava nos finais de semana para fazer shows. De acordo com Marina¹⁴, foi a fase em que “começou a ficar melhor, deu pra comprar umas roupinhas mais ou menos, deu pra comer melhor”.

De acordo com as informações disponíveis no site da UOL¹⁵, Dino realizou gravações de discos com as duplas Pirassununga e Piratininga; Pirassununga e Belmonte; e Biá e Dino Franco.

Na década de 70, o artista inicia uma parceria com Sebastião Alves de Cunha, mais conhecido como Biá. Juntos formaram a dupla Biá e Dino Franco e gravaram seis LPs. Dentre os sucessos, destacam-se as músicas “Sementinha”, de Dino Franco e Itapuã, e “Pedaço de Poema”, de autoria de Flavio Mattes e Milongueiro.

¹¹Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

¹²Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

¹³Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

¹⁴Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

¹⁵ UOL. Sertanejo Dino Franco é encontrado morto em sua casa em Rancharia. 2014. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/sertanejo-dino-franco-e-encontrado-morto-em-sua-casa-em-rancharia-sp.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

FIGURA 2 – Capa do disco gravado pela dupla Biá e Dino Franco em 1975



Fonte: Youtube

5.2 Consolidação da carreira

Depois de tantas idas e vindas à carreira, em 1980, Dino Franco firmou uma parceria que durou 25 anos com Luiz Carlos Ribeiro, conhecido artisticamente como Mouraí. Chegou a montar um escritório na cidade de Ivinhema, estado do Mato Grosso do Sul, mas como não conseguiu trabalhar com música por lá tomou a decisão de se mudar para Rancharia. “Quando ele formou dupla com Mouraí, aí foi uma boa dupla. Rapaz, eles cantaram durante muitos anos [...]”, conta o fã Odilon Pereira Dutra¹⁶, de 88 anos, em entrevista concedida aos autores da pesquisa.

¹⁶Odilon Pereira Dutra. Fã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 14 mai. 2018

FIGURA 3 – Capa do disco “Sertanejo sem mistura” gravado em 1981



Fonte: Mercado Livre

Ao referir-se sobre a consolidação de carreira do irmão, Marina¹⁷ ressalta que “[...] ocorreu quando ele encontrou Mourai porque foi quando ele começou a aparecer com mais frequência em shows, a participar de programas. Ele começou a ganhar dinheiro, a ter uma vida boa”.

Por acreditar que Ivinhema era uma cidade bucólica e um lugar tranquilo para viver e criar melodias, Dino Franco compôs a música “Caçador de Ivinhema” em homenagem à cidade. Segundo Ivani¹⁸, a música “Borboleta Triste” foi composta na beira do rio Ivinhema. Quando era pequena, se lembra de estar sentada ao lado do tio e enquanto as algumas borboletas passavam perto da água ele começou a cantar os primeiros versos: “borboleta triste, de asas reluzentes, o que na alma sentia, não sei explicar”.

¹⁷Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 03 abr. 2018

¹⁸Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

José¹⁹ destaca a impressionante capacidade de imaginação que Dino tinha e explica que a música “Natureza”, composta por Dino Franco, foi escrita enquanto ele estava hospedado em um hotel de Goiânia, no estado de Goiás. “Do hotel ele avistava um rio, era uma noite de lua e ela estava refletindo na água”. E ressalta, “eu falo dele e fico meio emotivo”.

Considerado como um gênio da música sertaneja de raiz, Dino mantinha uma riqueza de detalhes em suas composições, pois conforme o amigo Luiz²⁰, em entrevista concedida aos autores da pesquisa:

As melodias e as letras são impressionantes. Parece que quando você ouve uma música do Dino Franco, ao fechar os olhos, você vê a cena acontecendo. Quando você ouve a música dele você vive aquele momento. A impressão que a gente tem é que ele está tentando contar uma história real para você. Ver a tamanha complexidade da letra e os detalhes dela remete pra gente aquela situação. Simplesmente impressionante, ele foi com certeza o pai da música sertaneja.

Dino não se casou, mas teve uma história de amor após vivenciar um romance com Jandira, na qual nasceu seu único filho, Osvaldo Franco Junior, que atualmente tem 54 anos de idade e mora em São Paulo. A paixão intensa entre os dois fez Jandira largar do marido para ir morar junto com Dino, porém a relação durou menos de um ano.

Ivani²¹ conta que tudo terminou por causa de um hábito do cantor. “Todos os dias antes de dormir ele tinha o costume de ler um versículo da bíblia para ela”. Um certo dia, ao ler uma parte que abordava sobre adultério no casamento, Jandira se indignou, fez as malas e voltou para os braços do marido ainda grávida.

Ainda conforme o relato de Ivani²², as músicas “Amargurado” e “Dois Travesseiros” foram compostas pelo tio. Ela acredita que ele as escreveu com a intencionalidade de falar de amor para retratar a história que viveu com Jandira. A canção “Amargurado” foi interpretada por Dino em parceria com Mouraí e, segundo Marina²² “até hoje o povo canta”.

¹⁹José Neves. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 mai. 2018

²⁰Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

²¹Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

²²Ivani Ramos. Sobrinha de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 abr. 2018

Além de ter sido gravada por Tião Carreiro e Pardinho e Dino Franco e Mouraí, Amargurado foi lembrada nas vozes de grandes nomes da música sertaneja. Dentre eles, Cezar e Paulinho, Chico Rey e Paraná, Chrystian e Ralf, Paula Fernandes e por Leonardo e Eduardo Costa na gravação do álbum cabaré.

Amargurado

*O que é feito daqueles beijos
 Que eu te dei
 Daquele amor cheio de ilusão
 Que foi a razão do nosso querer
 Pra onde foram tantas promessas
 Que me fizeste não se importando
 Que o nosso amor viesse a morrer
 Talvez com outro estejas
 Vivendo bem mais feliz
 Dizendo ainda que nunca
 Houve amor entre nós
 Pois tu sonhavas com uma riqueza
 Que eu nunca tive
 E se ao meu lado muito sofreste
 O meu desejo é que vivas melhor.
 Vai com Deus
 Sejas feliz com o teu amado
 Tens aqui um peito magoado
 Que muito sofre por te amar
 Eu só desejo que a boa sorte
 Siga teus passos
 Mas se tiveres algum fracasso
 Creias que ainda te posso ajudar.*

A canção Cheiro de Relva, composta por Dino Franco em parceria com José Fortuna, também ganhou reconhecimento nacional. “Com a música Cheiro de

Relva ele estourou. O sucesso foi tanto que diversos cantores regravam a música”, relata Marina²³.

Foi regravada nas vozes de artistas como as Irmãs Galvão, Chitãozinho e Xororó, Paula Fernandes, Daniel a interpretou em 2000 na gravação da primeira edição do álbum “Meu Reino Encantado”.

Ao ser questionado sobre qual das músicas de Dino Ihe causam mais admiração, Luiz²⁴, que é um grande apreciador da obra deixada pelo artista, conta que se ele tivesse que escolher somente uma escolheria a “Cheiro de Relva” por conta da poesia contida em cada verso.

Cheiro de Relva

*Como é bonito estender-se no verão
As cortinas do sertão na varanda da manhã
Deixar entrar pedaços de madrugada
E sobre a colcha azulada
Dorme calma a Lua irmã*

*Cheiro de relva
Traz do campo a brisa mansa
Que nos faz sentir criança
A embalar milhões de ninhos
A relva esconde as florzinhas orvalhadas
Quase sempre abandonadas
Nas encostas dos caminhos
A juriti madrugada da floresta
Com seu canto abre a festa
Revoando toda a selva
O rio manso caudaloso se agita
Parecendo achar bonita
A terra cheia de relva*

²³Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

²⁴Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

*O Sol vermelho se esquentava e aparece
O vergel todo agradece
Pelos ninhos que abrigou
Botões de ouro se desprendem dos seus galhos
São as gotas de orvalho
De uma noite que passou*

Paulo Gomes²⁵, de 55 anos, empresário e proprietário da BGK Fonográfica, editora responsável por administrar as obras de Dino Franco, comenta que *Amargurado* e *Cheiro de Relva* são as canções que ele mais admirava: “são duas obras que eu, que eu refuto como os melhores assim, as mais destacadas de Dino Franco”.

Além das músicas românticas, César Menotti²⁶ acredita que o diferencial de Dino Franco foi escrever canções que destacassem os detalhes da natureza. Para ele, são detalhes que “às vezes passam despercebidos aos olhos e só realmente um poeta consegue enxergar”.

O professor de Língua Portuguesa e Literatura Eduardo Oliveira²⁷ esclarece que *Cheiro de Relva* se assemelha com o arcadismo por causa do clima bucólico. Em seu ponto de vista, “ele vai trabalhando essa parte bucólica e faz com que pessoas que viveram nessa época ou que gostam de elementos naturais, elas de certa maneira vão viajar dentro da letra”.

Dino sempre foi crítico em relação ao novo estilo de música, o sertanejo universitário. Em entrevista concedida ao site História de Ivinhema, em 2012, ele deixa nítido seu posicionamento:

A verdade nua e crua é que eles não são sertanejos. Sertanejo é quem escreve poesia, fala da realidade do campo e da agricultura, por exemplo. O sertanejo universitário não é nada mais do que o aproveitamento de uma realidade que é o sertanejo, eles aproveitam uma ocasião, um embalo, uma integração do sertanejo, mas de sertanejo não tem nada. Não é diminuição que estou fazendo, mas é ditar, falar, mostrar uma verdade. Você só define a música sertaneja, escrevendo, compondo, gravando e defendendo. O universitário defende aquilo que já é feito. Às vezes pega uma obra séria e coloca em ritmo dançante.

²⁵Paulo Gomes. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 27 ago. 2018

²⁶César Menotti. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 11 set. 2018

²⁷Eduardo Oliveira. Professor de Língua Portuguesa e Literatura. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 17 set. 2018

Figura 4 – Entrevista concedida em 2011 na cidade de Ivinhema - MS



Fonte: Site História de Ivinhema

Nessa mesma entrevista, ao falar sobre o que seria a felicidade, o artista respondeu: “viver bem, fazer aquilo agrada, gostar de tudo o que se faz e realizar tudo que se pensa”. E exemplifica “você não pode ficar traumatizado por não realizar este ou aquele pensamento, a gente tem que realizar tudo o que pensa, e feliz daquele que consegue realizar”.

Com o hábito de se definir como violeiro, teatrólogo, músico e intérprete, ele dizia que o dom de escrever nasceu de uma inspiração. “Quando você recebe aquela inspiração maior em desenvolver em versos, trovas e cânticos de determinados temas, você desenvolve”.

Suas composições falavam sobre amor e a vida bucólica. Geralmente, a inspiração surgia com base em suas vivências e nos conhecimentos adquiridos no dia a dia, que eram transformados em poesia, música, em um disco da realidade.

Por conta de sua dedicação, seu empenho na carreira musical e o fato de ser um artista admirável, Dino Franco foi homenageado na Câmara de Rancharia, onde recebeu o título de Cidadão Ranchariense. Além disso, passou a ocupar a cadeira de número 14 na Academia de Letras de Campo Grande. “Ele tinha

um uniforme que vestia para usar lá. Era a coisa mais linda e acho que está guardado com a Marina”, enfatiza Luiz²⁸.

FIGURA 5 – Dino Franco na Academia de Letras de Campo Grande



Fonte: Arquivo Pessoal da Família

Em 2005, foi lançado o CD “Dino Franco 50 anos”, em homenagem à história do compositor, reunindo grandes sucessos do artista nas vozes de cantores como Mouraí, Duo Esperança, Abel e Caim, Milionário e José Rico, Liu e Leu, Chico Lobo, Jackson Antunes, além de suas irmãs Marina Ramos e Marisa Franco, da dupla Irmãs Franco.

²⁸Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

FIGURA 6 – Capa do CD “Dino Franco 50 anos de história” gravado em 2005



Fonte: Site Recanto Caipira

5.3 A vida em Rancharia

Após morar cerca de um ano em Ivinhema, Dino Franco se muda para a cidade de Rancharia, no interior do estado de São Paulo, com a intenção de cuidar dos assuntos referentes à carreira, já que fazia mais shows nessa região. Então, passou a morar com sua irmã Marina Ramos.

Apreciador de uma boa cachaça, o artista vivia uma vida boemia e adorava estar nos bares da cidade. Segundo Marina²⁹, ele adorava prozear,

²⁹Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

contando um pouco de histórias sobre sua vida, suas aventuras e também experiências vividas.

Além dos amigos, Dino recebia visitas de fãs com frequência e os recepcionavam muito bem, sem fazer desfeitas. Marina³⁰ enfatiza a generosidade que o irmão carregava consigo: “Dino também ajudava novas duplas que estavam iniciando. Sempre tinha alguém na porta o chamando, e ele como sempre estava disposto a dar apoio”.

Marina³¹ comenta que:

O César Menotti e Fabiano quando faziam shows pelas redondezas passavam em casa para dar um abraço no Dino e ficavam numa roda de viola por várias horas, tocando, cantando e bebendo. O Daniel também sempre mantinha contato com Dino. Esses e outros cantores se preocupavam com ele, queriam vê-lo bem e viam o Dino como uma referência do sertanejo caipira.

César Menotti³², que o conhecia desde a infância, afirma que fazia questão de visitá-los nas vezes em que passava na região. “Eu gostava de ouvi-lo falar, de ouvir contar os causos que ele contava, contar história das suas músicas [...]”.

Dino Franco também tinha muita amizade com o cantor José Rico, que tinha costume de visitá-lo para prostrar e fazer o que eles mais gostavam: cantar canções. Conforme Marina³³, as músicas “Filho de Ninguém” e “Recordando a Infância”, compostas por Dino em parceria com José Rico, fizeram parte da trilha sonora do filme “Estrada da Vida” (1980), da dupla Milionário e José Rico.

³⁰Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

³¹Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

³²César Menotti. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 11 set. 2018

³³Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

FIGURA 7 – Dino recebendo visita do amigo José Rico



Fonte: Arquivo Pessoal da Família

Com a morte do parceiro Mouraí, Dino ensaiou as irmãs Marisa Franco e Marina Ramos para ajudá-lo a cumprir a agenda de shows. Posteriormente, formou parceria com Nestor de Souza Prado, conhecido artisticamente como Fandangueiro, com quem cantou pelo período de um ano antes de sua morte.

Em uma entrevista concedida aos autores da pesquisa, Nestor³⁴ também conta que ele tinha muitos amigos e todos que iam até a sua casa eram bem tratados, até mesmo aqueles que ele não conhecia. Além de ter gravado juntamente com Dino os CDs “Cavalgada”, “Viola e Amor” e “Desfile de Canções”, Nestor participou da gravação do CD “Dino Franco – 50 anos de História”.

Nestor³⁵ relata que já o conhecia antes de formarem a dupla. Ele lembra que todas as vezes que Dino ia até Rancharia eles sempre mantinham contato por conta da amizade que carregavam há anos. “Conheci quando ainda era adolescente, a família dele morava em gardênia, Distrito de Rancharia, e ele sempre vivia por lá”.

³⁴Nestor Prado. Último parceiro de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 10 abr. 2018

³⁵Nestor Prado. Último parceiro de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 10 abr. 2018

Dino era uma pessoa com bom coração e fazia de tudo para ajudar quem estava à sua volta. Além de ser um homem bom, Nestor³⁶ comenta que o amigo entendia de música como ninguém, pois tinha os ouvidos afiados, corrigia tudo porque era crítico em seus trabalhos.

Por estar sempre em busca de ajudar o próximo, ao ouvir a dupla Duo Esperança tocar em um programa da Rádio Esperança FM, Dino Franco resolveu procurá-los com a intencionalidade de fazê-los gravar um CD Independente, que foi chamado de “São Recordações de Cascatinha Indiana”. “Com a produção dele gravamos o primeiro CD no Stúdio Águia Records de Presidente Prudente”, lembra José Neves³⁷.

Após o lançamento desse primeiro CD da dupla, que vendeu mais de 5 mil cópias, Dino Franco produziu o CD “Casal Feliz”. Conforme Marina³⁸, o irmão participou da gravação cantando a música “Menina de Tranças Loiras”.

Ao falar sobre a obra de Dino, José³⁹ ressalta:

O Dino Franco foi a última lenda viva da música sertaneja que veio a falecer. Dino Franco acabou, o compositor não existe mais. Ele era a única lenda viva que existia na música sertaneja como cantor, compositor e artista. Ele veio a falecer, acabou. Hoje, você pode ver que não tem mais nada. Hoje não tem mais o Dino, não tem mais o Tião Carreiro, não tem mais o Caetano Ervano, não tem mais o Zé Fortuna. Não tem mais.

Ao trabalhar produzindo a dupla Duo Esperança, o artista conheceu Luiz Eduardo Rizzio⁴⁰, o proprietário do Stúdio Águia Records de Presidente Prudente, que o considerava como um padrinho musical e enfatiza o talento do amigo: “[...] ele me ensinou muita coisa por conta de sua experiência na produção musical. Foi uma curta e breve parceria, mas foi excelente”.

Além das diversas produções musicais realizadas com diferentes cantores, Dino Franco também teve contribuição positiva na vida de Odilon⁴¹, que o considerava uma pessoa maravilhosa tanto no aspecto pessoal quanto no profissional. “Ele ajudou tanta dupla sertaneja, eu mesmo sou um exemplo, porque

³⁶Nestor Prado. Último parceiro de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 10 abr. 2018

³⁷José Neves. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 mai. 2018

³⁸Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 02 abr. 2018

³⁹José Neves. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 mai. 2018

⁴⁰Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

⁴¹Odilon Pereira Dutra. Fã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 14 abr. 2018

quando eu tinha alguma dúvida sobre música, corria lá e o Dino não me negava ajuda”, conta.

A dedicação e a responsabilidade do artista era admirável aos olhos de quem o via, algo que causava grande admiração. O amigo Luiz⁴² o considera como um profissional excelente, uma vez que “era impressionante a sua conduta e o seu conhecimento técnico de todas as coisas, tanto de arranjo como de postura”.

Luiz⁴³ explica que antigamente as músicas continham letras mais simples, que iam diretamente ao objetivo. “Com a chegada do Dino Franco nas composições houve um enriquecimento muito grande das letras, melodias com adornos e contornos de muita perfeição”, destaca.

Um dos problemas enfrentados por Dino Franco foi o consumo excessivo de álcool. Marina⁴⁴ se lembra das vezes em que o irmão acordava na disposição de beber. “Tinha dia que ele acordava querendo beber. Pra parar era difícil”.

No dia 4 de abril de 2014 surge uma notícia triste. A música sertaneja raiz perde um de seus grandes ícones, o compositor, o cantor e poeta Dino Franco. “O que me deixa triste é que no dia de seu falecimento ele não teve tanto reconhecimento pelos meios de comunicação, mesmo sendo tendo sido um artista de grande importância na construção da música sertaneja”, desabafa o amigo Nestor⁴⁵.

Depois de passar muito sofrimento provocado por uma cirrose hepática – doença ocasionada por conta do uso excessivo de álcool –, o artista foi encontrado morto em sua residência pela sua irmã, por volta das 11h30. Em entrevista concedida ao portal G1⁴⁶, Marina explica que mesmo com vários exames não teve mais jeito, pois a doença estava avançada.

Mesmo após seu falecimento, suas obras estão vivas e são lembradas por aqueles que o admiravam como artista e sabem de sua importância na

⁴²Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

⁴³Luiz Eduardo Rizzio. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 15 mai. 2018

⁴⁴Marina Ramos Garcia. Irmã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 set. 2018

⁴⁵Nestor Prado. Último parceiro de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 10 abr. 2018

⁴⁶G1. Morre, aos 77 anos, o cantor sertanejo Dino Franco. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/04/morre-aos-77-anos-o-cantor-sertanejo-dino-franco.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018

construção da música brasileira. “O pessoal do sertanejo, o sertanejo, tanto apresentadores, como cantores, como pessoas que dão valor na arte, tem respeito muito grande por ele” enfatiza José⁴⁷.

Para César Menotti⁴⁸, a partida do amigo é um vazio que não vai se preencher mais: “o que nós temos que fazer é reviver suas obras né, porque tem muita coisa pra ser usada, muita coisa pra ser explorada que ele deixou”.

Por admirar o trabalho de Dino Franco, o jornalista Ulisses de Souza escreveu sobre Dino Franco em um trecho de seu livro “Antes que a memória falhe”. (ANEXO C)

Por iniciativa do jornalista foi construído uma sepultura em uma área doada pela Prefeitura de Rancharia. A intenção é construir um túmulo com mármore em homenagem ao Dino Franco (ANEXO B). Segundo Odilon⁴⁹ “no cemitério que ele foi enterrado estão fazendo um túmulo com uma escultura de viola em homenagem ao Dino”.

⁴⁷José Neves. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 07 mai. 2018

⁴⁸César Menotti. Amigo de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 11 set. 2018

⁴⁹Odilon Pereira Dutra. Fã de Dino Franco. Entrevista sobre a vida e obra do artista. 14 abr. 2018

6 PROJETO EDITORIAL

6.1 Introdução

Este projeto editorial contribuiu para a elaboração do programa de reportagem relacionado à vida e obra do compositor e cantor Dino Franco em toda sua trajetória. O objetivo foi analisar a relevância da produção literária e musical do artista.

Conhecido popularmente na música sertaneja raiz, Osvaldo Franco nasceu em Paranapanema, no interior de São Paulo, e consolidou uma carreira de sucesso em todo o Brasil. Algumas de suas principais composições foram interpretadas por vozes de grandes cantores sertanejos.

A reportagem como gênero é um programa com determinado tempo de duração que contém informações aprofundadas a respeito de um assunto específico. A técnica de reportar está relacionada ao ato de produzir o material jornalístico.

Tendo em vista a facilidade de acesso dos veículos de plataforma digital e o avanço das novas tecnologias, a Web Rádio Facopp foi o meio escolhido para veicular o programa, uma vez que o jornalismo online carrega consigo algumas características inovadoras no fazer jornalístico e nas formas de produção.

6.2 Objetivos

6.2.1 Objetivo geral

O programa de reportagem tem como foco veiculação de conteúdos inéditos sobre a trajetória de Dino Franco que constitui uma história com ênfase à sua importância para a música sertaneja de raiz.

6.2.2 Objetivos específicos

- Explorar acontecimentos relacionados à vida e obra do artista por meio das informações obtidas nos documentos e nas entrevistas;
- Vivenciar a prática da reportagem em todo o seu processo de pré-produção, produção e pós-produção;

- Disseminar conteúdos ainda não conhecidos para que o público tome conhecimento sobre a relevância da produção de Dino Franco.

6.3 Justificativas

O trabalho se justifica pela intencionalidade de disseminar informações ainda não conhecidas sobre um artista de relevância no contexto da música sertaneja de raiz, sistematizando uma história totalmente inédita por meio de um produto de mobilidade social, que tem baixo custo e é acessível por conta da plataforma online na qual o programa será veiculado.

Este trabalho contribuiu para que os conhecimentos obtidos na faculdade fossem colocados em prática, com ênfase aos conteúdos relacionados à disciplina de Radiojornalismo e Jornalismo Online. Sendo assim, o produto jornalístico servirá como fonte de informação para os estudantes da Facopp e os demais interessados em obter conhecimento sobre objeto de estudo.

Os autores da pesquisa entendem que produzir um programa de reportagem, aprofundando de forma prática as teorias aprendidas durante o curso de jornalismo, é uma maneira de testar suas capacitações enquanto estudantes a fim de prepará-los para a concorrência no mercado de trabalho.

6.4 Público-alvo

O público-alvo será composto por apreciadores da música sertaneja de raiz em um modo geral; pessoas que conheceram algumas produções do artista durante sua trajetória; e por moradores dos municípios nos quais o artista viveu, principalmente os região da cidade de Rancharia, local onde ele habitou durante os últimos 20 anos de vida.

6.5 Linha editorial

O programa Reportagem em Ação foi proposto pela aluna de jornalismo Luma Holanda, em 2017, com o objetivo de contar histórias sobre personalidades do Oeste Paulista. O primeiro programa retratou sobre o poeta César Cava.

O conteúdo inédito a ser veiculado nesse programa irá retratar a biografia do compositor e cantor Dino Franco, enfatizando mostrar a importância de seu trabalho no contexto da música de raiz por meio da Web Rádio Facopp.

O processo de reportagem exige a produção de materiais informativos, como a elaboração de pautas, pois é por meio delas que se inicia qualquer trabalho jornalístico por servir como uma espécie de guia para o repórter. Em relação à parte técnica, as pautas devem compor elementos como retranca proposta, encaminhamento, roteiro e dados.

As gravações devem ter uma boa qualidade sonora para que os depoimentos dos entrevistados sejam compreensíveis aos ouvintes. Qualquer interferência negativa no som pode atrapalhar a compreensão da mensagem a ser transmitida, ocasionando um mau entendimento sobre o assunto.

Todo o material colhido pelo repórter deve ser analisado e reduzido, contendo somente as informações que dão relevância ao contexto que se pretende abordar.

Os conteúdos devem ser organizados de um modo coerente, não existindo a necessidade de estabelecê-los cronologicamente. Desta forma, tendo conhecimento sobre o contexto de sua produção, cabe ao jornalista escolher a melhor forma de disseminar o conteúdo jornalístico.

As fontes escolhidas para conceder as entrevistas devem ter capacidade de falar sobre o assunto para que seus depoimentos revelem novos conhecimentos, esclareçam fatos de caráter inédito e estabeleçam novas versões.

Mesmo havendo um roteiro preestabelecido e regras de entrevista, onde um questiona e outro responde, as perguntas devem ser conduzidas de maneira espontânea para que o diálogo ocorra naturalmente e não passe ao público a sensação de superficialidade.

No momento da edição, deve-se regular o conteúdo de acordo com o tempo do programa. Os cortes necessários da sonora deverão ser feitos juntamente com o técnico Jesley Ferreira. Os softwares utilizados nessas etapas serão Sound Forge e Sony Vegas.

O conteúdo de áudio será composto pela locução e ilustração sonora com música; efeitos sonoros; e ruído de forma que possa promover a contextualização; e até mesmo o silêncio em um momento de reflexão.

No momento da locução é que a voz se estabeleça de uma forma agradável, coerente, clara e concisa para que os ouvintes possam compreender com eficiência a mensagem transmitida. O locutor deve obedecer as técnicas relacionadas ao modo e leitura do texto.

Em relação à ética, o jornalista deve agir de uma maneira respeitosa com as fontes, conduzindo a conversa de forma natural, no horário estabelecido, evitando tratamentos íntimos.

6.6 Estrutura

O tempo de duração do programa “Reportagem em Ação”, conforme o que é proposto será de 20 minutos exatos. A duração está relacionada ao tipo de produto jornalístico escolhido. Serão 4 blocos com duração de 5 minutos cada.

Após a vinheta de abertura será feita a abertura do programa, momento oportuno de dar saudações aos ouvintes. No entanto, vale lembrar que na webradio não se pode usar bom dia, boa tarde ou boa noite, pois a saudação deve ser atemporal.

Em seguida, ocorrerá a apresentação do primeiro bloco, introduzindo um dos assuntos relacionados à vida e à obra do compositor Dino Franco.

Os blocos serão separados por: as composições de Dino Franco; sua veia poética; sua trajetória de vida; e sua vida em Rancharia. Antes da transmissão do bloco seguinte entra uma vinheta de passagem.

Para se despedir do público, o repórter precisa finalizar o programa e agradecer pela audiência. O encerramento deve estar de acordo com os programas da Rádio Facopp:

Ficha Técnica: “Você acaba de ouvir o programa Reportagem em Ação sobre a vida e obra de Dino Franco. Uma produção realizada por mim Gabriela Barboza e por Fábio Dembisque.

Locução: Gabriela Barboza

Orientação e Supervisão: Homéro Ferreira

Edição Eletrônica: Jesley Almeida e Valter Santos”.

“Realizado na Facopp, o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi mostrar:

A produção literária e musical do compositor e cantor Dino Franco retratada por meio de um produto de radiojornalismo”.

Registro de Data: “Esta gravação ocorreu em 15 de novembro de 2018”.

Em primeiro momento, cada locutor ficou responsável por dois blocos de maneira intercalada. Gabriela narrou o 1º e o 3º bloco, enquanto Fábio fez a locução do 2º e do 4º bloco.

Após a correção da banca de qualificação, o grupo decidiu em acordo com o orientador Homéro Ferreira que a aluna Gabriela ficaria responsável por fazer a locução do programa, pois o aluno Fábio estava com dificuldades em narrar por conta de um problema respiratório.

A música Amargurado foi escolhida para compor a trilha sonora por ser a mais destacada de Dino Franco. Todas as demais canções que foram introduzidas entre alguns OFFs foram compostas e gravadas por Dino Franco e interpretada por outros artistas.

A Rádio Facopp, enquanto emissora de notícias, não exige a obrigatoriedade do recolhimento dos direitos autorais, conforme entendimento manifestado pela assessoria jurídica da Unoeste em resposta a feito pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD). No caso da Rádio Facopp, a música é utilizada como ilustração da notícia, o mesmo que acontece com a rede CBN de Rádio.

6.7 Ilustração sonora

6.7.1 Vinheta de abertura

Com a finalidade de introduzir o tema abordado e chamar a atenção do ouvinte quando o programa se inicia, a vinheta de abertura terá 15 segundos.

6.7.2 Vinheta de passagem

Com objetivo de promover a separação dos blocos e informar ao ouvinte sobre o conteúdo que será transmitido, a vinheta de passagem terá duração de 15 segundos.

6.7.3 Vinheta de Encerramento

Para finalizar o programa, a vinheta de encerramento terá cerca de 15 segundos.

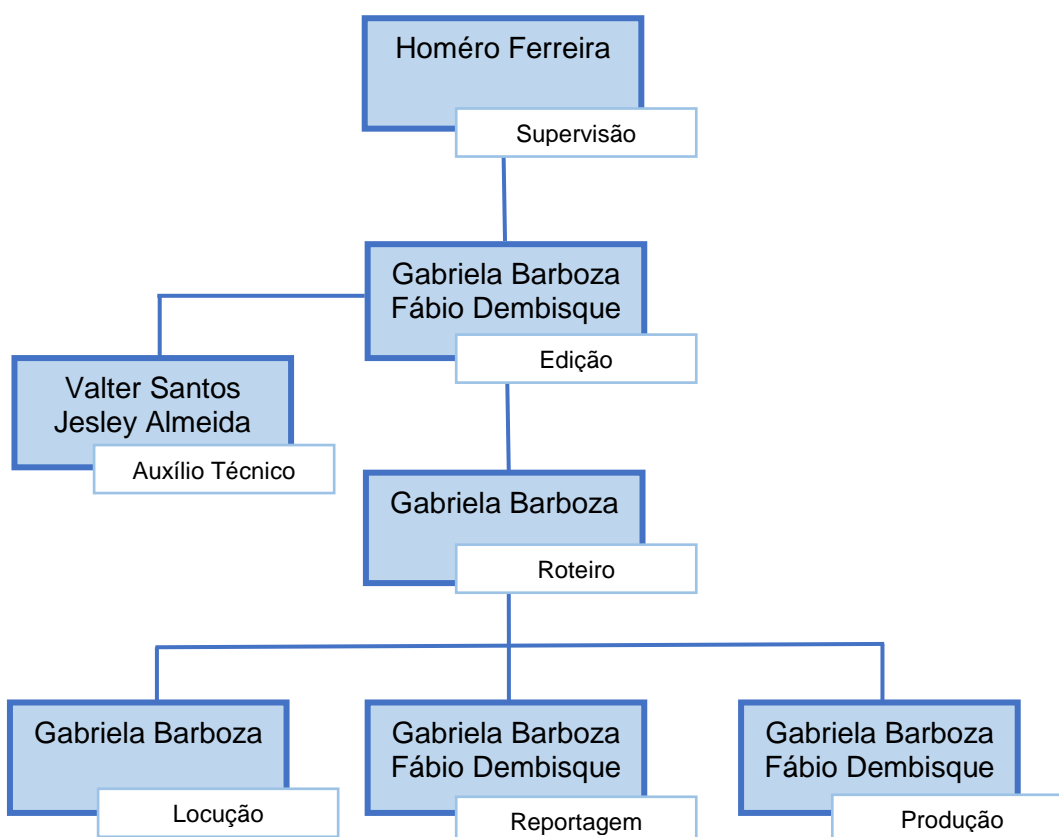
6.8 Recursos Financeiros

Os gastos financeiros que foram arcados pelos autores do trabalho são referentes à locomoção, que no caso é o combustível ou passagens de ônibus, às ligações para as fontes, à alimentação e ao custo das impressões necessárias. Os gastos totais foram de aproximadamente R\$ 400,00.

6.9 Recursos humanos

De realização de dois estudantes do 8º termo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), o programa foi realizado conforme o organograma a seguir:

FIGURA 8: Organograma



Fonte: autoria própria

6.10 Recursos Técnicos

Todos os recursos técnicos utilizados durante a elaboração do programa são pertencentes ao laboratório da Rádio Facopp e aos autores da pesquisa.

As ferramentas necessárias para os processos de pré-produção, produção e pós-produção do programa foram gravadores de voz e celulares além de caderneta, lápis, borracha e caneta para anotações essenciais.

As gravações de áudio ocorreram nas residências dos entrevistados e no laboratório de Rádio da Facopp. Os materiais foram editados pelos estudantes Gabriela Barboza e Fábio Dembisque com auxílio do técnico Valter Santos.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

Neste capítulo, a intencionalidade é apresentar todas as atividades desenvolvidas pelos estudantes responsáveis por este trabalho de conclusão de curso, desde à iniciação da pesquisa até a elaboração da peça prática.

Por volta de agosto de 2017, durante o período das aulas de Metodologia de Pesquisa em Jornalismo I, aplicadas pela professora Fabiana Alves, houve a necessidade de pensar em um tema para o Trabalho de Conclusão de curso (TCC).

Após pesquisar sobre um compositor de Rancharia, responsável por músicas de reconhecimento nacional, os alunos Fábio Dembisque e Gabriela Barboza decidiram usufruir do jornalismo para retratar a importância de Dino Franco para a música sertaneja raiz, contando um pouco de sua história.

A ideia surgiu da necessidade de elaborar um produto inédito, já que ainda não tinha sido produzido nenhum material com informações relevantes a respeito do tema. Desta forma, concluiu-se que seria produzida uma reportagem voltada ao rádio.

Para concluir o pré-projeto, os alunos precisaram pesquisar em sites, ler e transcrever teses, livros, artigos e dissertações relacionadas à metodologia de pesquisa, rádio e radioreportagem.

Posteriormente à aprovação do pré-projeto, no final do semestre de 2017, ficou determinado que o professor de Homéro Ferreira seria o orientador deste trabalho.

Em um encontro pessoal, os estudantes foram orientados a pesquisar sobre metodologia de pesquisa, rádio, radiojornalismo, reportagem e webradio. Para isso, foi necessário fazer leitura e fichamento de livros, teses, artigos e dissertações, além das que foram lidas no pré-projeto. Em decisão do orientador, a aluna Gabriela ficou responsável por redigir o trabalho.

A webradio foi escolhida por ser um meio moderno, prático, econômico e capaz de alcançar um maior número de pessoas. Fora que o armazenamento na web proporciona ao ouvinte a possibilidade de ouvir novamente a programação, algo que não seria possível no rádio convencional.

Ficou decidido que a reportagem seria transmitida na Web Rádio Facopp, sendo uma das edições do programa Reportagem em Ação, que foi criado em 2017 com o objetivo contar histórias de personalidades do Oeste Paulista.

Sendo assim, houve a necessidade de pesquisar sobre a Web Rádio Facopp para que houvesse a criação de um intertítulo relacionado ao assunto no capítulo sobre webradio, conforme solicitado pelo orientador.

Para apurar mais informações sobre o personagem Dino Franco, além das pesquisas em sites, foi preciso entrevistar inicialmente Marina Ramos Garcia, Ivani Ramos, Nestor Prado, Odilon Pereira, José Neves e Luiz Eduardo Rizzio.

Como o aluno Fábio residia em Rancharia, local em que a maioria dos entrevistados moravam, coube a ele realizar as entrevistas. Depois, com as transcrições das entrevistas em mãos, a aluna Gabriela escreveu o capítulo sobre o Dino Franco, conforme as exigências propostas nas orientações.

Após a conclusão de todos os capítulos, foram entregues três cópias encadernadas do TCC para a banca de qualificação, que fez os ponderamentos e solicitou as correções necessárias. Depois de corrigido, o TCC foi entregue e aprovado.

Em seguida à aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no final do primeiro semestre de 2018, os estudantes foram orientados a elaborar uma lista com os possíveis novos entrevistados para a elaboração do material prático.

No início de agosto, foram divididas primeiras etapas de produção do programa a serem desenvolvidas. Os alunos decidiram, junto ao orientador Homero, quais seriam os entrevistados. Foi preciso elaborar pautas com as possíveis perguntas para que elas fossem revisadas pelo orientador.

No caso, era necessário começar com as novas entrevistas, porém, como o aluno Fábio perdeu o arquivo com as entrevistas anteriores, foi necessário refazê-las. Desta forma, Fábio entrevistou Marina Ramos, Ivani Ramos, Nestor Prado, Odilon Pereira e José Neves.

As novas entrevistas ficaram sob responsabilidade da Gabriela, que entrevistou o produtor musical Luiz Rizzio, o professor Eduardo Oliveira, o empresário Paulo Gomes e o cantor César Menotti.

As entrevistas com Paulo Gomes e César Menotti foram realizadas via whatsapp por conta distância em que eles moram. Também foi feita uma entrevista

com Maristela, que era esposa de Mouraí, porém, como as respostas não satisfizeram os questionamentos realizados, optou-se por não utilizá-la.

Após as transcrições de todas as entrevistas, foi feita a decupagem das gravações. Depois, a aluna Gabriela escreveu o script do programa e o entregou para o orientador revisar.

Com o script pronto, deu-se início narração dos OFFs de todos os quatro blocos, divididos em 5 minutos cada. Cada aluno ficou responsável por narrar dois blocos. Em seguida, os alunos começaram a edição do programa sob auxílio de Jesley Almeida.

Depois de pronto, o programa foi transferido para três CDs que foram envelopados e entregues para a banca de qualificação analisar.

Após a análise da banca de qualificação, as correções solicitadas tanto na parte teórica quanto na prática foram feitas, conforme a orientação do professor Homéro Ferreira.

O Programa Reportagem em Ação sobre a vida e a obra de Dino Franco foi divulgado no Youtube no dia 28 de novembro de 2018. Também foi transmitido entre os dias 6 e 7 de dezembro de 2018 na Rádio Comunitária Esperança e na Rádio Hits, ambas localizadas em Rancharia - SP. Além disso, sua transmissão na Web Rádio Facopp provavelmente ocorrerá no dia 10 do mesmo mês.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma figura de importância na história do radiojornalismo é o Repórter Esso, que se consolidou em uma fase na qual o rádio se firmou como um meio de comunicação de importância para a sociedade.

Com o passar do tempo, as emissoras de rádio perceberam a relevância da informação no cotidiano das pessoas e começaram a dedicar grande parte de suas programações ao jornalismo, algo que fez o veículo adquirir características próprias.

Dentre essas características estão a oralidade, pois sua finalidade requer somente a competência física de ouvir, o que fez alcançar públicos variados, como os analfabetos, que não conseguiam obter informações por meio da mídia impressa, por exemplo.

Para contar uma história é necessário agregar valores ao contexto que se deseja abordar. O conteúdo jornalístico deve ser inédito, coerente e esclarecedor ao ouvinte, até porque no rádio as mensagens são transmitidas apenas uma única vez. Sendo assim, a linguagem deve ser nítida e compreensível para todos os públicos.

Dos produtos jornalísticos, destaca-se o programa de reportagem, que é maneira de fugir da superficialidade do jornalismo para buscar aprofundamento em relação a um determinado assunto ou acontecimento, perdendo nesse quesito apenas para o documentário, gênero que busca informações com uma profundidade mais intensa.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias surge a Webradio. As emissoras perceberam a importância de investir em equipamentos modernos, menos complexos e pesados, algo que aumentou a praticidade nas produções.

Neste contexto, os jornalistas passaram a desempenhar diferentes funções, o que passou a exigir uma visão de mundo mais abrangente. Com a digitalização, o rádio passou a ser ouvido por meio de aparelhos variados, algo que não acontecia antes. Pessoas com smartphones, computadores e tablets, por exemplo, são capazes de se informar em qualquer lugar que estejam. A internet possibilitou que o veículo alcançasse pessoas de qualquer lugar do mundo.

Considerando o rádio como ferramenta de mobilidade social e a internet como um espaço de democratização por alcançar diferentes públicos de

uma forma igualitária, os autores da pesquisa acreditam que a Webradio é o instrumento adequado para veicular a biografia de Dino Franco no Programa Reportagem em Ação.

Garoto humilde e do interior, Dino Franco desde muito jovem mostrava o amor que sentia pela música e a determinação em relação aos seus sonhos. Começou fazendo shows na rádio da cidade em que morava e em locais como circos e bares.

Aos 19 anos decidiu ganhar a vida na capital paulista juntamente com seu irmão Orlando, algo que não foi uma tarefa fácil, pois teve que começar trabalhando como servente de pedreiro e porteiro de uma clínica radiológica em troca de moradia, já que sua condição financeira não era muito boa.

Com a consolidação na carreira, as composições de Dino passaram a ser interpretadas por vozes de cantores sertanejos de sucesso. Dentre elas, a música *Cheiro de Relva* foi regravada e interpretada na voz do cantor Daniel, na gravação do seu álbum “Meu reino encantado” no ano de 2000.

Ao finalizar este trabalho, acredita-se que a reportagem enquanto gênero é uma experiência indispensável para os jornalistas pela possibilidade de explorar um assunto com mais profundidade, algo que foi satisfatório para os autores da pesquisa, uma vez que a técnica de reportar também é colocada em prática.

Conhecer a história de Dino Franco por meio da pesquisa e dos depoimentos de pessoas que conviveram com ele foi uma vivência única e necessária. Foi essencial para descobrir que, mesmo após sua morte, suas obras continuam vivas e são recordadas até os dias atuais.

Sua trajetória de vida nunca havia sido contada de maneira aprofundada e sistematizada. Não existia material a respeito deste compositor, apenas notícias publicadas em sites. Assim sendo, este trabalho é o primeiro a reunir dados obtidos nos documentos e nas entrevistas realizadas com amigos, familiares e fãs de Dino Franco.

A escolha deste personagem, à princípio, se deu pelo fato de que parte de suas obras haviam sido gravadas e regravadas por cantores influentes no cenário sertanejo. Então, descobriu-se que ele foi o responsável por escrever composições de reconhecimento nacional.

Em relação ao objetivo geral desta pesquisa, acredita-se que ele foi alcançado, uma vez que foi possível a criação de um produto jornalístico de caráter inédito que retrata a produção literária e musical do compositor e cantor Dino Franco.

Também foram alcançados os objetivos específicos, uma vez que foram apuradas informações sobre a vida e obra do personagem em toda sua trajetória; os conteúdos foram sistematizados, compondo uma história com começo, meio e fim; e, contudo, foi produzido um programa de reportagem radiofônica sobre a vida e a carreira de Dino Franco.

Socialmente, este trabalho tem sua contribuição por sistematizar uma história ainda não conhecida de um personagem de grande relevância no contexto da música sertaneja de raiz, se tornando um instrumento capaz de mobilizar o público-alvo.

Este trabalho, a ser veiculado na Web Rádio Facopp após a última correção da banca de qualificação, e disponibilizado no atendimento e portal da Facopp, tem sua contribuição acadêmica por ser uma produção inédita, realizada com base nos ensinamentos da área de radiojornalismo, que servirá como um modelo de referência para outros trabalhos acadêmicos.

Em relação à satisfação pessoal, este TCC proporcionou aos autores da pesquisa a oportunidade de ter a experiência de fazer jornalismo por meio dos conhecimentos adquiridos durante o curso, os preparando para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto; Lima, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CASARIN, H; CASARIN, S. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. 1.ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.
- CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. 1.ed. São Paulo: Summus, 2015.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: Prática de locução AM e FM**. 1.ed. São Paulo: Summus, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009
- FERRAZ, Nivaldo. **Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem**. 2016. 396 f. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- FERREIRA, Homéro. **Rádio e Jornalismo**. 1.ed. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- GOMES, Adriano Lopes. **O radiojornalismo em tempos de internet**. 1.ed. Natal: Editora Edufrn, 2017.
- GUSHIKEN, E. et al. **Implantação da Web Rádio Facopp (WRF): A convergência midiática entre rádio e internet**. 178 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2009.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LAROCHINSKI, Ulisses. **Escrevendo para falar no rádio**. 1.ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.
- JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo: do analógico ao digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.
- JORGE, Thais Mendonça. **Manual do Foca**. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia científica**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012. cap. 2: Metodologia, métodos e técnicas de pesquisa, p. 33-57.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na era de convergência das mídias**. 1.ed. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.

PRATA, Nair. Panorama da webradio no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36, 2013, Manaus. **Anais...**Manaus: Sociedade Brasileira de Ensinos Interdisciplinares da comunicação, 2013. p. 1-15.

SILVA, Marleth. Técnicas de redação e edição na imprensa. 1.ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2. Ed. 2009.

UOL. **Sertanejo Dino Franco é encontrado morto em sua casa em Rancharia**. 2014. Disponível

em:<<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/04/sertanejo-dino-franco-e-encontrado-morto-em-sua-casa-em-rancharia-sp.htm>> Acesso em: 24 fev. 2018.

G1. **Morre, aos 77 anos, o cantor sertanejo Dino Franco**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2014/04/morre-aos-77-anos-o-cantor-sertanejo-dino-franco.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Nestor Prado

67 anos

Último parceiro de Dino Franco

Aposentado

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Como o senhor conheceu Dino Franco?

Conheci quando ainda era adolescente, a família dele morava em Gardênia, no Distrito de Rancharia e ele vivia por lá. Sempre quando nos víamos conversávamos, mas depois ele foi embora e só via ele quando estava no distrito ou na cidade. Peguei muita amizade com ele e a família.

Como surgiu a parceria com o Dino Franco?

A parceria nasceu depois que ele perdeu o parceiro Mouraí. Ele passou um tempo cumprindo a agenda de shows, na companhia das irmãs Marina e Marisa Franco, que o acompanhou até que ele conseguisse cumprir a agenda de shows que tinha. Quando voltou pra Rancharia, começamos a cantar juntos mas sem vínculo efetivo na carreira. Certo dia ele me chamou para fazer dupla e como eu já tinha aposentado resolvi aceitar, pois eu gostava muito de cantar. Cantamos durante um ano antes de seu falecimento.

O que mais marcou a parceria musical com Dino?

O Dino Era um excelente profissional da música, não aceitava erros, corrigia tudo, era um perfeccionista. Ele tinha muitos amigos. Todos que iam até sua casa eram bem tratados e recepcionados, mesmo aqueles que ele não conhecia. O que me deixa triste é que no dia de seu falecimento ele não teve tanto reconhecimento pelos meios de comunicação, mesmo sendo tendo sido um artista de grande importância na construção da música sertaneja.

Quais CDs vocês gravaram juntos?

Ao todo nós produzimos três trabalhos juntos. Gravamos os CDs “Cavalgada”, “Viola e Amor” e “Desfile de Canções”. Também gravei com ele, com as irmãs Franco e com Maciel Correia o CD “Dino Franco – 50 anos de história”.

Marina Ramos Garcia

80 anos

Irmã de Dino Franco

Aposentada

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Fale um pouco sobre o início de carreira do seu irmão Dino Franco?

Meu irmão desde pequeno mostrava que gostava de música. Trabalhávamos na roça colhendo algodão e feijão. Dino tinha o costume de cantar. Sempre ao retornarmos para casa, de noitinha, ele cantava para a nossa mãe e perguntava o que ela havia achado. Dino começou cantando em circos, na região de Paraguaçu Paulista, interior de São Paulo. Também cantou na Rádio Marconi. Na fazenda onde morávamos ele vivia cantando nas festas e todos adoravam, ele era a atração. Ele sempre dizia que um dia iria para São Paulo nem que fosse para comer pão seco e que não voltaria enquanto não ouvisse seu disco tocar. Um dia chamou nosso irmão José Orlando para ir embora pra capital. Ele aceitou, mas não quis ficar lá por muito tempo. Mesmo assim, Dino acabou ficando e trabalhou como porteiro. Logo após, ele conseguiu encontrar outros serviços.

Em que momento o Dino se consolidou na carreira?

Acredito que a consolidação da carreira do meu irmão ocorreu quando ele encontrou Mouraí porque quando fechou essa parceria começou a aparecer com mais frequência em shows, a participar de programas. Ele começou a ganhar dinheiro, a ter uma vida boa.

Com a música “Cheiro de Relva” ele estourou. O sucesso foi tanto que diversos cantores regravaram a música. A canção “Amargurado” até hoje o povo a canta.

Fale sobre a vida de Dino após morar em Rancharia – SP?

Meu irmão vivia uma vida boemia, adorava um bar, um boteco. Quando não estava em casa estava por aí nos bares da cidade. Ele adorava prostrar, podia conhecer você agora e se sentisse afinidade ficaria até tarde da noite conversando, contando um pouco sobre sua vida, suas aventuras e experiências vividas. Aqui em casa adorava chamar os amigos. E outra, ele sempre recebia visita dos fãs e não desfazia de ninguém, tratava muito bem a todos. O Cézar Menotti e Fabiano quando faziam

shows pelas redondezas passavam em casa para dar um abraço no Dino e ficavam numa roda de viola por várias horas, tocando, cantando e bebendo. O Daniel também sempre mantinha contato com Dino. Esses e outros cantores se preocupavam com ele, queriam vê-lo bem e viam o Dino como uma referência do sertanejo caipira. O José Rico também costumava vir aqui e ficava sentado juntamente com o Dino no sofá para prostrar e cantar diversas canções. Por falar nisso, meu irmão compôs, em parceria com José Rico, as músicas “Filho de Ninguém” e “Recordando a Infância”, que fizeram parte da trilha sonora do filme “Estrada da Vida” (1980), da dupla Milionário e José Rico. O Dino também ajudava novas duplas que estavam iniciando. Sempre tinha alguém na porta o chamando, e ele como sempre estava disposto a dar apoio. Mesmo que fosse apenas um conselho, Dino se colocava à disposição.

Além do Nestor prado, Dino teve alguma outra parceria musical em Rancharia - SP?

Não formou dupla, mas fez parceria com José neves, que era integrante da dupla Duo Esperança juntamente com sua mulher. Dino, ao ouvir Duo Esperança cantar em um programa da rádio comunitária “Esperança FM” resolveu procurá-los e incentivá-los a gravar um CD independente. A gravação foi um sucesso e chegou a aproximadamente cinco mil cópias vendidas.

Depois, em 2005, Dino produziu o CD “Casal Feliz”, que teve a participação dele e do Padre Antônio Maria. Meu irmão cantou a música “Menina de Tranças Loiras” e o padre cantou “É Bom Ter Família”.

Ivani Ramos

46 anos

Sobrinha de Dino franco

Dona de casa

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Como era seu tio?

Meu tio era uma pessoa maravilhosa, de muitos amigos aonde chegava, seja no bar, na sorveteria, na lanchonete. Ele sempre fazia questão de pagar a conta. Se ele passasse pelo menos 5 minutos com você, colocaria a mão do bolso e retiraria uma nota de 100 e aí de você se não aceitasse.

Ele amou alguma mulher na vida?

Além da minha mãe, meu tio teve um relacionamento com uma mulher. Após passar um tempo morando e cantando em São Paulo, Dino conheceu uma mulher que era casada. Inclusive, era mulher de um amigo dele, mas os dois acabaram se apaixonando. Depois de um tempo ela terminou do marido, que também era cantor, foi morar com o meu tio e acabou engravidando. Passou um tempo ela largou do marido, que também era cantor, e foi morar com meu tio, e acabou engravidando. Quando solteiro, meu tio tinha o costume de ler um versículo da bíblia todos os dias antes de dormir. Quando a mulher foi morar com ele passou a ler para ela. Certo dia ele leu um versículo que falava sobre adultério no casamento e no dia seguinte ela o largou e voltou com seu esposo. Depois disso meu tio nunca mais amou outra mulher. Tadinho. Nas festas quando falávamos o nome dela ele enchia os olhos de lágrimas.

Você tem alguma situação curiosa relacionada ao seu tio?

Então, o tio Dino tinha um costume estranho, desde pequeno ele andava pelado, com uma cinta na cintura e uma botina no pé. Fez isso até os 16 anos de idade. Um dia aqui na casa dele eu perguntei “Tio, por que você andava pelado com um cinto na cintura?”. Ele me respondeu “simplesmente porque não poderia ficar sem nada no corpo”. Outra situação ocorreu em um dia que eu estava pescando com ele no Rio Ivinhema. Estávamos ali sentados quando meu tio viu umas borboletinhas amarelas ali por perto de nós. De repente ele começou a cantarolar “borboleta triste

[...]. Dino tinha uma capacidade enorme de criar, sabe. Ele era muito inteligente, tinha o português correto e olha que ele estudou somente uns dois meses na escolinha da fazenda. Depois saiu porque trabalhava no campo e não tinha tempo. Depois quando foi morar em São Paulo fez as séries iniciais do ensino fundamental. Mas minha mãe conta que ele chegou a cursar alguns anos a mais pelo telecurso.

José Neves dos Santos

67 anos

Amigo de Dino Franco

Policial rodoviário aposentado

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Para o senhor, qual a importância de Dino Franco para a música sertaneja?

O Dino Franco foi a última lenda viva da música sertaneja que veio a falecer. Dino Franco acabou, o compositor não existe mais. Ele era a única lenda viva que existia na música sertaneja como cantor, compositor e artista. Ele veio a falecer, acabou. Hoje, você pode ver que não tem mais nada. Hoje não tem mais o Dino, não tem mais o Tião Carreiro, não tem mais o Caetano Ervano, não tem mais o Zé Fortuna. Não tem mais. Nossa, a importância dele era muito grande na música sertaneja, tanto que depois que ele faleceu, agora não existe mais. Fechou a porteira, pois agora não tem mais música.

O que o senhor mais admirava em Dino Franco como profissional?

O que mais me impressionava era a capacidade que ele tinha de fazer música de tema imaginário com tanta facilidade. A música sertaneja mais antiga, bem mais antiga, era de fatos verídicos. O caso da Cabocla Tereza foi fato verídico, real. O Dino fez, fazia, ele componha de fato imaginário, por exemplo, a música Natureza “olha seu moço, como é linda a natureza, no sertão quanta beleza, que Deus fez para gente ver”. Essa música ele compôs lá em um hotel lá em Goiânia. Do hotel ele avistava um rio, era uma noite de lua, e a lua estava refletindo na água. Vendo aquilo ele começou a cantar. Tem um trecho que fala “a luz da lua sobre as águas refletidas tem uma flor colorida, como as flores do ipê. Eu falo dele e fico meio emotivo.

Quais foram as parcerias que vocês fizeram juntos?

As músicas “Oração do Nosso Amor”, “Pousada do Favoreto” e “Rancho das Acácias” foram composições nossas.

Como era a convivência entre vocês?

Éramos como irmãos. Tínhamos uma amizade muito boa, ou melhor, maravilhosa. Para você ter ideia, em fevereiro de 2007 eu fui em uma concessionária de veículos em Presidente Prudente para comprar um carro e em Dezembro daquele mesmo ano ele já tinha 94 mil quilômetros rodados. A gente ia atrás de televisão, de rádio, de shows, de tudo quanto foi coisa. Às vezes as irmãs dele iam junto comigo, minha mulher e o Dino. Nós tivemos uma convivência muito grande. Eu não ia todo dia à casa dele mas eu sempre ligava para saber se estava tudo bem.

Como o senhor o conheceu?

Eu fui nascido e criado no sítio, no distrito de Agissê, no Bairro da Floresta. Meu irmão mais velho Antônio Neves tinha uma linha de ônibus, uma jardineira velha aberta, que fazia o percurso de Agisse a Paraguaçu Paulista e cortava por dentro do sítio e das fazendas. Esse meu irmão era cobrador dessa jardineira. O Dino morava na Fazenda Santa Ida com a família por onde passava a jardineira. Então tinha um dia da semana ou uma vez por mês que eles tinham se apresentavam em um programa na Rádio Marconi de Paraguaçu Paulista. Aí eu me lembro, apesar de muito vagarosamente, que o Dino vinha junto com o irmão dele até a Fazenda Santa Ida, na minha casa, no Bairro Floresta. Eles vinham a cavalo e quando chegava em casa ele e meu irmão ensaiavam, cantavam, ficavam até altas horas da noite. Eu me lembro disso plenamente

Qual idade o Dino tinha nessa época?

Eu tinha aproximadamente uns oito anos de idade e o meu irmão devia ter de 22 a 23 anos. Dino tinha uns vinte e poucos anos. Ele cantava tanto que meu irmão foi o primeiro parceiro a cantar junto com ele na Rádio Marconi de Paraguaçu Paulista.

Qual característica de Dino que mais lhe chamava a atenção?

José: Contador de história dos demais artistas. Como eu te falei, viajamos juntos por muito tempo. Fomos para o Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso. O que a gente rodou não estava escrito e ele o tempo todo dentro do carro lembrava da história de um artista. Era pra gente dar risada, era pra acabar, viu. Contava cada coisa, rapaz. Ele era interessante para contar e não sei como me lembrei de tanta coisa.

Dino chegou a cantar na Rádio Difusora de Rancharia?

Que eu me lembre não. O único envolvimento que ele teve com a rádio foi quando colocaram ele para fazer parte da diretoria da rádio mas ele não teve interesse de ir atrás disso não. Mas foi ouvindo essa rádio que ele me ouviu cantar com minha esposa. Ele não sabia que eu gostava de cantar com minha mulher. Ele descobriu ouvindo a rádio e passou a nos incentivar. Ele disse “rapaz, vocês cantam muito bem e o que vocês cantam é um gênero muito difícil de cantar hem. Cantar nesse gênero homem e mulher, esse tipo de dueto não é nada fácil e se fosse fácil estava cheio de gente cantando e não tem né. Por que vocês não gravam um disco?” Eu respondi “se fosse gravar um disco seria só para deixar de lembrança aos nossos filhos e netos. E ele disse “grava sim. Se vocês quiserem e estiverem dispostos a gravar um disco eu vou produzir vocês”. Eu disse “aí a situação já mudou de figura”. Com a produção dele gravamos o primeiro CD no Stúdio Águia Records de Presidente Prudente, com o nome de “São Recordações de Cascatinha Indiana”. Foi um disco bem aceito. O Paulo Gomes de Marília, que era um caça talentos da Gravadora Atração, nos contratou e lá ficamos por dois anos. Depois vi que não dava futuro e cai fora. Esse trabalho vendeu muito porque a Atração distribui para todo o Brasil.

Qual a figura que Dino representava como artista?

O pessoal do sertanejo, o sertanejo, tanto apresentadores, como cantores, como pessoas que dão valor na arte, tem respeito muito grande por ele. Disso não tenho dúvidas. Ele era muito bom, mas aos poucos a gente percebe que certas coisas vão acabando. Na TV Câmara tem o programa do Luiz Rocha, que é um cara que valoriza a música sertaneja de raiz. Ele fala, faz questão de anunciar de quem é a composição da música. Hoje em dia não tem apresentador assim. O Dino Franco criticava muito isso.

Luiz Eduardo Rizzio

50 anos

Antigo produtor musical de Dino

Produtor musical e proprietário do Stúdio Águia Records

Entrevista semiestruturada - Pessoalmente

Quando e como o senhor conheceu Dino Franco?

Bom, eu conheci o Dino Franco há aproximadamente 15 anos atrás, talvez um pouco mais. Eu estava no estúdio trabalhando e de repente ele apareceu lá, acompanhado do Zé Neves e a Lusmar, da dupla Duo Esperança. Eles estavam procurando um local para produzir o primeiro trabalho do Duo Esperança mas acabamos conversando e firmando naquele momento um contrato profissional. Isso acabou virando uma amizade muito grande. Quando a gente viu já estávamos passando finais de semanas juntos. Virou uma grande amizade mesmo. O considero ele como meu padrinho musical, eu o considerava muito porque a gente conversava bastante. Ele me ensinou muita coisa por conta de sua experiência na produção musical. Foi uma curta e breve parceria, mas foi excelente.

Quais os trabalhos que realizaram juntos?

Especialmente com Dino Franco eu realizei o trabalho que dele com o fandangueiro, da dupla Dino Franco e Fandangueiro. Teve outro trabalho, mas não me lembro. Agora ele produzindo outros cantores foram vários, aí não tem nem como eu te falar. Talvez mais de vinte ou trinta cantores que ele produziu produtor em conjunto com o Estúdio Águia. Os que produzimos junto foram muitos trabalhos.

O que o senhor tem a dizer sobre Dino Franco como profissional?

A postura profissional dele era impressionante e o tamanho da responsabilidade que ele tinha diante de um trabalho. Até hoje quando estou trabalhando com o maestro trabalhando e acontecem certas situações eu falo “se o Dino estivesse aqui isso não estaria acontecendo. Ele era extremamente profissional. Era impressionante a sua conduta e o seu conhecimento técnico de todas as coisas, tanto de arranjo como de postura. Sabia como um cantor tem que agir e tecnicamente falando era impressionante.

Para você, quem foi Dino Franco?

Dino Franco ao meu ver era um cérebro da música sertaneja. Ele criou, ele compôs, ele fez da música sertaneja o sucesso que há muitos anos domina o mercado fonográfico brasileiro. As melodias e as letras impressionantes. Parece que quando você ouve uma música do Dino Franco, ao fechar os olhos, você vê a cena acontecendo. Quando você ouve a música dele você vive aquele momento. A impressão que a gente tem é que ele está tentando contar uma história real para você. Ver a tamanha complexidade da letra e os detalhes dela remete para a gente aquela situação.

Simplesmente impressionante, ele foi com certeza o pai da música sertaneja. Foi o cara que desenvolveu, que tinha uma ideia talvez menos rica de que quando começou a era Dino Franco. A riqueza de detalhes, da poesia. Ele era um poeta impressionante.

Quais músicas de Dino Franco mais lhe causava admiração? Por quê?

Eu teria muita dificuldade em falar qual a música do Dino Franco que eu mais gosto. Eu gosto de tantas obras até pela diferença entre uma e outra, cada uma com seu detalhe. Eu teria muita, muita dificuldade, mas se mesmo assim eu tivesse que escolher apenas uma, eu escolheria a “Cheiro de Relva”, pela poesia contida em cada verso.

Existe algo sobre o Dino que o senhor gostaria de enfatizar?

O Dino Franco tinha um coração enorme. Ele era o tipo de pessoa dava tudo o que tinha pelo seu próximo. Muitas das vezes eu o vi pegar o dinheiro que tinha no bolso e dar para alguém que tivesse precisando, em um momento de necessidade. Então, ele tinha um coração enorme. A gente às vezes até meio que o repreendia, mas não adiantava porque era dele isso.

Para você, o que significa a perca de Dino Franco para a música sertaneja de raiz?

Como eu disse, antes a música sertaneja raiz ele tinha o segmento um pouco mais voltado para algumas histórias. Era um pouco mais simples e com a letra mais direta no objetivo. Com a chegada do Dino Franco nas composições houve um

enriquecimento muito grande das letras, melodias com adornos e contornos de muita perfeição. Coisas que as pessoas não estavam acostumadas a ver na música sertaneja raiz. Então, ele enriqueceu muito a música e foi um grande poeta. O que eu sinto é que foi uma perda triste pois hoje não vejo que não têm ninguém que compõe nessa linha poética que ele tinha. Infelizmente eu acho que nós não temos mais ninguém nessa linha.

Odilon Pereira Dutra

88 anos

Fã e amigo de Dino Franco

Aposentado

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Quando o senhor conheceu Dino Franco?

Eu o conheci por 12 anos. Ele morou em Agissê, no Distrito de Rancharia e foi quando ele começou a escrever letras de música. Em relação à escrever Dino era um gênio, um cantor e compositor, era uma pessoa fora do sério. Uma pessoa assim não tinha igual, era humilde demais da conta. Podia chegar quem quisesse na casa dele e ele já recebia no portão e mandava entrar para tomar um cafezinho. Como compositor ele era demais e essas duplas, quase todas tem letras dele, por exemplo, o Lio e Leo, Jacó e Jacozinho e Tião Carreiro que juntos produziram em parceria a música Amargurado. O Dino escreveu e o Tião entrou com a melodia. Quando ele formou dupla com Mouraí, aí foi uma boa dupla. Rapaz, eles cantaram durante muitos anos, mas aí o Mouraí morreu e o Dino veio morar em Rancharia. Para poder dar conta dos shows ele treinou as irmãs dele para cantarem nos shows com ele. E de certo, elas formaram a dupla As Irmãs Franco.

O senhor o conheceu assim que ele veio morar em Rancharia?

Sim, foi quando eu o conheci. Sabe, eu era fã dele e meu filho Serginho também. A gente queria muito conhecer ele, mas como ele viajava muito, principalmente para São Paulo e Mato Grosso, era difícil. Um dia eu estava ali embaixo e meu filho disse que o Dino Franco tinha chegado. Aí eu fui lá na casa dele, ele me atendeu e já me mandou entrar, me pedindo para eu ir até a cozinha pra tomar um café com ele e a irmã Marina, que sempre morou com ele desde que veio para Rancharia. Eu sempre fazia umas festinhas de aniversário em casa e ele sempre vinha. Antes disso, eu tinha uma propriedadezinha, há dez quilômetros daqui, aí ele queria conhecer a nossa propriedade. Aí rapaz, a gente fazia churrasco lá. É por isso que eu gostava dele, ele era uma pessoa, um cara que não gostava de bens materiais, ele gostava de lugares simples. O último churrasco que ele veio em casa foi no meu aniversário. Fui até casa dele, chamei ele e eu já tinha até comprado uma bebida pra ele. Você deve saber que ele gostava de beber uma pinguiha né. Então rapaz, ele

participou da festinha, bebeu a bebidinha dele e me pediu para cantar com ele a música “A Capa de Viajante”, de Jacó e Jacozinho. Nós cantamos, ficamos nos conhecendo ainda mais. Me lembro da época que o Mouraí morreu e ele passou a formar dupla com Fandangueiro.

Conte-me alguns acontecimentos envolvendo Dino Franco.

Teve uma época que ele estava meio doente, mas ainda estava cantando, aí veio um pessoal da Rede Globo gravar com ele. Se eu não me engano foi o Programa Globo Rural, eles falaram sobre Tônico e Tinoco. Meu irmão que tem um sítio bonito emprestou o local para eles gravarem. Sabe, o Tônico e Tinoco é uma das duplas mais antigas e tem uma voz fora do sério. Na casa dele vinham duplas de fora, o Liu e Leo tinha vindo de um show no Mato Grosso e pararam na casa dele. Como a irmã dele sabia que eu tinha vontade de conhecê-los, me ligou na hora e eu fui lá graças ao Dino. Em um fim de ano, era véspera de ano e a Marina tinha ido passar as festas na casa dos parentes, no Mato Grosso, e o Dino havia ficado. Me lembro que fui até a casa dele, ele me chamou para dar uma volta de caminhonete e eu aceitei. Ao pararmos em uma padaria, onde tinha muitas crianças. Ele comprou um pacote de bala e distribuiu para a molecada. Uma vez fomos à casa do Fandangueiro, quando eles ainda não faziam dupla. Depois de lá passamos num bar e ao ver uma mesa cheia de gente, ele chegou no dono do bar e disse “pode deixar que a conta deles eu pago”. Um dia ele me falou; se eu quisesse ser milionário eu era, mas eu não gosto de bens materiais, eu gosto é da simplicidade, de ir ao sítio comer churrasco no palito. Teve uma situação que ele pescou uns pacus e ele mesmo limpou e fez para o povo que estava lá no sítio isso pra você ver a simplicidade dele.

O senhor também tinha ligação com a família de Dino?

Eu tinha muita amizade com a Marina e ele. Eu peguei amizade também com a Marisa quando ela formou dupla com a Marina. A Marina me deu uma camisa dele para eu guardar de recordação.

Às vezes eles faziam festa lá na casa deles e nos chamavam. Eles eram festeiros, ainda mais o Dino, que gostava de um churrasco acompanhado de uma boa moda de viola. Sabe, ele perdeu uma irmã, a Marisa, ela todo ano fazia check-up no médico e nunca achou nada nela. Um dia ela começou a sentir umas dores na barriga e ao ir ao médico ele mandou ela até Barretos. Lá eles fizeram de tudo mas

não teve jeito, ela estava com câncer e dentro de uns 40 dias veio a falecer. Depois disso, não demorou muito para Dino partir também. Domingo agora eu fui visitar a Marina, pois ela não está muito boa ainda, depois de ter sofrido um acidente de carro. Estava ela, o Fandagueiro e mais duas pessoas no carro, pois tinham ido participar de um programa sertanejo em Londrina quando o carro capotou na pista.

Você se lembra do dia em que Dino veio a falecer?

O Dino com o tempo foi ficando ruim de saúde, coitado. A Marina deve ter falado pra você que ele teve cirrose. Ele ficou com uma barriga d'água, sempre estava no médico. Eu me lembro do dia da morte dele, ele morreu era onze e meia da manhã. Para você ver o quanto eu tinha amizade com ele. Nesse dia, cheguei na casa dele e estava cheio de gente. Foi quando a Marina apareceu na porta e me deixou entrar. Aí eu entrei. Do jeito que ele morreu, coitado, ele estava virado de lado na cama dele. Ao chegar uma senhora que me chamou para rezar o pai nosso, aí rezamos, depois o levaram para o hospital. De lá foi para ser velado na Câmara Municipal. Ai começou a chegar os cantores Abel e Caim, que quase não saia da casa dele, o César Menotti e Fabiano, que hoje está fazendo um sucesso danado, além do Daniel. Se não me engano ele foi enterrado depois das 10h da manhã.

Para o senhor, quem foi Dino Franco?

O Dino era maravilho tanto como pessoa, cantor, compositor e poeta. O talento era tanto que ele até ocupou uma cadeira na Academia de Letras de Campo Grande, se não me engano a de número 14. Ele tinha um uniforme que vestia para usar lá. Era a coisa mais linda e acho que está guardado com a Marina. Ele também foi homenageado, aqui na Câmara Municipal de Rancharia, recebendo o título de Cidadão Ranchariense. No cemitério que ele foi interessado estão fazendo um túmulo com uma escultura de viola em homenagem ao Dino. O homem era bom de mais como pessoa, como cantor, como cidadão, não tinha pessoa melhor. Ele ajudou tanta dupla sertaneja, eu mesmo sou um exemplo, porque quando eu tinha alguma dúvida sobre música, corria lá e o Dino não me negava ajuda.

Marina Ramos Garcia

80 anos

Irmã de Dino Franco

Aposentada

Entrevista semiestruturada - Pessoal

O Dino sempre teve o apoio da família? Se sim, destaque alguns momentos que concretizam esse posicionamento.

O Dino tinha muito apoio né, a mãe, eu acho que o Dino era o filho preferido dela, o que era mais carinhoso com ela. O Dino ele era. Nossa, gostava muito da mãe dele, coitado. Quando a mãe ficou doente que ele estava em São Paulo, levou a mãe, deixou a mãe quase um ano lá com ele pra se tratar lá em São Paulo. Eu morava em Cornélio Procópio. Eu morava em Cornélio Procópio, e eu punha no, eu escutava o programa na Rádio Nacional e ele cantava toda terça-feira, o Dino, na Rádio Nacional e de lá ele mandava notícia para os meus irmãos, pro pai lá em Nova Andradina e nós morávamos num patrimônio pertinho de Nova Andradina, que era Vila Mandina, que até o pai, a mãe estão todos enterrados lá, sabe. E ainda tem meus irmãos, meus sobrinhos tudo que mora lá. E eu escutava menino, era a coisa mais gostosa quando eu via chegar terça-feira pra escutar o programa dele.

A senhora poderia falar um pouco do início de carreira do Dino e ressaltar algumas experiências nos primeiros lugares nos quais ele se apresentou?

Oh, o Dino quando foi embora pra São Paulo, em 1956. Em 56 que o Dino foi embora para São Paulo, quando ele foi embora pra São Paulo. Ele chegou em São Paulo, ele começou. O Dino trabalhou em São Paulo, foi pra São Paulo sem conhecer ninguém. Foi junto com outro irmão meu, os dois cantava junto né. Lá arrumaram serviço. O Dino trabalhou até de. Como é que fala, aí meu deus, não estou lembrando. Ele trabalhou, primeiro emprego dele lá em São Paulo foi, ele falava que tirava água do poço pra fazer massa, ajudante de pedreiro. Ele trabalhou em São Paulo e depois ele falo, aí procurando serviço né, achou foi esse e foi trabalhando, achou que o dinheiro tava acabando porque ele levou pouquinho. E o Zelão meu irmão, Jose Orlando, minha mãe tratava ele de Zelão. Os dois cantavam muito bonito, nossa. O Zelão foi embora e junto com ele arrumou serviço de vigilante de uma casa, gente rico lá em São Paulo e o Dino falo acho que antes de ir no

serviço ele não passava lá onde ele estava trabalhando. Não ficaram junto né, não deu pra ficar junto e foi isso.

Com qual idade exatamente o Dino Franco seguiu a vida na Capital Paulista e quais foram as dificuldades enfrentadas?

Então, o Dino foi embora pra São Paulo ele tinha 19 anos, depois que terminou o tiro de guerra aqui em Paraguaçu. Mas aí ele já cantava desde de pequeno né. Ele com Zelão trabalhava o dia inteiro na roça, chegava tomava banho e cantava até para as 10 horas da noite, para depois ele dormir. Levantava antes de ir pra roça, afinava o violão, cantava de novo, levantava seis horas da manhã e ainda cantava pra depois ir pra roça. Ele fez muita música bonita. O Dino fez Amargurado, o Dino fez Amargurado, que depois que ele estava lá em São Paulo, que ele fez Amargurado e deu. Ele levou um caderno, dois cadernos de 100 folhas, cheio de letras de músicas, para São Paulo. Levou a roupinha dele e as letras de música. A primeira música que o Dino gravou foi Natureza, a primeira música que ele gravou com Tonico e Tinoco. Sabe, lá ele conheceu Tonico e Tinoco. Primeiro conheceu o Zé da Estrada, Pedro Bento e Zé da Estrada, que o Pedro Bento, o Zé da Estrada, é, trabalhava numa loja de material de pesca e caça e ele arrumou pra ele lá. Foi quando ele começou a trabalhar.

Em São Paulo o Dino trabalhou como porteiro, onde e por quanto tempo?

Numa clínica, ele trabalhou numa clínica né, bastante tempo. Trabalhou numa clínica só pra ele ter um lugar pra ele dormir. Ele levantava cedo, abria a clínica e fazia o café para a turma ali. Abria a clínica porque ele dormia no quartinho dos fundos da clínica. E ele trabalhou ali bastante tempo. Trabalhou acho que uns cinco anos ali.

Além do trabalho de porteiro, quais funções ele ocupou antes de conseguir se sustentar com a música?

A demorou né, o Dino demorou de trabalhar nessa portaria que ele trabalhou nessa clínica, clínica radiológica, faz muito tempo, daí ele já estava ganhando dinheiro né, Natureza, fazendo showzinho com Tibagi. Primeiro que ele começou a cantar foi com Tibagi.

Eu digo assim, antes dele ganhar dinheiro com a música, qual função em que mais ele trabalhou, além de porteiro?

Trabalhou na, ele arrumou um serviço na, ele arrumou um serviço lá. Ele trabalhou muito tempo na Chantecler, na Gravadora Chantecler. Arrumou um serviço lá. Ele era produtor, ele entrou ali começou a trabalhar, ele e o José Rico. E o primeiro CD que o José Rico gravou foi feito pelo Dino e até o sétimo foi o Dino que produziu. Você entendeu? Eles fizeram um teste com ele lá e passou. Acharam ele muito inteligente né e lá ele trabalhou até, ave maria, trabalhou muitos anos lá e ele trabalhou até ele largar mesmo de viajar por conta própria. Com Tibagi ele começou a cantar, com seis meses que o Dino estava morando lá em São Paulo ele já veio cantar num circo em Paraguaçu, com Tibagi.

E em qual momento sua família percebeu que o Dino Franco poderia se tornar um artista de extrema importância no contexto da música sertaneja raiz?

A minha mãe sempre. Quando ele escrevia pra mãe e a mãe respondia as cartas. Naquele tempo não tinha celular, não tinha nada dessas coisas. O Dino ele, ele começou a trabalhar na Chantecler, fez de teste lá começou a trabalhar e ele trabalhava a semana inteira ali na Chantecler, mas sábado e domingo ele tinha tempo para ele viajar com show, entendeu? Aí ele falou que já começou a ficar melhor e deu pra comprar umas roupinhas mais ou menos, já deu pra comer mió.

A senhora poderia falar um pouquinho do momento de consolidação da carreira do seu irmão e ressaltar a parceria com Mouraí e os sucessos como Cheiro de Relva e Amargurado?

O Dino, ele fez o Cheiro de Relva mesmo, aquela música era do, eu tinha não sei se ele entregou o livro que tinha essa música. Cheiro de Relva que era do Zé Fortuna, do Zé Fortuna. Ele deu essa música pro Dino melhorar porque ele não conseguia terminar. Ele fez o primeiro verso, porque o primeiro verso o Dino não mexeu em nada, só o segundo que o Dino fez de novo e colocou melodia, porque ela tinha melodia diferente e ele não gostou da melodia, porque o que enfeita a música. Ela pode ser um, ter uma letra bonita mas se ela não ter uma melodia bonita não tem graça. Você concorda comigo? É desse jeito. E aí eles mexeram na música e não conseguiram arrumar e ele falou para o Zé Fortuna “ô Zé Fortuna, eu estou mandando a sua letra de novo porque não tem conserto não”. Aí ele falou assim “ô

Dino, o que você fizer está feito, muda o jeito que você quiser”. Aí o Dino, o segundo verso o Dino fez tudo sozinho, fez tudo assim de novo, fez tudo de novo. Aí o Zé Fortuna não chegou nem ver a gravação, ele morreu antes. Você o que foi o Cheiro de Relva. Agora Amargurado, o Dino escreveu Amargurado, ele vinha vindo lá de Goiás, que ele morou três anos em Goiás. Ele estudou um pouco lá, veio três anos de lá, trabalhou lá, nem sei do que ele trabalhou lá e ele veio embora. Quando ele veio embora, lá que ele escreveu Amargurado, entendeu? Ele disse que levantou no hotel que ele ficou. Levantou, estava aquele tempo chovendo, chovendo, aí ele foi. Ele falou que abriu a janela do quarto que ele estava dormindo e ele falou “tá bom de fazer uma moda hoje né”. Hoje a Inezita cantou Amargurado, porque ela já morreu mas eles botam ainda né. Cantou Amargurado não, ela cantou o Cheiro de Relva, mas ela mudou a melodia no final, até a letra. E ela fala, ela escreveu, ela cantou assim falando das florezinhas na beira da estrada e o Dino fala que as flores abandonada e ela mudou o outro nome assim que eu nem lembro agora. Não é todo mundo que canta igual né.

A consolidação da carreira dele foi nessa época?

Essa música que apareceu ele gravou e Amargurado. Então não tem nem quantia.

Foi quando Cheiro de Relva estourou?

Mas, eu tenho o meu amigo que mora lá em Marília que é o Caim, que cantava com Abel. Aquele lá o Dino tinha muita amizade com ele e ele falava sempre pra mim “o único artista que eu vi fazer sucesso com moda de viola foi o Dino Franco”. Primeira moda que ele cantou, que ele fez foi o Caboclo na Cidade, que ele falava “seu moço eu já fui roceiro do triângulo mineiro, onde eu tinha meu ranchinho, né, isso aí, ele fez sucesso com essa música. Foi o mesmo ano que saiu, que ele fez essa música Cheiro de Relva, Caboclo na Cidade. Mesmo ano que saiu. Aí meu deus, qual que saiu junto? Não estou lembrando qual saiu junto, e que no fim a dele apareceu e a outra ninguém canta até hoje, saiu junto. Não estou lembrando qual. Depois se eu estiver lembrando eu volto.

Depois já com a fama o Dino Franco continuava compondo com os mesmos temas dos tempos da roça e partiu para outros temas ou para que temas ela partiu?

O Dino Franco gravou, gravou o ritmo. Ele fez um cá com mexicano, ele gravou, sabe um CD sozinho com mexicano e ele ficou bastante tempo cantando sozinho Dino Franco e seu Mariachi. Eu tenho o CD e ele ficou bastante tempo cantando sozinho. Gravou Dino Franco e Orlando Ribeiro e até hoje eu vi o Orlando Ribeiro na televisão. Orlando Ribeiro e Milton Rodrigues. Ele gravou um CD de Orlando Ribeiro e Milton Rodrigues e viajou bastante junto com eles.

E ao todo, quantas composições foram escritas pelo Dino e quantas duplas ele formou e porquanto tempo exatamente se dedicou a carreira?

Menino, o Dino ele fez parceria com muita dupla. Primeiro foi o Tibagi lá em São Paulo. Depois que ele mudou de nome cantando, é, ele fez uma dupla Dino Franco e esse que cantava Belmonte. Ele cantou muito tempo com Belmonte na noite. Cantava na Espora de Ouro, cantava na lanchonete assim, lanchonete né. Ele cantava em clube. Eles cantavam tipo assim, era muito bonito a dupla dele com Belmonte. Depois o Belmonte morreu acidentado e eles estavam cantando juntos quando o Belmonte morreu, sabe. Depois do Belmonte, ele cantou, ele fez outra dupla e essa dupla que eu não estou lembrando o nome, que ele cantou também bastante tempo, foi uma terceira dupla depois que ele saiu desse Os Mariachis. Juquinha e Junqueira, você tá lembrando melhor que eu, Juquinha e Junqueira, cantou bastante tempo com Juquinha e Junqueira. Aí você vê Juquinha e Junqueira, não tem nada a ver né. É, cantou bastante tempo com ele mesmo e depois que ele conheceu o Mouraí. Com Mouraí ele cantou 25 anos né e todo ano eles gravavam disco e a dupla que apareceu do Dino mesmo foi Dino Franco e Mouraí e eles cantavam muito tempo junto, até o Mouraí morrer. E quando o Mouraí morreu deixou um monte de shows marcados e a turma ligava aqui. E o Dino falou “não, pode ficar sossegado que eu vou cumprir tudo os meus contratos né”. É tudo feito contrato e você assina né “eu vou leva minhas irmã, eu com a Marisa, o Zé Neves com a Luzimar, que o Zé Neves a gente viajou muito tempo junto, até quando o Dino ficou doente e música que nem você estava falando ele tinha. Ele gravou 500 musicas, 1500. Eu tô errada, 1500 músicas gravadas quando o Dino morreu. E um monte bastante que ficou, que tá lá com o Nestor. Nestor já deu pra bastante pessoa gravar, que ele deixou muitas, umas 100 melodias, porque o Nestor é bom pra pôr melodias. Ele é muito bom pra pôr melodias. Que nem o Chuvisco da Madrugada, o

Dino fez só o verso e o refrão com a melodia. Aí o Nestor terminou o último verso, fez outro verso e acabou de pôr melodia.

Por quanto tempo o Dino Franco se dedicou a carreira?

Por quantos anos né. Quantos anos. Só em São Paulo o Dino ficou 40 anos. Ele fez 40 anos, 40 e poucos anos, não sei ao certo, mas mais de 40 anos, o Dino de carreira, Dino. Ele aposentou lá em São Paulo, por isso que ele veio embora. Aposentou das cantorias dele, mas assim mesmo continuava fazendo shows. Só depois que ele ficou doente mesmo.

De todas as composições do seu irmão, qual fez mais sucesso e por quê?

A que fez mais sucesso foi Cheiro de Relva, Amargurado e esse Caboclo na Cidade, nossa senhora. Ele fez, quer ver, Amargurado, Cheiro de Relva, Três Namoradas. Quer ver outra, pra 1500 músicas. Menino, eu tenho ali até uma pasta que tem ali todos.

Mas assim, para a senhora por que que essas músicas fizeram sucesso, na sua opinião?

Na minha opinião porque ela é romântica, o povo gosta de música romântica, não é. Música que tenha assunto, que nem o Caboclo na Cidade. O Dino fez Caboclo na Cidade que é moda de viola. Ele fez A Volta do Caboclo, que fala da história do caboclo que foi pra cidade e vendeu o que ele tinha né. Depois ele fez A Volta do Caboclo, que também é muito boa. Eu até gosto mais da Volta do Caboclo do que o Caboclo na Cidade. Ai, qual outra que o Dino fez, meu deus do céu. Fez muita moda bonita, bonita mesmo, romântica.

Quais grandes cantores que gravaram as composições do Dino Franco e quais são elas?

O Abel e Caim o Dino viajou muito tempo com Abel e Caim. Eles faziam peça teatro. No circo de primeiro era assim, você se apresentava e fazia teatro. O Dino, ele escrevia essas peças assim e ele viajou muito tempo com Abel e Caim. Só música do Dino Abel e Caim gravou 200 letras. Só o Caim, Abel e Caim. O Milionário e Jose Rico gravou música do Dino. Ele gravou aquela. Eu tô com a cabeça tão ruim. Ele gravou três ou quatro, acho que quatro músicas, Filho de Ninguém, o Dino gravou,

que era do Dino. Eles gravaram Milionário e Jose Rico. Tem uma música que é, que ele. Deixa eu ver como é que era. Eu não lembro o nome dela. Eu sei que tem um pedacinho que ela fala “eu deixei lá na fronteira”. Você já ouviu essa música? “A mulher dos meus amores, mais formosa que as flores”. É linda essa música “de beleza sem igual, eu sem ti não sei viver, minha deusa prometida pra mim nada vale a vida, se um dia eu te perder”. Linda essa música. É do Dino também e eu nem sei o nome dela. Eu sei que ela é assim. Ele fez uma parodia de uma música. É uma parodia dessa música ai, e ele escreveu também. Moda de viola, o Dino fez um disco só de moda de viola. Cada uma mais bonita que a outra. É difícil né, uma pessoa fazer tanta moda de viola.

Qual foi a melhor fase na carreira do Dino?

Hum, isso é difícil responder. Eu acho que a melhor fase dele foi quando ele aposentou e veio embora né.

Por quê?

Porque lá em São Paulo ele morava sozinho. Eu morei 20 anos junto com o Dino, 20 anos. Depois que eu fiquei viúva, depois que ele aposentou, ele voltou pra Mandina, pra Vila Mandina, onde morava toda a família e o povo “vai, vai, vai. Vamos, Dino. Vamos Dino, vem pra cá”. Porque lá ele estava muito sozinho. Até um compadre japonês que ele tinha lá ligou um dia pra nós. Aí eu fiquei viúva e fiquei sozinha né. Daí ele falou “se a Marina for morar comigo lá em Ivinhema, se ela vim morar comigo”. Daí eu aluguei minha casa em Paranaíba e fui morar com ele lá em Ivinhema e moramos um ano em Ivinhema. Ai ele me falou que estava aposentado mas que ia fazer show, não encerro de uma vez, ia fazer show. Nós viajamos na caravana do Brasão desde de 2004 até 2013. Ele parou e eu com a Marisa ainda continuamos. Logo ela ficou doente também e com dois anos ela morreu.

Ele ganhou muito dinheiro e investiu em algum ou alguns bens, a maior parte que ganhou foi com a venda de discos com direito autoral e com shows?

O Dino ganhou bastante dinheiro, mas ele não tinha amor pelo dinheiro não. A turma dizia “por que você deixa o Dino gastar tanto dinheiro”. Porque ele bebia, juntava, quando ele começava a beber junto com os amigos dele ele ficava mais de semana e as minhas amigas falavam “por que que a Marina deixa o Dino beber assim. “Eu

não, o dinheiro é dele, ele pode taca fogo se quiser”. Ele sofreu tanto lá em São Paulo. Agora ele pode e eu falava pra ele e ele falava “mais pobre do que eu fui”. Porque ele era uma pessoa muito boa “mais pobre do que eu fui, Marina. Eu não vou ficar”. Olha, ele ia ali no Dani quando começava a beber e me dava 100 reais, eu guardava e se ele fosse três ou quatro vezes por dia no Dani, ele chegava e me dava dinheiro. E ele só guardava dinheiro no bolso da camisa. Ele tirava, via que tinha só 200 reais, ele pedia pra chamar um táxi e ia no banco tirar mais, entendeu. Teve um dia aqui, que no outro dia ele amanheceu bom, não bebeu mais. Acho que ele tomou banho e café e eu juntei 600 reais e falei “Dino, olha seu dinheiro”. E ele falou “que dinheiro é esse”. “Aquele que você me deu ontem”. Aí ele pegou 50 reais e me deu. Não adianta, menino. Ele falava “mais pobre do que eu fui”. Você estava perguntando se ele juntou alguma coisa, ele não tinha, o Dino não tinha essa ilusão de. Ele comprou essa casa. Ele tem, tinha uma no Mato Grosso que ficou pro filho dele. Tem outra lá. Essa uma do Mato Grosso o filho dele vendeu lá da Amandina e comprou outra aqui em Gardênia, que ainda tem tá lá. Não acha comprador porque Gardênia acabou, aquele rio lá, lugar de pesca né acabou. E ele tinha um lote de terra lá em Minas Gerais, que nem o balneário. Aí ele tinha um pedaço de terra, ele passou pro filho dele e o filho dele já foi lá, já resolveu tudo, foi lá vê o. Ai meu deus como chama o nome da cidade. É para lá de Ouro Fino, aquela cidade grande para lá de Ouro Fino. Ele tem um amigo dele lá que mora até hoje. Ele que pagava o IPTU pro Dino. O Dino mandava dinheiro pra ele e ele pagava o IPTU desse terreno, o filho dele também. Carro ele teve porção, vendia comprava outro pra viajar. O que tinha ai mesmo, a primeira coisa que o filho dele fez foi vender. Com direitos autorais, ele ganhava muito dinheiro. Ficou tudo pro filho dele. Era dele né e ele era o único que tinha direito.

Ele teve muitos relacionamentos amorosos? Por qual motivo ele não constituiu família, embora tenha um filho?

Ele tem um filho, como é que fala? Não é que ele registrou. Ele não, não tinha contato com o filho dele, mas o filho dele nem visitava ele. O Dino, ele falava pra mãe que ele nunca ia casar “mãe, eu não vou casar”. A mas falava assim “por que você não vai casar, menino, você é bobo falando coisa besta aí”. E aí ele falou “não, mãe. Eu se arranjo uma namorada com dois mês, um mês eu já enjojo dela. Então eu não quero tirar uma moça da casa, da família dela pra fazer ela sofrer, de jeito

nenhum”. Ele falava isso ai. Ele conheceu uma mulher, pelo nome de Jandira. Ela está viva ela mora lá em São Paulo. Foi que ele morou com ela dois anos e ela era lá de Goiás e ele passando lá em Goiás ele conheceu aquela mulher. Foi quando ele escreveu Amor e Saudade. Sabe, ela morava lá, conheceu ela lá. Ele morou com ela, arrumou asa e morou junto né. O Dino desde pequeno com 12 anos ele tinha por hábito ler a bíblia. Porque a bíblia dele está ai e ele deixava lá na cabeceira da cama, na mesinha. Antes dele dormir ele lia aquela bíblia pra depois dormir e o que você perguntasse da bíblia ele te dava de cor. Acho que ele leu não sei quantas vezes aquela bíblia, desde menino, está até com as manchas amarelas. Então, ai ela começou a bíblia com ele, porque ela largou do marido dela pra ir morar com ele e ele tinha um menino, e ela tinha uma menina e tem até fotografia dela ai. Ela tinha, eu não tenho a fotografia da mulher, eu tenho a fotografia dela e do júnior, que tem o mesmo nome dele Osvaldo Franco Júnior, mesmo nome. E ela tinha uma filha, que até quando ele foi busca ela lá em Goiânia, que ela morava lá, que ele foi buscar ela lá pra morar com ele em São Paulo. Porque quando ela foi ela levou a menininha. Foi morar com ele e levou aquela menina. A menina casou e se formou e tudo lá, mas ele ficou com ela dois anos só. Ela começou a ler e ela chegou naquele ponto que fala na bíblia que adular era pecado né. E ela começou a sentir remorso, acho. Porque o Dino falou que ele chegava de viagem, porque ele viajava e ela se escondia dele. Ela começou a ler a bíblia e se sentiu culpada né e daí ela quis se separar do Dino.

Onde mora esse filho e o Dino Franco tinha convivência com ele?

Muito pouco. Olha, nós moramos aqui 20 anos e ele só veio aqui depois que o Dino morreu e nós precisamos andar atrás pra achar ele. Ligava e nada. Uma vez nós fomos pra Aparecida do Norte, gravar televisão lá na Aparecida e a Marisa, a que mais conversava com ele, a Marisa. A Marisa falou assim “Dino, eu liguei para o Júnior “. E até o Dino foi gravar, participar de um DVD de uma dupla lá de Jundiáí. Aí a Marisa falou que a gente ia pra lá né, ai ele falou assim “manda o pai passar lá que eu vou almoçar com vocês lá em São Paulo”. E nós saiu cedo lá de Jundiáí e viemos pra São Paulo, que não tinha necessidade passar em São Paulo né e quando nós fomos chegando a Marisa foi ligando pra esse Júnior e atendeu? E ele foi lá? Não atendeu nenhuma vez o telefone. Nem no serviço dele. Ele trabalha numa seguradora, nem na seguradora, nem no serviço, nem na casa, nem em lugar

nenhum. Eu falei pra Marisa “eu duvido que ele vem encontrar”. Aí a Marisa “por que você diz isso”. Eu falei “ele não vem não, Marisa. Ele é esquisito. Ele não vem e sabe porque que eu falo que ele não vem, porque quando nós morávamos lá em Ivinhema, uma porção de vez ele ligou falando que ele ia e até o Dino tinha um show marcado e ele falou que ia descer lá em Dourados e ia pegar o avião em São Paulo e descer em Dourados e o Dino deu dinheiro pra mim comprar roupas novas para casa, cama e não sei o que. Ele falou “manda o Roberto buscar você, porque ele foi no carro do Mouraí né, o Dino, e mandou o Roberto, porque eles tinham um carro junto, viajavam juntos. O Roberto, então o Roberto foi para buscar esse Júnior. Ele falou “quando eu chegar eu ligo”. E veio, nunca, nunca veio e nem ver o pai dele quando estava doente. Ai o Dino caiu na pinga. Nós fomos pousar em Taubaté pra no outro dia cedinho nos ir para Aparecida. Ele bebeu uísque até. De desgosto né. O filho não ligava pra ele e quando ele casou o Dino deu apartamento pra ele. O Abel mesmo falava de um apartamento que o Dino deu para o Júnior quando ele ficou noivo dessa mulher. E ele falou “apartamento grande, Marina, de não sei quantos metros lá e não é qualquer um que tem não e ele fazendo sacrifício pra pagar”. E pagou o apartamento pra ele.

Em que ano irmão se mudou aqui para Rancharia e por qual motivo escolheu morar nessa cidade?

É porque era nossa referência lá. Quando ele mudou pra Ivinhema, porque tinha bastante parente lá né. Os parentes tudo moram lá em Ivinhema, Nova Andradina, Naviraí e ele foi morar lá perto do pai, da mãe, que é que o pai e a mãe ainda estavam vivos, meus irmãos tudo. Depois que morreu o Zelão, morreu acidentado. A mãe morreu primeiro que o Zelão, depois o pai e então ele mudou pra cá porque quis vim pra Rancharia. Nós fomos criados aqui na Fazenda Santa Ida, aqui em Paraguaçu. É a cidade que a gente vinha, Conceição do Monte Alegre, entendeu. E nós morávamos na Fazenda Santa Ida, que é do Tônico Silva. Tônico Silva já morreu mas tem o filho dele aqui na fazenda aqui. O filho dele não, o neto dele, então o Dino depois que estava aqui fez amizade com esse neto e nós fomos umas par de vezes lá. Aqui era nossa referência né, porque era pertinho aqui e o Dino quando morava lá no Mato Grosso ele fazia mais show para cá do que lá no Mato Grosso. Os daqui iam para lá e de lá vinham para cá, é esquisito.

E como era a vida dele aqui em Rancharia?

Cantava, fazia comida para os amigos dele. Nossa, essa casa era cheia de gente, pelo amor de Deus. O dia que ele amanhecia querendo beber ele me chamava de Marininha e falava "Marininha, quem que nós vamos chamar pra almoçar com nós? Só nós dois não tem graça". E ele já trazia carne. E menino de Deus, me deu até nervoso aqui. Era uma gentarada, pra dormir, pra pousar aqui. Todo mundo que vinha para cá "ô Dino, eu vou indo para prudente pode dormir ai na sua casa e ele falava "o ranchão aqui não tem tramela". Ai menino, era interessante aquele Dino Franco. Ele parece que ele amanhecia bebo de sem estar, ele amanhecia assim naquela disposição. Ai meu deus, pra parar era duro. Tinha dia que ele passava a semana inteira bebendo, quando eu acordava de manhã, eu já escutava ele abrindo a porta, ai eu falava "pronto, hoje de novo, meu deus do céu. E ele ia de novo beber e era assim.

E como era a relação dele com as amizades?

Nossa, era bobo né. Era até bobo, o que era dele não era e se falasse assim "o Dino que camisa bonita". "Então to". Era assim, um mão aberta nunca vi daquele jeito, nunca vi. Ó, você já ouviu aquela música lá Caixa Sete. Você nunca ouviu? Interessante. A Kika quando largou do marido dela. Você conhece a Kika que trabalha aqui no agrícola? Professora. Nossa, ela é formada, da aula no agrícola, ela da aula aqui no IE, ela dá aula pra todo lado. Aquela mulher trabalha que nem uma louca. Ela é esposa do tenente Barbosa. Então, a kika quando separou do tenente falou que estava faltando umas coisas em casa e ela só tinha um pouquinho de dinheiro e o marido tinha bloqueado o cartão dela né, ai chegou lá pra comprar umas coisas foi ver o cartão dela bloqueado. Ai ela falo que foi no caixa e comprou só aquilo mesmo que ela estava precisando né, até chegar o pagamento dela. E ela falou "quando eu chego no caixa, Marina, quem eu vejo lá, o Dino Franco e ele falou "só isso que você vai comprar". E ele já estava meio sapecado. "Pega tudo o que você precisar lá Kika, pega tudo. Pega uma compra do mês pra você". E ele mesmo foi lá pegando as coisas e pondo lá no caixa. E ela então falou "então deixa que eu vou pegar". Ia lá pegar e ele trazia ela. Ia pegava um, ele pegava dois. E ela disse "Marina, ele pagou minha conta e não quis deixar eu pagar nada e eu só tinha meia dúzia de coisas que eu podia pagar e eu comprei com aquela mulher do caixa sete. Ela estava, o marido sem trabalho e ela sem trabalho e tinha as crianças. Aí diz que

ela sonhou que foi fazer compra e achou que de tanto que ela precisava fazer né e foi fazer compra e diziam que quem estivesse na caixa sete pode passar a compra que não vai pagar, vai ter uma promoção e ela falou que sentiu ele. Aí ela disse que falou pro marido que ia fazer compra. E ele “você tá louca, mulher, fazer compra com sem nada. E ela disse “Deus falou comigo que e pra mim ir lá no caixa sete e quando ela estava lá no caixa sete, o alto falante avisou que quem estivesse no caixa sete ia ganhar a compra. Pra você ver, tudo é ter fé né.

Para a senhora além de irmão, quem foi Dino Franco?

Um parceirão hein. É Dino velho. Ele não ia na rua sem trazer uma coisa pra mim. Nossa senhora, dinheiro ele dava pra mim. Quando ele morreu ele deixou um seguro de 17 pau pra mim e pro Júnior deixou 150 mil aplicado pra ele e ainda um seguro de 10 mil. Ele foi um grande irmão e eu viajei muito cantando com o Dino e a Marisa quando o Mourai morreu. A gente foi cumprir os compromissos que ele tinha e nós fomos para Piracicaba, fomos para Angatuba, fomos em Paranapanema. Gente, e viajamos tanto com o Brasão e eu comecei viajar só com o Dino e depois o Dino falou “vou chamar a Marisa”. E eu com a Marisa cantávamos desde de criancinha né, e eu já tinha viajado na caravana do Brasão junto com a Marisa e o Dino. Aí a Marisa também ficou viúva, aí apareceu só nós duas cantando. Na Caravana do Brasão ganhamos bastante dinheiro e o Dino estava também. E e o dia que a Marisa não podia ir e o netinho as vezes estava doente, aí eu cantava e a gente vai deixando pra trás e esquece né. A gente viajou muito junto por isso ele gostava de cantar comigo.

E qual o significado do Dino Franco para música sertaneja raiz?

Lá no Rio Grande do Sul o Dino tinha um apelido, era o galinho do rio grande. Galinho por causa dele ser baixinho, era o galinho do rio grande, porque ele cantava igual o gaúcho mesmo. Ele tinha uma música tipo gaúcho. Então a turma falava isso. Quanta gente que liga aí e fala “é Marina, você já pensou se o Dino estivesse vivo estava fazendo aquelas modas lindas dele que não tem. Agora acabou o Dino, que nem ontem o Milton. Milton Lima que tem parceria de uma porção de músicas com Din. Ele mandou uma música no celular da minha menina que chama Grão de Milho. Essa música o Dino fez junto com Milton Lima. Esse CD, essa música. Ele fala sobre o milho, ele fala tudo sobre o milho, o que o milho oferece né, o que dá para fazer

com o milho, pamonha, cozido. Depois até a bonequinha que as meninas pegam, os rastoio pra dar para as vacas. O resto que elas pegam pra brincar de boneca. Fala tudo do milho. Ele gravou com uma dupla lá de São Paulo. Aí ele mandou pra mim ver aquilo lá e ele falo “Marina, dá pra você passar alguma coisa, pra passar na rádio, pra tocar na rádio o Grão de Milho”. Uma música tão bonita, menino, e o Nestor achou que ela ficou lenta e ela é cumprida. Grão de Milho, muito bonita mesmo e ele falou assim “Milton quando você for gravar essa música não põe no meu nome, porque eu ando doente e não sei o que pode acontecer comigo, põe no nome da Marina”. E ele falou pra mim e ai o Milton gravou. Minha, do Milton Lima e minha.

Ivani Ramos

46 anos

Sobrinha de Dino Franco

Dona de casa

Entrevista semiestruturada - Pessoal

O que você mais admirava no seu tio e por quê?

O que eu mais admirava nele, eu admirava ele inteiro. Eu admirava em tudo, eu admirava ele na bondade, porque ele tinha uma bondade incondicional com qualquer pessoa. Eu o admirava O olhar dele, que o olhar dele falava. Eu e o tio Dino tínhamos uma cumplicidade tão grande, que só dele olhar eu já sabia o que ele queria dizer e ele dizia pra mim que era recíproco e ele falava que eu me parecia com ele, que os nossos olhos falavam. Só no brilho dos olhos ele já entendia o que eu estava pensando, o que eu queria dizer. Então, eu o admirava na bondade, na generosidade, ao mesmo tempo chegava alguém aí com blá, blá, blá, com baboseira e ele já falava chega. Ele era taxativo, entendeu, ele não deixava ninguém ficar irritando ele por muito tempo e ele já percebia quando alguém já queria tirar proveito dele também. Ele já pá chega. Então em tudo eu admirava ele, na inteligência. Eu nunca conheci alguém mais inteligente que ele. Ele era meu tio, eu era a fã número um dele. Então eu só admirava.

E qual o momento da convivência que você teve com ele, durante esse tempo de vida dele que mais marcou para você e por quê?

O que mais marcou? As madrugadas que tivemos juntos, porque quando eu vinha para cá, pra rancharia, ele gostava muito de conversar comigo. Nós dois gostávamos muito de sentar e conversar, só nos dois. Então às vezes ele falava assim “hoje nós vamos sentar e vamos beber e eu já comprei um litro de uísque pra você”. E ele gostava de tomar um uísque bem geladinho, com bastante gelo e água tônica e ele gostava do velho barreiro né e a tarde ele falava para mim “já pus pra gelar e quando todo mundo for dormir nós vamos sentar lá na edícula no fundo e nós vamos beber até o sol raiar. Então, as coisas que mais me marcou assim, foram as conversas que nós tivemos pelas madrugadas, que era muito gostoso.

Das muitas histórias que o Dino Franco te contou, sobre a carreira dele, nas andanças que ele teve, você se lembra de alguma que vale a pena ser ressaltada?

A que eu acho mais interessante é da história dessa paixão na vida dele né, que foi a única mulher que ele amou e que nessas madrugadas da vida. Assim, a gente já conversou bastante e ele me contou que ele nunca mais amou ninguém na vida dele, ele só amou essa mulher. Então eu achava muito bonito isso né. Porque a gente sempre tem o primeiro amor. A gente acha que o primeiro amor vai ser o único, pra sempre né. Você nunca vai se apaixonar de novo né, depois nós temos o segundo grande amor, o terceiro grande amor e assim sucessivamente. O tio Dino não, o tio Dino amou essa mulher e foi para sempre, e ele morreu amando essa mulher. Tanto é que quando ele falava dela, os olhos ficavam marejados de lágrimas. Outra coisa que me marcou muito assim foi nessas vezes que a gente teve conversas só nos dois juntos e eu perguntei pra ele assim “tio Dino, eu tenho tanta curiosidade de uma coisa que o senhor vai me responder agora”. E ele falou assim “o que foi?” “Porque eu sei que você gostava muito de andar pelado quando você era pequeno e você andava pelado, mas com uma cinta na cintura e uma botina. E eu entendo o fato de você andar de botina, porque você ia para roça, aí tinha espinho, enxada e podia aparecer uma cobra, eu até entendo porque você usava botina, mas por que a cinta na cintura?” Aí ele respondeu rapidamente “é porque senão eu ia me sentir pelado”. Então essas foram das histórias dele o que mais me marcou. Foi isso.

E sobre a história desse grande amor, você pode explicar?

Não, não posso, é inexplicável. O que eu sei dessa história é que ele lia muito a bíblia desde que ele era pequeno e tanto que a bíblia dele é um bagaço porque ela era folheada mesmo, tanto que ele conhecia a bíblia assim que ele deixava a gente até constrangido. Você não podia discutir nada de bíblia com ele porque ele sabia tudo. Então, depois que essa mulher passou, ela se separou do marido dela e foi viver com ele e aí eles começaram a ler a bíblia juntos antes de dormir. Aí nessas noites lendo a bíblia com ele, ela percebeu que o que ela fazia ela estava em adultério. Aí ela se separou dele, largou dele e voltou com o marido. Então assim, essa é a história que eu sei que eu acho muito marcante né.

E dessa relação?

Ele teve um filho o Júnior. Tanto que quando ela largou dele, ela já tinha o Junior, e mesmo assim ela se separou dele e voltou para o marido dela, pro ex marido dela né. E ele nunca mais esqueceu. Tanto que aquela letra Amargurado ele fez pra ela. Não só essa letra, mas se você ouvir outras músicas do tio Dino e você prestar bem a atenção, você conhecendo a história, você sabe que aquela letra foi feito pra ela. Como é que era o nome dela? Jandira.

O Dino Franco compôs várias canções ao longo da carreira dele, você se lembra de alguma história relacionada na produção de alguma dessas composições e você pode comentar?

Se eu me lembro de alguma história, de alguma música que ele fez? Bom, eu me lembro claramente de a gente estar na beira do Rio Ivinhema e ele estava deitado a rede. Naquele momento eu era pequena, deveria ter uns 9 anos, naquele momento não tinha ninguém perto da gente. Eu lembro que nós estávamos do lado de uma cabana, que era a cabana do. Como era o nome daquele homem que morreu picado de cobra? O Antônio Baiano. Então, nos estávamos do lado da barraca, da cabana, que era de sapé e ele estava deitado numa rede, ai de repente ele falou pra mim “vou fazer uma moda”. Eu falei “é tio, então faz”. Estava só eu e ele. Aí ele jogou aquele vozeirão pra fora e cantou “pescador, pescador, pescador, quem se lembra olhando rio, senão procuras aquecer a alma podes morrer, morrer de frio.” Então eu falei “caramba, ele fez essa música agora”. E então ele continuou a música, a canção, eu só lembro dessa parte. Mas ele fez ali na hora, ele disse pra mim que fez ali na hora.

Para você, das várias músicas que seu tio produziu, qual ou quais você destaca e por quê?

Eu particularmente Casa Pobre. É, eu não sei fala muito. Minha alma, e não é só essa, tem Amanhecer Divino a que eu acho também uma das minhas canções prediletas. Mas Casa Pobre foi quando eu tinha 16 anos, na época ainda do disco de vinil. O meu pai comprou um disco do Mato Grosso e Mathias e eu sempre gostei de música sertaneja e ai meu pai botou lá para rodar o disco e eu de longe fiquei escutando as músicas e quando chegou na quinta faixa daquele disco era Casa Pobre, e tocou, e eu voltei lá e repeti a música. Como o tio Dino dizia “me repita a

moda”. Eu fui lá e repeti a música e de novo. Quando terminou eu fui lá e voltei de novo e ouvi de novo. Eu ouvi umas dez vezes. Aí me deu curiosidade de saber quem era o dono daquela música e quando eu fui ver era Dino Franco e comecei a chorar. Falei “nossa, não acredito “. Você vê que coisa engraçada, eu ouvir o disco quase inteiro e quando chegou na música do meu tio eu não parava de ouvir e era dele e eu não sabia. Então isso me marcou muito e até hoje e é a música que eu mais gosto dele.

Para você quem foi Dino Franco?

Nossa, um mito, uma lenda viva, um homem triste, um homem que se afogava na bebida e ele tinha uma tristeza muito grande dentro dele. Só ele e Deus sabiam um homem que tinha um chamado muito grande de Deus, porque um homem que, uma pessoa que tem um dom desses. O dom dele era impressionante. Você o via fazer música na sua frente, já vinha tudo pronto, igual você bater um bolo e botar no forno e falar “ó, está aqui quentinho”. Eu nunca mais acho que vou conhecer uma pessoa como ele. É uma lenda.

O que você mais admirava nele como pessoa e como artista?

Tudo isso que eu acabei de falar, oras. Como pessoa, esse homem engraçado, moleque, bondoso, generoso, mão aberta até demais. Se ele estivesse conversando com você ali e ia com a sua cara, ele enfiava dinheiro no seu bolso. Você sabe disso né? Então, então é tudo isso. A generosidade dele, a bondade dele, aquela, aquele jeito, menino. Aquele jeito moleque dele marcou a minha vida, a nossa história.

Sobre a formação dele, qual foi à formação dele educacional?

Ele morou no sítio, ele nem chegou ao segundo ano do fundamental. Depois que ele foi para São Paulo que ele fez. Como que chama aquele, na época era mobral? É mobral. Ele fez mobral, essas coisas aí positivo. Porque depois, eu fui conhecer meu tio cara a cara eu já tinha nove anos. Então dessa parte dele da vida dele só quem conhece é minha mãe e ela já deve ter respondido isso nas outras entrevistas né. Então eu não vou saber responder pra você qual é o grau. Eu só sei que ele era inteligentíssimo. Ele não precisava de faculdade, ele já nasceu formado, com doutorado.

José Neves dos Santos

68 anos

Amigo de Dino Franco

Aposentado

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Quando e como o senhor conheceu Dino Franco?

Conheci Dino franco desde a minha infância, ele ia indo da casa dele juntamente com irmão dele na minha casa. Ambos iam cada um num cavalo, levavam violões para ir ensaiar com meu irmão mais velho que foi o seu primeiro parceiro em 1951, se não me falhe a memória. Na Rádio Clube Marconi de Paraguaçu Paulista. Inclusive esse meu irmão faleceu na data de ontem.

E nesse tempo que o senhor teve de amizade com ele, nessas andanças, nos shows né, qual o momento de dificuldade e um de felicidade?

Não, dificuldade graças a deus não tivemos nenhuma, porque tudo sempre foi bem planejado, bem feito certinho. Dificuldade talvez seja assim, muitas vezes a distância, cansa da viagem e tal, mas isso tudo superava. Chegava já ia para o hotel, já tomava banho, descansava e tal já estava tudo certo, e felicidade foram muitas, sempre, sempre felicidade.

No caso do Duo Esperança, quais foram os trabalhos que o Dino Franco desenvolveu com vocês e como surgiu essa parceria de Dino franco e Duo Esperança?

A pareceria Dino franco e duo esperança aconteceu o seguinte. Quando começamos eu e minha esposa, inclusive não tinha nem o nome Duo Esperança. Nós começamos cantando aqui na Rádio Esperança, da nossa cidade, uma rádio comunitária, num programa dominical que se chamava Encontro de Violeiros. E o Dino gostava de ouvir na casa dele esse programa e ele ouviu a gente cantando, porque, por mais que a gente, que eu ti disse que conhecia ele desde de criança. Ele mudou para cá, a gente sempre tinha amizade tal, mas ele nunca viu a gente cantar, ele não sabia que a gente cantava. Eu e minha esposa cantávamos. Então ele viu e gostou, gostou e a gente conversando falou “puxa, tanto tempo de amizade, rapaz. Nunca que soube que você e sua esposa cantava assim tão bem,

vocês estão de parabéns. Vocês podiam gravar um CD porque vocês têm qualidade pra gravar um CD. Se você quiser pensar nisso aí, eu vou produzir esse trabalho de vocês, esse disco pra vocês. E depois de uma proposta dessa né, nós começamos a levar a sério o projeto. Ele foi o nosso padrinho e o nosso produtor. Todos os trabalhos, nos quatro trabalhos que nós gravamos tudo foi produção dele e acompanhado passo a passo por ele. Inclusive, teve uma música que gravamos com a participação dele, foi no nosso segundo trabalho. Não sei e o Dino sempre foi muito presente na nossa vida, juntamente com a gente em tudo. Nós viajavamos juntos, bastante, muito, muito, muito e onde ele ia fazer show normalmente a gente também cantava. Então foi sempre aquele laço, muita amizade, sempre junto, muito, muito, muito junto.

O senhor pode destacar uma qualidade dele enquanto profissional e pessoa?

Ah rapaz, é difícil enumerar as qualidades do Dino. O Dino era uma pessoa maravilhosa, homem integro, pessoa de total responsabilidade, sério, muito sério nos compromissos. Não dava seu nome pra qualquer coisa. Digamos assim, é uma dupla, digamos assim “eu quero que você faça a produção nossa”. Ele ia ouvir e se ele via que tinha chance de ser alguma coisa, que ia ter futuro, ele se dispunha, inclusive nem cobrava, ele era muito pronto pra servir os outros. Mas se ele via que não era assim alguma coisa que ele não colocava o nome dele em qualquer coisa não. Digamos assim alguma coisa que ouvisse e falasse “nossa, o Dino produziu isso, isso ele não fazia. E nossa muitas qualidades o Dino tinha, muitas, muitas. Eu, nossa não tenho o que falar do Dino. Sempre, graças a deus sempre fomos ótimos amigos, ele, assim sem, sem comentário.

Dentre as várias músicas que ele compôs, que ele cantou, enfim, quais o senhor destaca e porquê?

Ah, não ele tem uma infinidade de músicas, ele tem mais de mil músicas gravadas né, mas tem algumas assim que se sobrepôs, que se sobressaiu sobre as demais. Por exemplo; Cheiro de Relva, acho que é o trabalho dele que mais se destacou; Manto Estrelado, Sementinha. É muitas, pra enumerar é difícil. São muitas, muitas, muitas, muitas.

E o Dino Franco. Para o senhor quem foi Dino Franco?

É um amigo, um companheiro, uma pessoa que vai morar eternamente no meu coração, com todo o meu respeito. O Dino sempre foi pra mim um companheiro, vamos dizer assim, o melhor companheiro, o melhor amigo de estar ao lado assim sempre junto. Olha, o Dino pra mim é aquele companheiro e amigo que vai fazer falta eternamente, de estar junto da gente, do meu lado.

Nestor Prado

67 anos

Último parceiro de Dino Franco

Aposentado

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Senhor Nestor, quando o senhor conheceu Dino Franco. Nesta época você passou a conhecer a família dele também?

Bom, eu conheci Dino Franco desde eu criança né e criado na região ali de Agisse. Então depois ele foi pra São Paulo e veio o nome Dino Franco né que era muito conhecido em todo o Brasil e eu vim conhecer a família dele quando ele mudou pra Rancharia. Quando ele aposentou lá em São Paulo, com a função de cantor, compositor e músico e produtor que ele foi né. Então quando ele veio pra rancharia que a gente passou a conviver mais, a se aproximar mais e foi aí que eu conheci a família dele e a irmã dele que morava com ele e que hoje é minha parceira Marina Ramos. E fui no Mato Grosso com ele, conheci o pai dele e os irmãos todos.

E ao conhece-lo vocês se tornaram amigos com facilidade? Se sim como era a amizade e o convívio entre vocês?

Era muito boa, era uma amizade cem por cento sincera né. Sempre vivemos na tranquilidade, nunca tivemos atrito nenhum.

O senhor pode citar e explicar pelo menos uma característica do Dino Franco que o senhor mais admirava?

A simplicidade né, ele era uma pessoa muito simples e honesta, não deixava nada pra trás, ele levava as coisas dele muito controlada, muito certo nos negócios dele, era uma característica que a gente sempre admirou.

Quando e como surgiu a parceria musical entre vocês?

Bom, a partir do momento que o Mouraí faleceu né, em 2005. Eu trabalhava em outra função e ele me convidou como sempre eu gostei de música, sempre acompanhei, eu viajava com ele, ele ainda era parceiro do Mouraí. Então ele me convidou para fazer uma parceria e achei que eu não estava à altura. E ele não, não esquentava não que devagarzinho nós chegamos lá.

E como foi para o senhor trabalhar com ele?

Ah, foi uma experiência muito boa, aprendi muito com ele sobre música.

E o senhor pode explicar como o perfeccionismo do Dino Franco ajudou na carreira musical dele?

Ah, ele era uma pessoa que não gostava de nada errado e como a gente tem o mesmo modo de pensar, então deu certo né e ajudou muito. Eu aprendi muita coisa com ele.

Existe algo que o senhor gostaria de enfatizar em relação ao seu profissionalismo, ao profissionalismo do Dino Franco?

Ah, ele sempre compôs né, sempre cantou, ele era um profissional sem defeito, tudo o que ele fazia era perfeito e ele não gostava de nada errado.

Quais CDs vocês gravaram juntos?

Nós fizemos quatro trabalhos, um trabalho feito em coletânea, em parceria com Maciel Correia, um grande acordeonista de campo grande, no mato grosso do sul, chamado Integração Artística, onde nós gravamos acho que seis músicas, o Maciel gravou sanfona e acordeom também e mais parceiros. O segundo, nós fizemos de, na verdade foi o primeiro trabalho nosso Sertão, Viola e Amor, que tem bastante composição do Dino Franco. Depois nós gravamos outro chamado desfile de canções e o último trabalho que nós fizemos foi Cavalgada. Então nós fizemos quatro trabalhos.

O senhor pode falar um pouquinho de cada trabalho?

É, Integração Artística foi uma produção do nosso grande amigo Anísio Antônio Moreira. Ele que produziu esse trabalho pra nós, Integração Artística né. O segundo trabalho, esse que ele me convidou pra fazer e já tinha a produção dele feita né, o repertório. E ele não quis gravar sozinho e ele me chamou pra fazer parceria com ele nesse trabalho. Depois nós fizemos outros, esse já, ele já não estava muito bem de saúde. Fizemos um trabalho em Presidente Prudente no águia, esse nós não pudemos trabalhar ele e depois nós fizemos outro trabalho Cavalgada.

E nesses trabalhos, vocês encontraram alguma dificuldade na produção de algum destes trabalhos?

Produção para ele era facinho porque ele foi produtor da Chantecler, Gravadora Chantecler. Antigamente era a que lançou todos artistas de sucesso aí do passado. É, então produção pra ele era facilidade, coisa mais fácil que tinha. Sabia tudo e mais um pouco, a gente procurava atender o que ele pedia e fazer o que ele queria, para sair o melhor né.

E qual a canção que o senhor mais gostava de ouvir e porquê?

Ah, tem bastante música dele que a gente gosta de ouvir, quase todas né. Inclusive, quando ouço uma música que eu nem conhecia e quando vejo é do Dino Franco.

Uma em especial que o senhor pode falar?

Cheiro de Relva, uma das canções dele que mais me agradou. Tem Amargurado, uma música que fala da terra, da raiz e é o que a gente gosta.

E para o senhor, qual o legado deixado pelo Dino Franco?

A experiência que a gente ganhou né. A gente era de outro meio né, sempre gostou mais não tinha experiência nenhuma. Então, a experiência que ele deixou pra gente, um pouquinho que a gente sabe eu aprendi com ele.

No legado da música sertaneja, o que o senhor acha que ele deixou?

Ah, muita coisa né, é difícil de citar né.

Como o senhor avalia os conteúdos das canções do Dino Franco?

Ah, é pureza né, as músicas dele são pura, ele não fala bobagens nas músicas dele. Não tem bobearias nas músicas dele é tudo. Ele analisava o conteúdo a letra pra depois ele por em pratica. Ele não fazia coisa sem fundamentos?

Qual a contribuição que ele deu para música, qual a contribuição o Dino Franco deu para música sertaneja?

Quase tudo né, ele descobriu muitos talentos, ele fez muitas músicas que fizeram sucesso e sempre defendeu a raiz né, a música raiz e buscou sempre a coisa

simples e ele falava o mais simples. É o mais difícil de fazer. Tem que estar no sangue né.

Odilon Dutra

88 anos

Fã e amigo Dino Franco

Aposentado

Entrevista semiestruturada – Pessoal

O que levou o senhor a ser fã do Dino Franco?

O que me levou a ser fã do Dino Franco, pessoalmente. Primeiramente como cantor, como pessoa bom demais e como cantor e compositor era uma pessoa, um cara que recebia qualquer um na casa dele com aquele prazer, com aquela alegria. A gente começava a conversar com ele. O Dino foi tão, ele era tão conhecido, tão procurado. Uma vez meu irmão que cantava comigo que tem um sitio ali perto do motel e então nós, eu e o Dino éramos sempre irmão. Aí veio um pessoal da Globo, veio fazer entrevista com ele sobre Tonico e Tinoco. Aí a moradia lá pega um lugar mais amplo, num cenário bonito, aí ele pegou chamou o cara lá da Globo e aí começou a entrevistar e falou que a primeira dupla foi Tonico e Tinoco. Depois acho que foi com Bia e depois foi com Mouraí, Dino Franco e Mouraí. Aí eles cantaram muito tempo. Aí foi quando o Mouraí faleceu, aí passou a cantar, o nome da dupla dele era Dino Franco e Fandangueiro. Aí eles cantaram juntos e até quando ele já estava bom já começou a ficar doente. Mas aí parou, ficou uns tempos e eu ia na casa dele e ele vinha fazer churrasco em casa. Rapaz, o Dino Franco era uma pessoa tão, ele não gostava de bens materiais, ele gostava da coisa assim. Se você chamasse ele assim numa festa com garçom essas coisas, aí ele “ó, vou te contar uma passagem que aconteceu com ele. Ele gostava muito de mim, do meu irmão. Ele cantava, ele vinha cantar. Aí meu irmão fez uma festa ali no rancho e chamou ele. E pra ver como é que ele era. Aí foi uma festa de um aniversário de uma filha de 15 anos e tinha som e aí ele foi só pra dar atenção porque era conhecido e era muito amigo meu. Aí eu cheguei lá, ele estava sentado e estava sozinho e eu comecei a falar com ele e ele disse “olha Odilon, eu vim aqui só por causa do Lídio, só pra dar atenção para ele e eu não sou apegado à bens materiais, eu não gosto disso aqui. Eu gosto lá na sua casa aqueles espetos. Ele foi muitas vezes lá no sitio e ele adorava.

E como o senhor conheceu Dino Franco?

Conheci ele, eu conheci ele nessa época. Eu conheci ele, ele já estava em São Paulo. Aí depois ele veio ai, mudou pra cá e eu estava ali cantando e meu filho que também gostava muito dele e ai ele sempre falava que queria conhecer o Dino Franco. Meu filho Paulo Sérgio falou “pai você sabe quem está aí?” Eu falei não. “O Dino está morando ai”. E eu falei “vamos lá agora”. Aí eu entrei no carro com ele e subimos essa rua e ele estava morando numa casinha pra cá e já comecei a conversar com ele lá. Quando eu cheguei ele já mandou tomar café na cozinha e ai já peguei amizade com ele. Eu cantava, fazia festa e ele vinha aqui, quando tinha festa ele chamava a gente ia lá e pelo conhecimento dele e pelo pessoa que ele era. Ele era um cara muito simples, simples demais e bom. Vinham esses caras de fora que nem o César Menotti e Fabiano vinha ai sempre aqui na casa dele. E você já viu falar na atenção de Abel e Caim? É uma atenção antiga. O Abel vinha na casa dele sempre dava muita atenção, muita gente vinha fazer letra, o forte dele e ele cantava. O Dino era cantor, compositor e poeta o Dino e ai fui conhecendo ele. O dia que ele deu entrevista pro cara da Globo ele já não estava muito bem e no dia que ele faleceu que foi 11 e meia. E quando foi meio dia eu já estava na casa dele e tinha gente, moço. Aí eu encostei lá e a Marina irmã dele falou “o seu Odilon pode deixar entrar”. E ele morreu na casa dele. Fui lá, entrei no quarto ele estava deitado. Vou falar pra você. Dava gosto de ver aquele homem cantar e tocava violão e ele tinha um palavreado. E o Dino Franco conversava tão bem e se falasse um pingão dum verso de letra ele corrigia, era de mais os palavreados dele e ele também tinha uma cadeira na Academia de Letras de Campo Grande. Ele tinha e até uniforme quando ele ia lá colocava. O homem era um gênio!

E qual ou quais músicas do Dino Franco o senhor mais gosta e por quê?

Ó, falar sinceramente eu gosto das músicas do Dino porque ele não tem uma música ruim, mas tem três músicas dele. Uma a letra é dele e a melodia é do Tião Carreiro Amargurado é a moda mais tocada em rádio é Amargurado. Depois vem aquela Cheiro de Relva. É do Dino. Mas e a coisa mais linda do mundo Cheiro de Relva, letra dele. Aí vem outra boa dele também. Vem a Sementinha. Tudo modão. Ele só cantava modão. Caboclo na Cidade, tudo essas modas. Uma melhor que a outra, mas a música mais melhor dele que eu cantava era o Amargurado mesmo. As

músicas dele eram muito bem feitas porque ele não deixava, porque música é isso. Não pode faltar um verso e ele tinha um palavreado de falar tão bem.

E o senhor já fez alguma parceria musical com Dino Franco?

Nós cantamos uma vez aqui, nos cantávamos em casa. Um dia lá na casa dele mesmo, o meu irmão fez uma letra, porque eu cantava com meu irmão. Aí ele sabia que ele sabia demais, que ele entendia muito de letra. Aí eu fui lá e falei “o Dino, dá uma olhada nessa letra que o Lídio fez e nós canta. Aí ele falou “então canta aí”. Ai eu cantei, cantei baixo assim, cantei e ele falou” Odilon, o que vocês estão esperando. Vocês eram pra estar ganhando muito dinheiro com essa letra viu, Odilon. Essa letra é muito bem feita, você já poderia ter registrado essa letra e qualquer um pega essa letra sua, qualquer um”. Qualquer dúvida que eu tinha de uma letra eu ia lá na casa dele e ele já ia e me explicava tudo certinho e quando eu tava cantando uma música que eu não sabia o dono da letra, aí eu ia lá e falava “o Dino, essa letra aqui é de quem e ele falava essa letra é de fulano de tal assim, assim, assim. Sabia de tudo e foi um cantor que deixou muitas saudades e o dia que ele morreu foi velado lá na câmara.

Enquanto profissional da música o que mais chamava a atenção no Dino Franco como artista?

Como artista, ó primeiramente, ele era uma pessoa muito, muito honesta, muito, muito bom. Ele era. Ele era um cara que cantava com qualquer um falava “olha, Dino faz uma música assim”. Ele era de mais pra cantar pra sair para fora. O Dino me contou uma passagem uma vez, ele fazia muito show para o lado do mato grosso, ele gostava do mato grosso demais e um dia ele falou para mim “Odilon, eu tinha um amigo no mato grosso numa fazenda e ele me chamou pra ir cantar lá na casa dele. Foi a marina. E então eu cheguei lá na fazenda. Aí o fazendeiro já mandou o piloto arrumar o avião e falou “ó Dino, vamos dar uma volta na minha fazenda pra você conhecer. Aí ele disse “vamos, vamos”. E o fazendeiro disse “você está vendo tudo isso ai que está vendo. Tudo que você está vendo é meu Dino, só que eu não posso comer nem um bifinho. E ele falava não adianta ter muitos bens materiais se o cara não faz uma caridade pra ninguém. Mas ele não, ele quanto mais a pessoa ser mais simples, mais ele gostava. Ele tinha essa vantagem.

O que mais o senhor admirava no Dino Franco?

Sinceramente o que eu mais admirava do Dino era a ação que ele tinha com qualquer um. Um cara do nível dele, o compositor que ele era, o que ele sabia e chegar na casa dele e receber qualquer um é difícil né, é muito difícil. Esse cara quando ficar famoso. Mas ele recebia podia chegar quem quisesse na casa dele que ele recebia, conversava e eu admirava ele por causa da simplicidade dele e da atenção que ele tinha com a gente. O Dino era uma pessoa tão boa, mas tão boa que um dia numa mercearia de um japonês chegou uma coitada de uma mulher lá, começou a pegar um quilinho de arroz, um quilinho de cada coisa. Aí ele falo para, para, para, faz ai uma compra boa e a mulher começou a fazer a compra. Rapaz, e ele falo pro dono “agora você põe na perua e leva”. E a mulher foi embora. Ele fazia isso com todo mundo, com qualquer um, chegasse quem fosse. Uma vez ele foi numa padaria pegar pão e uma mulher foi pagar a conta e ele “não, pode deixar que eu pago, dona Maria”. Não, não, ele não deixava. O cara era gente boa demais.

Qual o momento mais importante da amizade entre o senhor e o Dino Franco que o senhor guarda?

Rapaz, o momento que eu mais guardo do Dino Franco é que nem eu falo para você é a amizade que ele tinha com a gente, a atenção que ele tinha com a gente e eu gostava de mais das músicas dele. As músicas dele é, foi inclusive umas par de músicas dele que eu gostava e quando eu tinha qualquer dúvida de qualquer música eu chegava e perguntava para ele e ele falava “Odilon, essa música é de fulano”. Podia ser música de 60 anos, eu pedia de quem e essa letra Dino. A gente ia se apresentar assim e então não saber a letra era ruim né. E então eu ia lá, ele me explicava tudo certo. Essa letra é de fulano, assim, assim.

E para o senhor quem foi Dino Franco?

O Dino Franco pra mim. Olha, foi uma pessoa incrível, de quando eu conheci o Dino ele era uma pessoa de capacidade, todo mundo gostava dele, nunca vi uma pessoa falando mal dele. Não tinha nada pro cara falar “ah, o Dino é aquilo, aquele outro, aquele não. Ele era uma pessoa mão aberta para qualquer um, honesto demais da conta e poderia ser criança, poderia ser velho, poderia ser preto, poderia ser branco, não tinha cor, não tinha nada e por isso que eu gostava mais do Dino, por ele ser desse jeito. Eu mesmo conheço um cara que nem a metade dele não é e não faz.

Um dia fizeram no salão paroquial uma festa lá e ele foi. Ele foi e a marina e nós estava cantando e esperando eu e meu irmão cantar. Aí quando eu subi pra cantar lá ele falou “Odilon, canta o Canoeiro, do Tônico e Tinoco. Aí eu subi lá e comecei a cantar. Ele escutou e um dia, não pra mim. E ele disse “aqui dentro de Rancharia nem eu tenho uma primeira como a primeira do Odilon”. E ele foi incentivando a gente. A gente foi pegando muita amizade por causa do incentivo dele e da educação dele e da simplicidade dele e foi o que me levou ser sempre mais amigo dele, um amigo e tanto. Compositor, poeta, cantor e um grande amigo da gente. E ele não tinha malícia com ninguém. Um dia, tem um restaurante que vai para João ramalho e que tem um posto, um ali tinha uma fonte de água mineral. Então o Dino, eu e mais um cara que eu cantava aqui fomos lá e ele falou “olha Odilon, eu quero ir junto com vocês. Eu falei “vamos”. Dino e nós fomos com a caminhonete. Aí foi eu e ele e meu colega lá cabine e quando chegou lá ele “você sabe né?” Se não fosse isso do Dino. Chegou lá no restaurante ele era um cara tão educado e fomos lá no caixa e ele pediu dá um conhaque e falou “Odilon, toma uma cerveja”. E eu não bebo nada e falou pra eu tomar pelo menos um guaranazinho eu falei “olha Dino, vamos deixar para outra hora”. Ele tomou aquele conhaque, pegou a nota e foi pagar a mulher. O dono do restaurante viu. Ele pagou a mulher e ela foi dar o troco pra ele e ele pegou na mão da mulher e beijou a mão da mulher. E isso é uma educação e o cara queria achar ruim, moço. E eu falei pro o cara “ó, você sabe quem é esse homem. Esse aí é o Dino Franco. Isso é uma educação que ele faz e quantas vezes ele não pego beijo minha mão e por isso que eu falo pra você o cara era demais.

Luiz Eduardo Rizzio

50 anos

Amigo de Dino Franco

Produtor musical e proprietário do Studio Águia Records

Entrevista semiestruturada - Pessoal

Como o senhor conheceu Dino Franco? Como se iniciou o vínculo profissional entre vocês?

O Dinho, eu conheci ele pessoalmente há uns 20 ou talvez 18 anos atrás, ele veio ao meu estúdio procurando aos meus serviços. Bom, primeiro eu fiz um trabalho pra ele e depois ele acabou vindo trabalhar comigo com o passar do tempo.

E ele trabalhava como produtor musical também?

Isso, exatamente

Depois de quanto tempo trabalhando juntos, vocês se tornaram amigos?

Bom, eu acho que foi meio que imediato porque a gente entrou em sintonia muito rápido. Assim, foi uma amizade muito intensa.

Como passou a ser essa relação pessoal e profissional entre vocês?

Então, a minha admiração dele como ídolo, quando eu não conhecia ele pessoalmente, já era bastante. Eu já admirava ele como meu ídolo. Eu já tinha ele como ídolo. Aí depois que eu conheci ele pessoalmente, a simpatia, o carisma dele foi me conquistando e até por isso eu chamei ele pra vir trabalhar. E aí o nosso convívio diário era maravilhoso.

Além de trabalharem juntos, vocês saíam juntos? Ia um visitar o outro?

Sim, eu ia sempre na casa dele e pelo fato do estúdio tá aqui muito perto da minha casa. Então basicamente ele sempre tava aqui na minha casa, no estúdio e em casa. Mas a gente ia pra churrasco junto, ia pra festa. Viajei bastante com ele, muito, muito, muito mesmo. É, Paraná, Brasília, Mato Grosso. Viajei muito com ele.

Cite para mim algumas características de Dino que mais lhe causavam admiração e explique o porquê.

O Dinho era muito verdadeiro. Ele não media as palavras dele. Assim, se ele não gostasse de você, ele falava que não gostava na sua cara. Ele não falava isso por trás, assim. Ele tinha uma qualidade que eu cheguei a discutir muito com ele, que eu achava isso um defeito até. A qualidade era tanto que era um defeito. Ele era muito bondoso. Se ele te visse passando frio ele tirava a blusa dele. Passava frio e te dava a blusa. Então, ele dava o que ele tinha pra todo mundo. Sabe, assim, eu até acho que financeiramente, aí eu já não tenho muita certeza, mas financeiramente se ele. É, ele não conseguiu agregar muitos valores porque ele distribuía tudo o que tinha. Então ele tinha um coração muito grande e as vezes eu brigava com ele porque eu achava que ele dava demais até pros outros.

Como o senhor avalia o conteúdo das composições dele?

Aí não tem nem como avaliar isso. Tá aí o sucesso nacional de tantas obras que ele tem. Então, ele era muito rico nos detalhes, no português correto. Às vezes, em algumas músicas, ele usava um termo caipira, um termo teoricamente no português errado, que no dia a dia ele não usava porque ele falava o português corretíssimo. Então, às vezes na música ele usava e ele falava assim que poeticamente falando podia usar aquele termo, mas era um termo que ele não usava no dia a dia.

Ele era bem perfeccionista em relação a isso?

Muito, muito.

E a contribuição dele para o segmento da música sertaneja de raiz?

Olha, eu acho que ele deixou um legado muito grande. Muito, muito muito. Porque se você pegar os grandes sucessos de Chitãozinho e Chororó e tantos outros. Não dá nem pra falar dupla sertaneja porque Milionário e José Rico. Nossa, não dá pra falar. Todos, a grande maioria, gravou música do Dino e fez sucesso com música do Dino. Então, por isso que houve uma comoção nacional dos artistas quando ele veio a falecer porque foi uma perda tremenda pra nossa música sertaneja.

Quantos trabalhos vocês produziram juntos? O senhor se lembra?

Ah, foram bastante, não dá pra enumerar né. Não dá pra enumerar porque, assim, ele ficou trabalhando comigo mesmo pelo menos uns, direto pelo menos uns 5 anos.

Mas, bem mais, talvez o dobro o dobro do que isso indireto. Então, a gente fez muita coisa.

Tem algum trabalho em específico que vocês fizeram que você não consegue esquecer?

Pra falar a verdade, de tudo o que aconteceu, de todos os trabalhos que a gente fez com o Dino e tal, o que até hoje, assim, eu me lembro e eu me sensibilizo, às vezes até me emociono, foi o último disco dele.

Qual foi o último disco dele?

É, foi Dino Franco e Fandanguero, que é um parceiro dele.

O Nestor Prado?

O Nestor, exatamente. Ele já foi cantando já com muita dificuldade. Quem ouve o trabalho pode até criticar alguma coisa técnica né, porque houve falhas técnicas assim dele porque ele já tava bem adoentado mesmo né. Então, foi uma coisa assim que marcou a gente.

Em qual ano que foi isso, essa produção com o Nestor Prado?

Nossa...em que ano foi que ele morreu?

Foi em 2014 né. Se eu não me engano.

Foi no finalmente já.

Foi bem nos últimos meses?

Foi bem assim, tipo seis meses antes do falecimento dele. Então, se você tiver a data é só você, você puxa aí.

E de trabalho do Dino mesmo foi só esse que o senhor produziu?

Não, teve mais. É, teve Dino Franco canta. Esse foi muito bacana. É, Dino franco canta músicas do Serrinha. São várias composições do Serrinha que ele quis regravar e algumas músicas que ele fez junto com o Serrinha e tal. Foi um disco muito bacana também.

O Senhor disse que já admirava o Dino mesmo sem conhecer ele. Como foi pra você passar a conhecer o Dino e além disso contribuir na carreira dele, já que vocês produziram tantos trabalhos?

Ah, foi muito bacana. Eu posso dizer pra você que o Dino só deixou lembrança boa. Nada que, nada que desabou lhe todo o tempo que a gente esteve junto. Ele era um paizão assim.

Como amigo e profissional da música, o que o senhor tem a dizer sobre ele?

Como amigo é tudo isso que eu falei pra você, uma pessoa que se doava pras amizades. Se ele gostasse de você tudo que era dele era seu também. Assim, e como amigo ele era um cara impressionante. Como profissional, é a mesma coisa que eu avaliar o Pelé, no futebol, por exemplo. Se eu fosse jogador de futebol como falar do Pelé. É falar do Dino. O Dino foi um cara único, único. Desculpa, é que eu me emociono.

Qual ensinamento deixado por Dino Franco que jamais será esquecido? Por quê?

O menos é mais. Isso na música é muito importante e eu aprendi com ele. Quanto menos melhor, na música. Então, isso assim a gente falando de por exemplo, assim, um arranjo. Ele falava assim “Eduardo, não precisa encher de coisa. Vamo fazer o mais simples. Vamo fazer menos aqui. E ele sempre falava assim “o menos é mais”. Isso é uma coisa que eu não vou esquecer nunca dele.

Quem foi o Dino na música sertaneja de raiz?

Ah, ele foi um ícone né.

E se você pudesse escolher apenas uma música do Dino para ouvir agora, qual escolheria?

Cheiro de Relva né.

Por que? Ela te faz lembrar algo em específico ou é mais pela letra dela mesmo?

Não, eu nunca fui do sítio assim pra falar. Eu nunca morei num sítio. Então, assim, mas a poesia né. A poesia da letra Cheiro de Relva. É...você começa a ouvir a

música, você se sente no mato mesmo, você se sente lá no local, assim. Mas, isso você perguntou pra mim ouvir agora né. Eu acho que assim é maior expressão. Agora, que ele teve muita música que não fez sucesso também mas de impressionante qualidade assim. Sabe, quando ele morava ali em Ivinhema, que ele fez lá uma música sobre Ivinhema. Uma música muito engraçada até. Um dia a gente tava lá, lá em Ivinhema num churrasco e na música ele falava de um determinado caboclo lá e o caboclo tava nesse churrasco e aí ele cantou essa música. E, foi assim muito bacana assim, foi muito legal.

Se o senhor tivesse uma última oportunidade de falar com Dino novamente, o que você diria a ele?

Fica mais. Acho que seria o que eu precisava, que ele ficasse mais tempo com a gente.

Senhor Luiz, muito obrigada.

Desculpa tá. A gente se divertia muito com ele, aí você pergunta e vem a lembrança. É como se fosse do meu pai, assim.

E doí né, é muito tempo trabalhando juntos, um vínculo de amizade muito forte?

Ó, mas assim, eu tô emocionado mas tô feliz, entendeu. Não é assim uma coisa que eu to emocionado triste, assim. É que ele era um cara fantástico.

E ele nunca será esquecido né, podem passar anos e anos?

Ah, qualquer pessoa que teve contato com Dino. Assim, se você ficasse uma tarde com ele. É, as vezes, o serviço no estúdio não rendia. Então, eu como profissional tinha que as vezes fazer aquela parte chata do chefe: "Ou pessoal, vamo parar aí e vamo trabalhar né". Às vezes era necessário isso. Assim, mas, é, se você tivesse com ele numa tarde, num churrasco, num lugar qualquer, ele fica a tarde inteira contando piada e contando história da vida dele, onde a gente sabe que metade era verdade e metade era fantasia. Mas ele, ele tinha a capacidade de contar umas histórias que ele pegava fragmentos de verdade e colocava naquelas histórias e

you morria de ri, you ficava encantado com tudo aquilo. Então assim, ele era um grande contador de história além de poeta. Maravilhoso.

Paulo Gomes

55 anos

Empresário e proprietário da BGK Fonográfica

Amigo de Dino Franco

Entrevista estruturada - WhatsApp

Antes de se tornar empresário de Dino, o senhor já o conhecia? Se sim, como passou a conhecê-lo?

É, na realidade eu não me considero como um empresário do Dino Franco né. É, do tempo que eu o conheço, a nossa amizade começou no final do ano 99. Eu estava produzindo o CD da minha gravadora com a dupla Denis e Fabiano pra Som Livre. E o Fabiano de Rancharia era afilhado musical do Dino né. O Dino tinha um carinho muito grande por ele. O Dino nos auxiliou nesse trabalho e cedeu algumas obras dele, e foi então que comecei a frequentar a sua casa e ficamos amigos. Aí a partir dos ano 2000 ele começou a editar suas obras na minha editora e eu fiquei responsável pela parte autoral dele.

Quando e como exatamente decidiu se tornar empresário de Dino? Trabalhou com ele durante quanto tempo?

Como te disse, na realidade eu não me tornei empresário, vamos dizer assim. Mas nessa época de 2000 ele confiou a mim toda a parte editorial dele né. Minha editora BGK fonográfica aqui. Uma editora que administra as obras dele até hoje. E aí na época ele fazia com o Mouraí. Depois ele formou dupla com o Fandanguero, que é de Rancharia, foi o último parceiro dele. E eu acabei auxiliando nesse sentido né. Em alguns eventos dele as irmãs dele também, as irmãs montaram um Duo sertanejo né. Tinha também os nossos amigos lá, o Duo Esperança né, que era o Zé Neves e a esposa dele Ismar, e a gente acabou se envolvendo com minha gravadora e eu mesmo como pessoa me envolvendo com eles lá. Sempre frequentando a casa do Dino, sempre desfrutando da amizade e conhecimento dele.

Com o tempo, como passou a ser a convivência profissional entre vocês?

É, nosso relacionamento profissional começou em 2000 e a nossa amizade também perdurou durante toda a existência, perdão, até a morte dele e é uma amizade de, de extrema cumplicidade né. Ele era uma pessoa assim que agregava muito,

ensinava muito né, tem um conhecimento de vida maravilhoso, um conhecimento musical ímpar né e eu sempre que, que eu me via, é, apurado com alguma informação, com alguma dúvida a respeito de compositores, de cantores das décadas de 50 60 e 70, que ele foi produtor muito tempo da gravadora Continental né. Então ele, todo esse conhecimento, ele era uma biblioteca ambulante. Então nossa amizade, é, tava vinculada ao nosso trabalho profissional também.

Além do vínculo profissional, vocês também mantinham uma relação de amizade? Conte como era essa relação.

A minha amizade com ele começou data de no final do ano de 1999 né. E que eu conheci através da nossa dupla e depois eu comecei a frequentar a casa dele, é, a amizade com ele, com a dona Marina, com a dona Marisa, as irmãs dele e essa amizade perdura até hoje né e perdurou com ele até o seu falecimento.

Como Dino tratava os assuntos da carreira? Ele era dedicado?

Sim, o Dino Franco era uma pessoa sempre muito centrada né, ele sempre foi. Seu Osvaldo sempre foi compenetrado, muito exigente né com relação a música, tanto as suas composições, suas obras, quanto as suas músicas, as gravações. Eu tive a oportunidade de gravar, participar de várias gravações com ele né, várias produções musicais que ele produziu, gravações de CDs dele com outros parceiros. Inclusive, é, os dois últimos CDs que ele gravou, um já foi lançado pra gravadora BGK né, pela minha gravadora, em parceria com atração. A questão, ele tava, ele era vivo ainda. Em questão de seis meses atrás nós lançamos o CD, eu tive a ideia de lançar o CD de 50 anos de Dino Franco né. Fizemos o CD, foi muito bem aceito no mercado, até hoje é. E após isso nós fizemos um outro projeto com ele inédito que acabou nem sendo lançado ainda. Tá comigo, eu, ele fez uma releitura de obras de um autor que ele tinha muito carinho e esse disco tá até, inclusive, ele inédito ainda. Eu não, não lancei ainda.

Fale sobre algumas características de Dino que mais lhe causavam admiração.

Olha, muita coisa desperta assim carinho, chama a atenção dessa nossa amizade com o Dino Franco. Mas acho que o mais importante delas é o caráter dele da preocupação que ele tinha, com, com o ser humano, com as pessoas, com o trato com as pessoas. Era uma pessoa totalmente desprendida de valores financeiros,

materiais né. Ele não se apegava a isso. É um homem de hábitos simples, apesar de ter uma, receber uma admiração muito boa pelas suas obras né. Ele tem, tem centenas e, centenas não, tem milhares de obras que foram regravadas e regravadas né. E o que gera pra ele, gerou para ele gera até hoje pros herdeiros é pagamento de Royals né. Mas ele tinha esse, esse grande ponto positivo que é o caráter dele. É o caráter de uma pessoa ímpar, de uma honestidade fora do comum. É uma pessoa assim que realmente tinha atos de bondade assim extremo né. E o mais importante dele era a humildade, ele ajudava muita gente, quer queira financeiramente, quer queira com um apoio moral ou qualquer outro tipo de apoio. Mas jamais ele deixava que isso fosse comentado né. Então se ele ajudasse, se ele, por exemplo, ele me ajudasse me emprestasse um dinheiro, me cedesse um dinheiro e me fizesse alguma doação ele nunca permitiria que eu falasse pra outras pessoas que ele fez isso. Então a generosidade dele, a honestidade dele são os pontos mais marcantes pra mim.

Para você, o que Dino Franco representa para a música sertaneja?

Olha, o Dino Franco não só pra mim mas pra todas as pessoas que conhecem, que convivem com a música sertaneja, com a música de raiz, é, é sem dúvida nenhuma um ícone né da música sertaneja. É, um fato assim até que eu ressalto, é, tinha, tem um artista né de renome nacional que é o César Menotti da dupla César Menotti e Fabiano mas principalmente o César Menotti ele foi um, um dos artistas que em horário nobre no Faustão pouco antes do Dino, do Dino falecer ele falou que Dino Franco era o maior compositor vivo né da música sertaneja. Realmente as obras dele são obras ímpares né, tem uma assinatura, é, toda pessoal dele. Ele, é que a gente comentou até esses dias atrás num grupo aí de empresários ele é do tempo ainda que a música é sertaneja principalmente era uma música de essência uma música que tinha letra que tinha uma história né ele tinha um grande predicado que era o conhecimento da língua portuguesa ele era muito é muito contundente na, na colocação das palavras, na, na ortografia, na boa utilização da gramática. Então ele é uma pessoa que é realmente na música sertaneja eu creio que foi um dos, não que seja o maior, nós temos muitos grandes autores aí, mas um dos maiores e mais importantes divulgadores e criadores dentro da música sertaneja.

Qual foi sua reação quando ficou sabendo do falecimento do cantor?

Olha, como não podia ser diferente. Quando a Marina me ligou eu fui, tive o privilégio de ser uma das primeiras pessoas a ser avisadas do acontecimento. Eu tive com ele né, eu frequentava muito a casa dele, gostava muito de ir na casa dele né. Então sempre quando eu tava na região de Rancharia, eu sou de Marília, mas sempre na região de Rancharia e Presidente Prudente eu fazia questão de ir pra lá, a Marina nos recebia com aquele café delicioso e pelo menos uma meia hora, uma hora de bate papo pra saber o que tava acontecendo no meio, né. O Dino era uma pessoa muito antenada, muito informada do que tava acontecendo no meio. Ele era muito procurado por todos os músicos, né. E é uma coisa interessante que é por tanto faz a jovem guarda como a velha guarda sempre se orientava com ele. Então, quando a Marina me ligou falando. Ô, eu tive com ele algum mês acho que antes, ele já estava um pouco debilitado da saúde mas sempre uma pessoa muito otimista, muito alegre, sempre receptivo né. Mas a gente já sabia, já tinha assim uma preocupação com a saúde dele. Quando ela me informou realmente foi um, por mais que você esteja sabendo que a pessoa está num processo de doença e caminhando pro final da sua existência, a gente nunca espera né. Então quando veio, realmente, o baque foi muito grande. Eu só tive tempo de trocar de roupa aqui na minha casa, pegar minha esposa e descer pra Rancharia.

Das canções compostas por Dino, qual o senhor mais admira? Por quê?

Olha, numa obra tão rica como a do Dino Franco. Inclusive eu tenho, eu tenho obras aqui inéditas né que ele, que ele editou conosco e nunca chegaram a ser gravadas ainda. É, é difícil né você elencar, falar "não, essa obra é mais bonita", mas pela poesia né e até pela história dessa música que é amargurado, já teve mais de 400 regravações né, acho que teve. Acho que num lembro nenhum artista sertanejo de ponta que não tenha regravado Amargurado. Então é, é, é um hino, vamos dizer assim, na música sertaneja como a Boate Azul do Siviero, e cheiro de Relva, Cheiro de Relva principalmente pela letra dela, pela inspiração que ele teve né. São duas obras que eu, que eu refuto como os melhores assim, as mais destacadas de Dino Franco, Amargurado e Cheiro de Relva.

O que muda no cenário sertanejo com a partida de Dino Franco?

Olha, a partida do Dino Franco. A partida do Dino Franco né, ela deixou uma lacuna enorme na música sertaneja né. Como eu disse, ele era um homem de composições muito ricas né, desde a forma gramatical, desde da organização da letra em si né. Ele tinha uma inspiração muito, muito especial né. Ele se inspirava em certos assuntos, ele criava uma obra, depois ele se debruçava sobre ela e ficava aperfeiçoando todas as concordâncias né. Ele era realmente uma pessoa muito, muito cuidadosa né. Então, hoje infelizmente, é, o mercado no geral ele carece muito disso né. Nós temos hoje novos compositores, com novas obras, com novos tipos, novo tipo de música né, mas o mercado carece demais de pessoas como ele que compunham letras que tenham sentimento, que tenham uma história né. Você pega as músicas de Dino Franco, todas elas têm uma história né, tem um enredo que você começa a ouvir e (1:00) cê começa automaticamente a devagar sobre aquela história, cê começa a fazer uma, um filme na sua mente né, imaginando o que ele queria dizer com aquelas palavras. É uma coisa, é uma coisa que você, palpável né. Você consegue quase que palpar. Não chega ser palpar mas é uma coisa que você fala poxa, é, começa a falar da música, você vai começando a ver. São coisas do dia a dia, do homem do Campo. Ele teve obras que ele fez em certo período aí que ele fez que é o candidato caipira que são obras que falam da política né mas de uma forma muito, muito especial, e muito sertaneja né. Então realmente a lacuna que ele deixa é essa, a lacuna de pensadores, de pessoas que, que descreviam músicas pela paixão pela música. Hoje nosso mercado, eu como dono de editora, eu tenho uma editora há 20 anos, tenho uma gravadora com selo fonográfico. A gente vê a carência que existe né de obras com conteúdo né hoje você se você ouvir uma programação de um FM hoje você tem que tá muito atento pra achar alguma obra ou outra com conteúdo, com história né. Fora isso são músicas que falam de mulher, de bebida, de rodeio, de festa mas não são músicas que tenham conteúdo né. Não generalizando, logicamente, mas você, você conseguir achar obras como a Dino Franco aí. Eu falo também do Donizete Santos, do pessoal daquela época lá é difícil. Realmente ele deixou essa lacuna e até agora eu não encontrei ninguém que tivesse a capacidade de compor, é, e interpretar porque ele era um interprete de marca maior né. Era um cantor assim, um interprete que dava gosto você ficava horas e horas ouvindo ele cantar e ele cantava falava sobre a obra e ele toda vez que ele cantava em shows, quando ele cantava músicas

que não eram da sua composição ou que existia uma parceria, ele sempre fez questão de nomear as pessoas que fizeram parceria com ele ou de Quem era a música. Ele era um, uma enciclopédia ambulante. Ele falava Essa música foi gravada no ano de mil novecentos e pouco por fulano e beltrano, depois foi gravado por mais isso e aquilo, composição de tal autor, de tal editora. Ele era um homem assim: de conhecimento impressionante.

Por fim, eu queria muito agradecer a você, a todos vocês que tiveram essa importante ideia de lembrar de um artista, de um compositor, de um homem como Osvaldo Franco, nosso querido Dino Franco, que é referência. Hoje você pega qualquer grande interprete da música sertaneja e aí eu cito aí desde Millionário e José Rico né, até o nosso amigo Daniel, que era fã incondicional do Dino Franco, você o respeito, admiração, que todos têm por ele, pela sua história, pela sua obra e pela pessoa que ele foi né, pelo homem que foi, um homem de caráter, uma pessoa boa, um irmão dedicado. Então realmente quero parabenizá-los por tá lembrando e consultando as pessoas que tiveram como eu o privilégio, o grato prazer de conviver com o Osvaldo Franco pra falar um pouquinho do que foi esse fenômeno né. Dino Franco é um mito, ele vai ficar marcado na história e futuramente os meus netos, meus bisnetos irão pesquisar a música sertaneja e irão descobrir com certeza que um dos maiores potenciais dela foi Osvaldo Franco, nosso querido Dino Franco.

César Menotti

36 anos

Amigo de Dino Franco

Cantor

Entrevista estruturada - WhatsApp

Quando, onde e em qual momento você passou a conhecer Dino Franco?

Eu passei a conhecer o Dino Franco ainda na minha infância através dos discos. Meu pai sempre um grande fã de música caipira em especial da dupla Dino Franco e Mouraí. E o meu pai pelo interesse acabou, é, indo em alguns shows do Dino Franco e Mouraí, acompanhando eles por algum tempo e se tornaram amigos. Daí então eu frequentei muito São Paulo, ali onde era o Café dos Artistas, na Praça Júlio Mesquita, onde o Dino Franco frequentava, eu frequentava o apartamento dele, ele frequentava nossa casa. O meu pai por volta e meia comprava alguns shows deles e levava em alguns lugares, como por exemplo, nós levamos no Tocantins numa época que a gente morava lá. Daí começou uma amizade muito forte. É, principalmente entre o meu pai e o Dino Franco, e eu fui conhecendo ele aí, ainda minha infância, sei lá, com meus 5 ou 6 anos de idade.

Como passou a ser o relacionamento pessoal entre vocês?

Bom, a gente tinha um relacionamento pessoal muito forte, um relacionamento de amizade. É, a nossa família gostava muito dele e ele gostava muito da gente. Mas eu em especial tinha uma admiração assim muito grande por ele. Eu realmente o via como uma pessoa diferenciada já que ele dentro do ambiente caipira ele era aquele cara como se fosse um intelectual porque ele tinha um português, uma retórica muito apropriada. Ele tinha um modo de falar diferente, um modo de gravar as canções diferente, uma dicção perfeita. É, nunca deixava de falar todas as palavras completas. Diferente da música caipira que sempre usou um vocabulário muito interiorano, muito simples. E eu percebi assim mesmo sem saber. Depois eu fui saber que o Dino Franco tinha feito faculdade, tal, até então eu não sabia. Mas eu via que ele tinha sim algo, ele tinha conhecimento, ele tinha um nível intelectual muito superior aos colegas.

Além do vínculo de amizade, vocês tinham alguma relação profissional? Se sim, como era?

Não, nós não tivemos relação, um relacionamento profissional. A não ser nesses alguns casos em que meu pai, é, os convidavam para cantar em alguns locais, algumas festas, em algumas feiras, pelo simples prazer de tá perto deles. Isso não era um negócio. Era o simples prazer de recebe-los, tanto o Dino quanto o Mouraí e tá perto deles.

O que se sabe é que vocês visitaram Dino Franco em Rancharia; o que ocorreu sempre que estavam pela região. Como eram esses encontros?

Eu visitei o Dino algumas vezes em Rancharia já que nós, é, por ocasião de alguns shows na região e eu sempre ia lá visitar ele, a irmã dele. E como temos família no Paraná, acaba que algumas vezes aquilo era passagem, era nosso trajeto passar por ali. E eu gostava de parar para visita-lo, eu gostava de ouvi-lo falar, é, de ouvir contar os causos que ele contava, contar histórias das suas músicas. Então eu tive esse privilégio de poder visitá-lo por diversas vezes, ele residindo em Rancharia. Como ele mesmo dizia, que segundo o dicionário de topónimos brasileiros de origem Tupi, Rancharia quer dizer Terra dos Ranchos.

Como avalia o conteúdo das composições de Dino Franco?

É, aí é algo diferente. Quanto avaliar o conteúdo das composições do Dino Franco é diferente porque além das músicas românticas que ele escrevia, acho que o principal, acho que a coisa que ele fez mais forte foi enaltecer a natureza escrever músicas como o Cheiro de Relva que enaltecia detalhes da natureza, que as vezes passam despercebidos aos olhos e só realmente um poeta consegue enxergar. Esse era o diferencial dele, além de sempre ter um português muito bem colocado nas músicas, de incluir, de ter nessas músicas palavras que não tão muito no cotidiano caipira. Eu acho que isso era o conteúdo que chamava atenção dentro das suas composições.

Quais das canções compostas por ele mais admira? Por quê?

Eu fico numa situação um pouco difícil e delicada de dizer uma canção dele que eu admiro. É, mas tem eu acho que uma história interessante, uma música que ele compôs junto com o Yoshico chamada. É...Chamada o Granfino na Roça, porque

conta a história exatamente real de como é a vida do roceiro, do Caboclo. Conta a história inversa de uma pessoa que morava na cidade e que quis ir pra roça pra respirar um ar puro, ter uma vida mais simples, mas chegando na roça ele descobriu que que era o preço que o sertanejo paga pra viver na roça. Diz até uma frase que diz “só depois do meu tropeço que eu fiquei sabendo o preço do feijão que a gente come. É, então essa Talvez seja uma das minhas favoritas, mas tem muitas outras canções que eu admiro.

O que muda no cenário sertanejo atual com a partida de artistas como o Dino Franco?

Na verdade o cenário sertanejo já havia sofrido uma mudança já há bastante tempo. A música sertaneja sempre sofreu influências externas, principalmente da música mexicana, da música paraguaia, da música americana. Mas a partida do Dino Franco que deixa, é, uma cadeira vazia né que eu acredito que ela não vai ser preenchida porque ele era um compositor caipira ímpar. Por exemplo, ele é talvez o único compositor caipira que ocupou uma cadeira na Academia de Letras. Ele ocupou a cadeira 14 na Academia de Letras de Campo Grande. Então é um vazio que nós não vamos preencher mais. O que nós temos que fazer é reviver suas obras né, porque tem muita coisa pra ser usada, tem muita coisa pra ser explorada que ele deixou.

Conte alguma lembrança ou curiosidade gostaria de ressaltar a respeito de Dino Franco.

Ah, ele é um cara tão com tantas particularidades que é difícil assim também contar assim alguma curiosidade, mas eu acho que o que é notório que a música toda sabe que ele era um cara muito inteligente mas ele tinha uma queda pelo álcool e ele bebia muito. Mas sempre foi uma pessoa muito agradável. O Dino Franco ele tinha uma coisa assim ele não deixava ninguém pagar nada no ambiente que ele tava. Onde chegava pra comer ou pra beber sempre ele pagava e ele tinha uma veia humorística muito forte. Ele era muito engraçado nos causos que ele contava, na forma em que ele observava as pessoas que estavam em volta e tirava sarro daquilo. Realmente era uma coisa muito particular dele.

Se tivesse uma última oportunidade de falar com Dino mais uma vez o que diria a ele?

Bom, eu penso que eu tive essa última oportunidade de falar com ele. Já no fim da sua vida, ele já tava bem fraquinho. É, eu achei que ele tava um pouco triste e eu pude falar assim um pouco assim do amor de Deus por ele, mas ele sempre debatendo com muita inteligência, sabe. Ele era muito centrado assim no sentido de entender o que ele tava passando eu penso. Mas se eu tivesse uma oportunidade de falar com ele uma última vez eu acho que não falaria eu trocaria essas palavras por um abraço.

Antes da morte dele, de acordo com informações, no programa do Faustão você se referiu ao Dino Franco como um dos melhores compositores vivos da música sertaneja naquela época. Poderia me falar exatamente quando e como foi?

É, eu sempre falava não só no Faustão como em outros programas. Mas no Faustão eu fiz questão de exaltar, de enaltecer por ser um programa que alcança muitas pessoas. Enaltecer ele como um dos maiores poetas da música sertaneja ainda em atividade naquela época. É, porque realmente só tinha ele né, tinha sobrado só ele da turma dos que eram dos contemporâneos dele como Zé Fortuna, como Carreirinho.

Eduardo Santos Lopes Oliveira

32 anos

Professor de Língua Portuguesa e Literatura

Entrevista estruturada - Pessoal

Como analisa a escrita de Dino Franco?

Então, analisando aqui as composições do Dino, Dino Franco, tanto Cheiro de Relva né quanto Amargurado a gente pode perceber o seguinte, é, os textos eles trabalham, eles vão dialogar aí, claro que de forma intertextual, atemporal, tem uma distância longa né das composições eles vão dialogar bem com, uma dialoga um pouco com o romantismo né, se for pensar no caso de Amargurado, uma vez que o texto é ele é escrito em primeira pessoa né. Ele fala o que é feito daqueles beijos que eu te dei, daquele amor cheio de ilusão que foi a razão do nosso querer. Então ele tá falando sobre a ótica e sobre o ponto de vista dele. Então ele, o eu lírico falando seu próprio ponto de vista né, o ponto de vista pessoal. Não dá para sacar o ponto de vista por exemplo da interlocutora no caso aqui né. Então ele só se despede, ele fala vai com Deus. Então é uma lamentação bem pessoal né. Além dessa lamentação ser bem pessoal, de certa maneira ela pode ser sim idealizada né, porque ele fala “daquele amor cheio de ilusão que foi a razão do nosso querer; por onde foram tantas promessas que me fizestes não se importando que o nosso amor viesse a morrer”. Então é um ponto de vista dele. Será que realmente as promessas, é, tinham por objetivo fazer com que amor não morresse. Então é um ponto de vista muito particular. Romantismo trabalha muito com isso. Há uma idealização do amor, uma idealização da Pátria, uma idealização de liberdade partindo de um ponto de vista particular, um ponto de vista pessoal, sem de certa maneira observar os dois lados. Isso aparece na literatura, chega de certa maneira uma análise mais social no realismo. Então se a gente for pensar em Amargurado ele dialoga bem né com romantismo. Isso é bem interessante. Da pra gente trabalhar bem, é bem bacana.

Além de ser admirado por sua cautela em relação à gramática, Dino Franco é conhecido por compor músicas capazes de despertar a imaginação. Analisando, em específico, a música Cheiro de Relva, isso é perceptível? É algo que enriquece o conteúdo musical? Por quê?

Já a outra canção Cheiro de Relva é fazer uma análise da escrita ela se assemelha bastante com o arcadismo pelo clima bucólico né. O que seria o bucolismo é quando a gente valoriza é elementos da natureza, de certa maneira. Então se a gente for pensar em Cheiro de Relva, o próprio título já já remete a esse elemento né e a letra de certa maneira ela trabalha com isso né. Então ela trabalha muito bem a descrição. Direi o que é um pouco parecido, dá pra gente tentar fazer uma intertextualidade com o heterônimo do Fernando Pessoa, o cara chama Alberto Caeiro, em guardador de rebanhos, o arcadismo trabalha muito essa questão da natureza, da valorização dos elementos naturais né, e isso aparece bem nessa. A valorização é tão grande né em Cheiro de Relva que tem até uma parte em que ele que ele vai dizer o seguinte né “deixar entrar pedaços de madrugada e a sobre a colcha azulada dorme calma a lua-irmã”. Então olha a proximidade que ele tem de elementos naturais né. Então isso é bacana e além disso, dele trabalhar essa parte visual, a descrição aqui é bem sensorial, trabalha a parte do olfato, dá a entender também uma descrição psicológica pela sensação desse Cheiro de Relva do campo da, do campo, “a brisa mansa que nos faz sentir criança embalar milhões de linhas”. Então, ele vai trabalhando essa parte bucólica e faz com que pessoas que viveram nessa época, que gostam de ler naturais, elas de certa maneira vão viajar dentro da letra. Tanto é que não é à toa que essa música é um clássico e se não me engano foi regrada inclusive por Chitãozinho e Xororó. Então é um clássico da música brasileira.

Em seu ponto de vista, as composições de Dino têm realmente um destaque literário? Explique.

Por ter um certo diálogo com escolas literárias né, por trabalhar de certa maneira de forma muito rica sentimentos humanos porque isso aqui dialoga. Quem nunca teve saudade de algum lugar né, lembrança de algum cheiro ou de algum momento que já viveu né, está descrito numa letra. Então esse diálogo ele é riquíssimo na literatura. Então isso é muito importante de se frisar né nesse diálogo. Então por isso que é pertinente ouvir e analisar esse tipo de canção. Em amargurado também o

diálogo é muito bonito, muito sincero, falando de certa maneira de um sentimento atemporal que é a perda do amor né ou a perda daquele sentimento ali. Então partindo por esse princípio, as composições são extremamente ricas né, elas têm um teor muito bacana, até porque esse diálogo não é simples de fazer não. Ele é muito complexo e muito difícil dialogar com o sentimento humano e o Dino faz isso de forma muito ímpar, muito autêntica. Então isso é muito bacana de se frisar.

Analisando o cenário musical como um todo, desde o sertanejo ao rock, quais são as principais diferenças entre os conteúdos compostos atualmente se comparado com os atuais?

É interessante pensar nos gêneros musicais. Esse tipo de diálogo é interessante que ele aparece em vários gêneros musicais. O funk dialoga bem com isso, tem um ideal de letra machista e etc mas dialoga muito bem com o movimento corporal, consegue fazer com que as pessoas, é, de certa maneira consigam interagir. O pagode sentimentalmente falando ele também dialoga. O rock anda enfraquecido no século 21 mas também trabalha bem esse diálogo né. Eu posso citar temporalmente falando, posso falar de uma época atrás, se a gente pensar Nos Mutantes, Novos Baianos faziam isso de maneira muito muito rica. Hoje nós temos aí Pitty que faz isso. Temos Jota Quest que também faz. A gente tem uma galera mais nova aí um NX Zero chegando. Dentro do meio do Rap também há parecido com a ideia do Dino se pensarmos um grupo chamado 1 kg, eles trabalham bem essa perda do amor né. Claro que o contexto é bem diferente, a idealização é bem diferente, mas o teor é parecido né. Claro que não tem, hoje em dia como a internet dominou, é, a linguagem ficou muito mais rápida, tudo, a comunicação ela necessita de rapidez. Então, as metáforas elas são um pouco deixaram de lado né, a descrição de certa maneira é um pouco deixada de lado e a linguagem é um pouco mais direta. Mas há muita semelhança e as músicas contemporâneas também, é, dialogam com as pessoas, da mesma maneira como o Dino Franco também fazia.

ANEXO B
MATÉRIA PUBLICADA NA REVISTA OPÇÃO

Opção

RANCHARIA Nº 2 - MAIO de 2018 R\$ 6,00

EX-MORADOR DE RANCHARIA

QUASE PÕE FOGO NO PAÍS

O imigrante JINJI KIKAWA, que plantou algodão durante 7 ANOS NO MUNICÍPIO, idealizou e fundou a SHINDO RENMEI, que MATOU NIPÔNICOS que não aceitavam a derrota do JAPÃO NA 2ª GUERRA





DINO FRANCO

TERÁ JAZIGO DEFINITIVO

O cantor e compositor, Dino Franco, morreu aos 77 anos, no dia 04 de abril de 2014, em Rancharia. Seu corpo foi enterrado em uma cova rasa, em um lote emprestado por um amigo, no Cemitério da cidade.

Restos mortais do **POETA SERTANEJO** serão **TRANSFERIDOS** para o túmulo construído por doação pelo **OESTE SAÚDE**

Os restos mortais do compositor foram disputados por vários municípios que queriam homenageá-lo. O principal foi Paranapanema-SP, onde nasceu. O município ofereceu à irmã Marina Franco um mausoléu no cemitério da cidade e um Museu com o acervo do compositor.

Por iniciativa do jornalista e amigo Ulisses de Souza um jazigo foi construído em área doada pela Prefeitura Municipal de Rancharia, depois de uma recusa da Câmara Municipal.

A obra foi totalmente financiada pelo advogado Marcelo Cerqueira, diretor presidente do grupo Oeste Saúde, de Presidente Prudente, a pedido do jornalista, de quem é amigo. Cerqueira sempre se mostrou ser fã do cantor e

compositor.

A partir do dia de 04 de abril, quando completa quatro anos desde o sepultamento, os seus restos mortais podem ser transferidos. No entanto, Ulisses de Souza quer ainda ver se é possível revestir o jazigo com mármore e está procurando possíveis doadores.

- Queremos homenagear o Dino apenas com duplas e cantores rancharienses. Vamos fazer um "Entardecer com o poeta", que vai acontecer no próprio cemitério, ao lado do jazigo. Estudaremos com as autoridades o melhor dia, disse.

Os trabalhadores do cemitério disseram que a procura pelo túmulo é muito grande e as pessoas, oriundas de vários estados, saem indignadas ao ver que não há sequer um jazigo para abrigar os restos mortais do poeta sertanejo.

- Teve um pessoal de Birigui que trabalhou em Rancharia e veio aqui visitar o túmulo. Quando indicamos, disseram que iam fazer um abaixo-assinado para levar os restos mortais à Birigui. Daí mostramos o túmulo que foi construído para essa transferência", disse um funcionário.

MÚSICA

Opção



Acervo de DINO precisa apenas de um local apropriado

Barracão da Fepasa: as paredes de um tijolo ainda estão firmes

Museu deve ser uma palavra tabu em Rانcharia. Muita gente influente já pediu, mas pouca coisa foi feito. Hoje existe um: Museu Manir Haddad, por iniciativa da Sociedade Amigos da Baixada, criada pelo advogado Orlando Paschetto. Mas, segundo o advogado, ninguém sabe onde foi parar. A reportagem descobriu que o acervo está no último andar da Biblioteca Municipal, inclusive o busto do Conde Francisco Matarazzo, que a família doou para a cidade. O jornalista Ulisses de Souza recebeu de Marina Franco o compromisso de doar o acervo do irmão, o poeta sertanejo e cantor, Dino Franco, desde que houvesse um local adequado para isso. O ex-prefeito Marquinhos ficou de arrumar o prédio da Baixada, onde funcionou a Usina Cultural, mas nada saiu do papel ou da ideia.

O jornalista Ulisses de Souza acha que o Museu tem que ser de todo o mu-

nício, sendo a maior atração o acervo Dino Franco. "Ninguém tem noção da importância de reunir em Rانcharia o acervo digital e as mais de 1.100 gravadas dele. O interesse é nacional. Além disso, há filhos de Rانcharia que levaram o nome da cidade e possuem acervos particulares. Na área de esportes, como Polaco, Suingue, Boni e Paulinho; na área da TV e jornalismo, como Orlando Duarte, Ferreira Martins, Reginaldo Leme e outros; na política, como os deputados estaduais Francisco Franco e Mané Facão; e tantos mais", diz o jornalista Ulisses de Souza.

Para Souza, não existe lugares melhores e amplos, como o antigo Yandara Hotel ou o barracão da Fepasa. "São prédios históricos e se, recuperados como fizemos com a Estação, podem servir para abrigar tantas histórias a que Rانcharia terá orgulho de mostrar aos visitantes", afirmou o jornalista.



Hotel Yandara, do conde Francisco Matarazzo, é uma excelente opção para o Museu de Rانcharia

PÁGINA 32

SEMEANDO amor, sempre!

"Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem...".

(Heb 12.14-17)

A mansidão ou a índole de brandura deve ornamentar os ambientes da vida daqueles que vivem sob o senhorio de Cristo. O poder e a virtude do auto controle, é que faz com que aqueles que seguem os ensinamentos da qualidade de manso de Cristo, tem a possibilidade de destruir os males da bridade, desequilíbrio e dureza de alguns, por meio da serenidade. É com espírito brando que, os que de fato professam a fé no Senhor Jesus procuram adornar-se. Os atributos conferidos por Deus a nós como regenerados, além da santificação, sinceridade e lealdade prática em nossa vida, aquilo que pregamos, é de prestar e servir como abençoadores, e de despenseiro do incomparável amor de Deus, através da Sua Palavra.

Os alicerces, a base do amor são: importar-se, doar-se (sacrifício), suprir as necessidades de alguém, dar proteção, perdoar, renunciar...etc

"Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus".

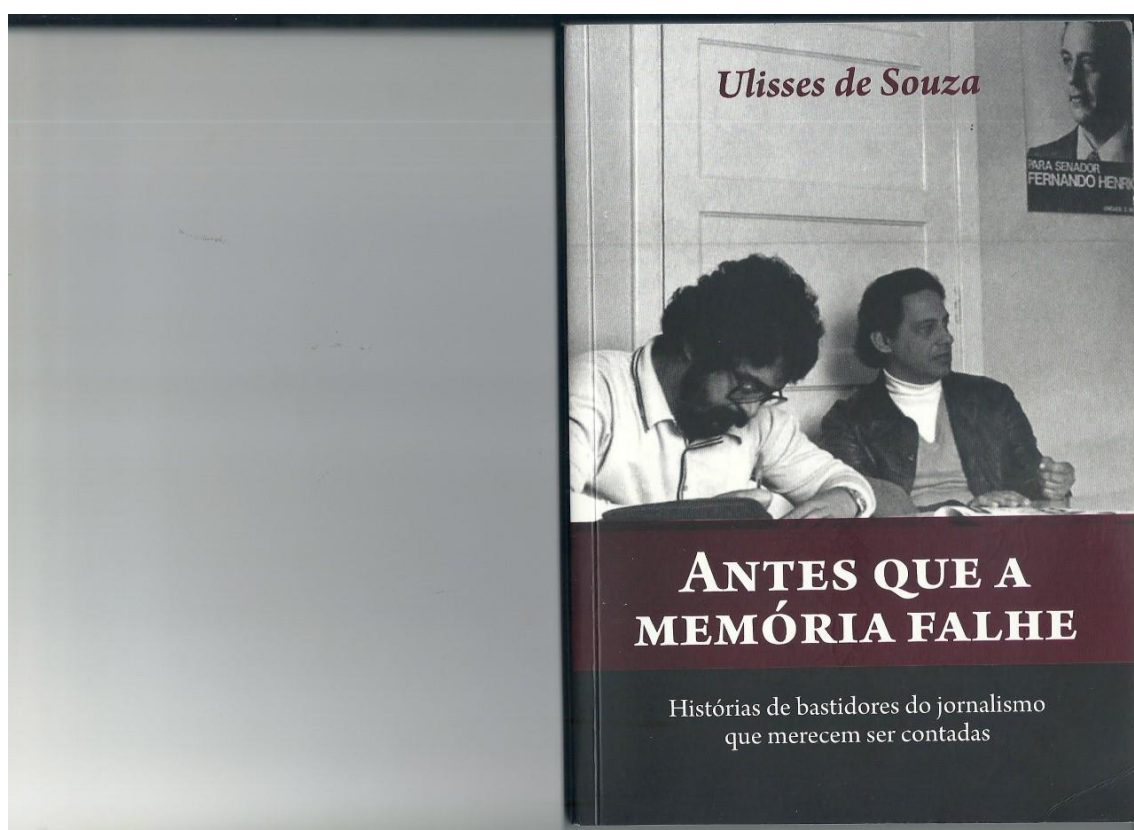
(1 João 4.7)



DELEIT ALVES

(Pastor auxiliar da I.E. Assembleia de Deus - Ministério do Belém em Rانcharia)

ANEXO C
TRECHO DO LIVRO ANTES QUE A MEMÓRIA FALHE



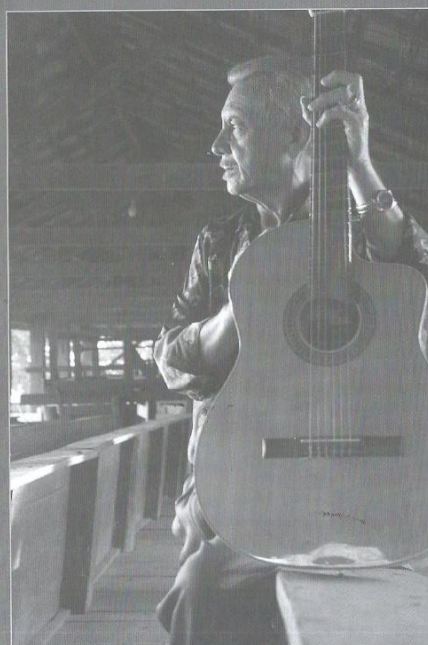
DINO FRANCO
O INVENTOR DE MODA SERTANEJA

Quando cruzei com ele, as mãos trêmulas de Osvaldo Franco não escondiam a idade: 73 anos. Mas o que mais chamava a atenção era a alegria estampada em seu rosto enquanto curtia a companhia de amigos numa mesa de boteco. Nesse ambiente, principalmente, ele gostava de contar suas histórias, que o Brasil ainda não conhece, mas que imagina quando ouve as mais de mil músicas sertanejas de raiz que ele compôs, gravadas em parceria ou sozinho.

Do apelido de infância Osvaldinho surgiu o definitivo, Dino. É assim que ele ficou mais conhecido: Dino Franco. Mais de 50 anos de carreira, mais de uma dezena de duplas e um trio, além de três nomes artísticos. Pirassununga foi o primeiro, quando chegou a São Paulo em 1956, aos 22 anos. Quem lhe deu esse nome artístico foi Priminho, que fazia dupla com Maninho.

"Fui visitar o programa radiofônico de Zé Mariano e Tibagi e o Mariano havia largado a dupla. Eu entrei no lugar dele e momentaneamente me arrumaram um pseudônimo: Pirassununga, que, aliás, durou bastante", ele contou.

Fez dupla com Tibagi até 1959, quando este foi cantar com Miltoninho. Ainda com o nome de Pirassununga, integrou outra dupla, agora com Piratininga, e participou de um trio com Belmonte e Zé Maringá. O trio durou cinco anos. O nome Dino Franco foi adotado definitivamente em 1968, quando passou a cantar em dupla com Biá, durante seis anos, e em seguida com Morai, por longos 24 anos (foi a parceria de canto que mais durou).



Dino Franco

"A jornalista Cleonice Terra tinha um programa na Rádio América junto com Zé Fortuna e acabou sendo contratada como cantora pela EMI. Fui chamado para produzir o disco e ela me disse que gostaria de gravar uma moda que se chamasse Cheiro de Relva".

Como a jornalista trabalhava com Zé Fortuna, Dino disse a ela que pedisse a letra ao companheiro de trabalho, e ele então cuidaria da música. Cleonice trouxe a letra, que não agradou. "Devolvi e pedi ao Fortuna que mudasse alguns trechos que achei que não estavam bons. Por sua vez, ele mandou a letra de volta sem correções, autorizando-me a fazer o que quisesse com a letra. Eu então mudei. Fiz a metade da letra e musiquei", lembra Dino.

Mas a jornalista Cleonice Terra não chegou a gravá-la por um problema de rescisão de contrato com o músico que deveria acompanhá-la. "Daí eu ensaiei com o Morai e gravei", disse.

Dino se entristecia ao contar que ao gravar *Cheiro de Relva* seu parceiro Zé Fortuna já tinha morrido. "Ele não conheceu a música modificada, mas o povo aceitou", explicou. Sobre a demora da gravação, ele sorria muito e falava que na primeira vez o Morai, seu companheiro, teria ficado tão nervoso por não conseguir pegar a afinação da moda que chegou a derrubar o fone de ouvido da gravadora.

"Éta homem grosso e bravo! Ele tinha um defeito na boca, por isso não conseguia tirar algumas notas. E desafinava. Tinha a língua enrolada e dificuldade em pronunciar certas palavras, principalmente as que tinham a vogal 'u'", revelou Dino Franco.

Morai acabou fazendo uma cirurgia na boca para corrigir o defeito e a música *Cheiro de Relva* foi gravada no segundo ou terceiro disco da dupla. Fez sucesso nas vozes de Chitãozinho e Xororó, Paula Fernandes e Daniel. Veja a letra completa a seguir:

Cheiro de Relva

(Dino Franco e Zé Fortuna)

*Como é bonito estender no verão
As cortinas do sertão na varanda das manhãs
Deixar entrar pedaços de madrugada
E sobre a colcha azulada
Dorme calma a lua irmã
Cheiro de relva
Traz do campo a brisa mansa
Que nos faz sentir criança
A embalar milhões de ninhos
A relva esconde as florzinhas orvalhadas
Quase sempre abandonadas
Nas encostas dos caminhos
A juriti madrugada da floresta
Com seu canto abre a festa
Revoando toda a selva
O rio manso caudaloso se agita
Parecendo achar bonita
A terra cheia de relva
O sol vermelho se esquenta e aparece
O vergel todo agradece
Pelos ninhos que abrigou
Botões de ouro se desprendem dos seus galhos
São as gotas de orvalho
De uma noite que passou*

Antes que a memória falhe

compositor, no caso Dino Franco, ficou com 8,04%, ou seja, R\$ 96,50. Foi quanto ele ganhou para ceder uma música ao CD que mais vendeu no País.

Paula Fernandes também não ganhou quase nada, pois o grosso da arrecadação ficou com a gravadora: mais de 70%. Esta usa o dinheiro para bancar o artista em programas de TV – no Faustão, por exemplo, uma apresentação custava cerca de R\$ 100 mil, dizia Dino. As gravadoras pagam a publicidade do cantor, que só vai ganhar dinheiro com os *shows* que passa a vender.

Paralelamente a isso existe o famoso ECAD – sigla de Escritório Central de Arrecadação e Distribuição –, que, como o próprio nome sugere, arrecada e distribui o direito de execução. Isso é feito por amostragem e novamente as gravadoras entram em jogo, pois têm condições de fazer uma música explodir em todo o País.

Dino Franco se dizia feliz com o que recebia mensalmente do ECAD. Era uma merreca por tudo o que havia feito. O compositor, como frisava sempre, é o mais penalizado nessa história.

154

DINO FRANCO BOA PROSA!

Oswaldo Franco era uma pessoa afável, boa prosa! Gostava de conversar, mas quando assumia o nome que o consagrou, "Dino Franco", ficava sempre na defensiva. Não gostava de entrevista, mas adorava um bate-papo. De gota a gota, de gole em gole, pude saber um pouco sobre a sua vida.

Certa vez, numa viagem ao Pantanal, encontrei num desses postos de estrada um CD intitulado Barzinho Sertanejo e nele havia uma cantora desconhecida interpretando *Cheiro de Relva*. O nome dela é Paula Fernandes. Comprei o CD e levei para Dino ouvir. Ele o colocou num toca-CD descartável que tanto estimava, ouviu em silêncio, e disse apenas: "Bela interpretação". Perguntei se conhecia a cantora. Não conhecia.

Posteriormente, essa intérprete incluiu em seu primeiro CD a música *Amargurado*. Ficou famosa, ganhou rios de dinheiro. Vendeu quase cinco milhões de cópias daquele CD.

Fui checar com o Dino sobre a vantagem financeira que ele poderia levar de um "estouro musical" desses. Nenhuma. Ele me explicou que suas mais de 1.100 músicas já gravadas estavam à disposição de qualquer intérprete em uma empresa especializada que cuida de quase todos os cantores sertanejos. Para gravar determinada música, o intérprete, produtor, seja lá quem fosse, pagava uma taxa de R\$ 1.200, dos quais R\$ 200 iam para o autor da música. Foi isso que Dino Franco ganhou cedendo sua principal música para Paula Fernandes.

155

Antes que a memória falte

Da venda extraordinária dessa cantora, uma parte foi para o ECAD – Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, que, como o próprio nome sugere, arrecada e distribui o direito de execução aos autores.

Dino recebia cerca de R\$ 4 mil por mês e se dizia feliz com o ECAD. Não contestava. Gastava tudo em boteco, com os amigos. Não tinha apego às coisas materiais. Guardava algumas reservas, não muito, mas quando ficou doente, por não ter Plano de Saúde, foi internado várias vezes pelo SUS.

Dizia sempre que a casa em que morava em Rancheira fora comprada com o dinheiro arrecadado na venda do CD da novela *O Rei do Gado*, da TV Globo. A gravadora Som Livre lhe enviou o pagamento devido pelos royalties e ele comprou a casa. “Foi uma das poucas vezes que vi dinheiro da minha música”, dizia. A música em questão era *Travessia do Araguaia*.

Seu desapego ao dinheiro era tanto que desde o início da carreira ele dava parceria em suas letras e músicas a fim de ajudar outros artistas. Assim foi com *Amargurado*. Ele era produtor de disco e, para alavancar a dupla Tião Carreiro e Pardinho, deu a Tião a parceria na música.

Vou contar outra história para bem sintetizar o que era Dino Franco. Na época áurea de sua carreira, quando era produtor da Chantecler, resolveu comprar um “sitinho” em Minas Gerais, indicado por um amigo. Levou dinheiro na roupa, no sapato, e juntamente com um amigo foi ver o imóvel. Chegando lá, ficou sabendo que a escritura não era definitiva. Decidiu não comprar e retornou a São Paulo. Abarrotado de dinheiro. Ele e o amigo. Na estrada, viu um puteiro com um luminoso que chamava a atenção e um imóvel bem cuidado. Parou, encontrou uma senhora, a dona, e seis mulheres. Perguntou quanto ela queria para fechar o local. E para comprar tudo, de porteira fechada? A mulher mencionou um valor e ele lhe deu toda a dinheirama que o incomodava nas roupas. Ficou ali três dias fechado com o amigo e as meninas da boate. No quarto dia, chamou todas. Disse que ia embora e que deixava o imóvel e o “negócio” para elas não precisarem mais negociar o corpo e ainda ter que dar dinheiro para a dona da casa.

Esse era Dino Franco. Assim ele viveu. Quem teve o prazer de se sentar ao seu lado e bebericar alguma com ele coisa sabe o que estou dizendo.

156

V Parte | Perfis feitos em botecos

Paula Fernandes nunca soube onde Dino Franco morava. Poucos foram os artistas conhecidos que o visitaram. Por outro lado, os irmãos Cesar Menotti e Fabiano eram assíduos. Quando estavam na região sempre procuravam o padrinho. Daniel também.

Dino era advogado. Poeta dos melhores. Ocupava uma cadeira na Academia de Letras do Mato Grosso. Era conhecido em todo o Brasil. A singeleza e a simplicidade de Dino Franco, com certeza, levaram a poesia da terra aos céus.



157

ANEXO D
PUBLICAÇÕES EM SITES

NOTÍCIA SOBRE A MORTE DE DINO FRANCO DIVULGADA NO PORTAL G1 EM 04/04/2014

MENU
G1
PRUDENTE E REGIÃO
TV FRONTEIRA
BUSCAR

04/04/2014 15h12 - Atualizado em 04/04/2014 15h52

Morre, aos 77 anos, o cantor sertanejo Dino Franco

Ele sofria de cirrose hepática causada pelo consumo de bebida. Velório ocorre na Câmara Municipal de Rancharia nesta sexta-feira (4).

Pedro Mathias
Do G1 Presidente Prudente



Dino Franco fez dupla com Mourai e morava há cerca de 18 anos em Rancharia (Foto: Reprodução/TV Fronteira)






O cantor sertanejo Dino Franco, que formou uma dupla famosa com Mourai, morreu nesta sexta-feira (4), em **Rancharia**, onde morava há cerca de 18 anos. O falecimento aconteceu por volta das 11h, em casa. Ele, que nasceu Osvaldo, tinha 77 anos e sofria, segundo a família, de uma cirrose hepática provocada pelo consumo de bebida alcoólica.

O velório ocorre a partir das 16h na Câmara Municipal e o sepultamento está previsto para as 9h deste sábado (5), no Cemitério Municipal. Ele era natural de Paranapanema (SP).

Ele foi encontrado morto pela irmã, por volta das 11h30. "Ele acordou hoje por volta das 10h e eu dei o remédio, preparei o pão e café com leite para ele comer. Depois de tomar café, ele virou na cama do jeito que ele gostava, eu o cobri e fui na área lavar algumas roupas dele. Quando voltei ao quarto com um enfermeiro que me ajudava a cuidar dele, já estava morto", contou ao **G1** a irmã Marina Ramos Garcia.

Segundo ela, Dino estava bastante debilitado e estava há uma semana em casa, depois de passar dez dias internado no Hospital e Maternidade de Rancharia. "Ele passou por diversos exames, vários médicos vieram para vê-lo, mas, infelizmente, não a doença já estava muito avançada. Sabe como é, né, violeiro e poeta bebem muito", disse.

Presidente Prudente e Região

veja tudo sobre >



Operação Inverno fiscaliza veículos que emitem fumaça preta...
HÁ 13 MINUTOS



Carga de pneus sem nota fiscal é apreendida em caminhão na...
HÁ 22 MINUTOS

Concursos públicos com salários que ultrapassam os R\$ 3,5 mil estão disponíveis no Oeste Paulista
10/05/2018



'Precisando de dinheiro', estudante de medicina confessa...
HÁ 26 MINUTOS

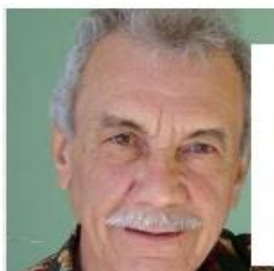
v

Pop & Arte +

MATÉRIA PUBLICADA PELO PORTAL UOL EM 04/04/2014

Assine Bate-papo Notícias Carros Economia Folha Esporte Copa Entrar TV e famosos Universo VivaBem Educação Vídeos

Música



Dino Franco, da dupla Dino Franco e Morai
Imagem: Dhuçgaçari

Sertanejo Dino Franco é encontrado morto em sua casa em Rancharia (SP)

Do UOL, em São Paulo
04/04/2014 13h41 | Atualizada em 04/04/2014 22h41

O sertanejo Dino Franco, da dupla Dino Franco e Morai, foi encontrado morto nesta sexta-feira (4), em Rancharia, interior de São Paulo. O corpo de Franco, que tinha 77 anos, estava em seu quarto, e foi encontrado pela irmã do cantor.

De acordo com a delegacia da cidade, ele chegou a tomar café da manhã, mas se sentiu indisposto e voltou a dormir antes de morrer.

"Por volta das 11h30 desta manhã, a irmã dele foi chamá-lo para tomar banho e deparou com Dino Franco já morto", informou o escrivão da delegacia, que afirmou que, segundo relatos, o sertanejo estaria doente.

Logo depois de receber a informação do falecimento, o cantor Daniel, que recebeu Dino Franco na primeira edição de seu projeto "Meu Reino Encantado", escreveu uma mensagem exaltando o talento do cantor.

O velório será na Câmara Municipal da cidade a partir das 16h. Já o sepultamento acontecerá neste sábado, às 9h, no Cemitério Municipal.

Segundo o Hospital Maternidade de Rancharia, o sertanejo Osvaldo Franco sofria de cirrose hepática e esteve internado no local por alguns dias na semana passada.



2 SAPATOS
POR **RS 199***

dafiti

COMPRA AGORA ►

MATÉRIA PUBLICADA PELO FOLHA DE S.PAULO EM 13/04/2014

cotidiano

febre amarela | massacre em presídios | carnaval 2018 | rio de janeiro

Oswaldo Franco (1936-2014) - Dino Franco unia graça e poesia

WALTER PORTO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

13/04/2014 @ 00h01

Certo dia, o pai de Oswaldo Franco, exímio tocador de sanfona, saía de sua fazenda no interior de São Paulo quando sentiu um puxão no braço e ouviu: "Pai, me traz um cavaquinho"?

Eram os primeiros acordes, aos nove anos de idade, de uma das lendas da música de raiz do sertão brasileiro.

Com 16, Dino (como era conhecido) dominava a viola e o violão, que o acompanharam por toda a vida. Não teve poucos parceiros musicais ou romances, mas dizia ser casado e feliz com a música.

Após a morte do companheiro Mourai, as irmãs de Dino o acompanhavam nas turnês em que apresentava suas modinhas de viola. Elas, assim como boa parte do público, jovem ou idoso, sabiam de cor suas letras singelas.

Uma das mais conhecidas, "Cheiro de Relva", foi concebida após o cantor acordar em uma "manhã de chuvinha gostosa". Pegou uma xícara de café e sentou em frente à velha máquina de escrever, como fazia todos os dias.

Dedicou algumas horas à letra e compôs a melodia de ouvido. No fim da tarde, a música somava-se às mais de mil que habitavam sua transbordante gaveta.

Caipira gozador, adorava contar histórias, como de quando comprou para o irmão um burro que empacava. Aconselhado por um curandeiro, passou pomada de pimenta no rabo do animal, mas esqueceu de montar. "Quando vi, o bicho tava pra lá do horizonte", dizia.

Morreu no último dia 4, de cirrose hepática. Deixa um filho e inúmeros fãs.

PUBLICIDADE

ALALAÔ
Acompanhe toda a cobertura dos blocos, festas e desfiles do Carnaval 2018, desde os preparativos



FEBRE AMARELA
Tire as dúvidas sobre formas de contaminação, principais sintomas e o processo de imunização



TRANSPARÊNCIA
Folha usa ferramenta on-line para acompanhar 118 promessas feitas por Doria em campanha

[siga a folha](#)

RECEBA NOSSA NEWSLETTER


Amar se Aprende Amando
Poeta de Convívio e de Humor
Por R\$ 49,90

CMA - Série 4
O melhor sistema para investir na bolsa


TEXTO PUBLICADO NO SITE OFICIAL DA ANTIGA DUPLA DUO ESPERANÇA

← → <https://www.duoesperanca.com.br/release> ☆

Duo Esperança INÍCIO **RELEASE** DISCOGRAFIA AGENDA FOTOS VÍDEOS CONTATO



vol. 4



Cidão, o responsável pelo início da dupla.

Em virtude das apresentações nesse programa, foi que o "Grande Mestre da Música Sertaneja" DINO FRANCO, ouviu e nos incentivou a dedicarmos a música, e até se dispôs a nos produzir na gravação de um CD. Ficamos gratos a DINO FRANCO imensamente e aceitamos, sem dúvida, sermos produzidos por este grande amigo e companheiro. Gravamos o primeiro CD, um trabalho independente, e graças a Deus foi um sucesso. Vendemos mais de 5.000 cópias.

Após este trabalho, através do senhor Paulo Cesar Gomes, proprietário da Editora e produtora BGK, apresentou esse nosso trabalho para a gravadora Atração Fonográfica, a qual nos contratou e lançou esse mesmo trabalho no mercado com nova roupagem de capa, mixado e masterizado no estúdio Carbonos. Felizmente, foi um grande sucesso também. Pois este trabalho foi um resgate que fizemos dos saudosos "Sabias do Sertão", Cascatinha & Inhana. Hoje, o senhor Paulo Cesar Gomes é nosso empresário e divulgador.

Já fizemos, mais ou menos, 35 programas de televisão, incluindo a rede de parabólicas, transmissões regionais e alguns programas de TV a cabo. Sempre com ótima aceitação. Dentre esses programas, estão incluídos: Viola, Minha Viola (TV Cultura); Brasil Calpira; Unindo o Brasil; Amigos e Viola; Amigos da Viola; Voz e Viola; Fronteiras do Brasil; Caminhos da Roça; entre outros. Recentemente, estará chegando no mercado um novo CD intitulado "Casa Feliz". Produzido pelo "Padrinho" e produtor da dupla DINO FRANCO.

Nesse CD tivemos a felicidade de poder contar com as participações especiais de dois grandes amigos. Primeiro, Dino Franco, na música "Menina de Tranças Loiras", e também, a alegria da participação especial de nosso querido padre Antônio Maria, na música "É Bom Ter Família", de sua autoria. Agradecemos, primeiramente, a Deus por tudo que tem nos concedido na música e na vida. E também, aos nossos convidados especiais, pedindo sempre ao Pai Eterno que os cubram com suas bênçãos.

Lançamos em 2011 o Cd Dois Corações que também foi um sucesso.

🔍

APÊNDICES

APÊNDICE A
PAUTAS

PAUTA 1

Retranca: Carreira Dino Franco

PROPOSTA

Fazer uma entrevista com a irmã do cantor em sua residência a fim de obter um número de informações satisfatório sobre a vida e a obra do mesmo, que irá ajudar na composição do trabalho final.

ENCAMINHAMENTO

As perguntas a serem feitas devem estar relacionadas ao início de carreira, consolidação e a vida em Rancharia

ROTEIRO 1 - 02/04/2018 às 10h/ 07/09/2018

Nome: Marina Ramos Garcia

Telefone: (18) 996177632

Endereço: Rua Marechal Deodoro, nº 65, Centro, Rancharia – SP

DADOS

O cantor formou dupla no ano de 1980 em parceria com Moura, artista com quem gravou 11 discos. A música de maior sucesso da dupla foi Cheiro de Relva, que foi posteriormente regravada pelo cantor Daniel.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Fale um pouco sobre o início de carreira do seu irmão Dino Franco?
- 2) Em que momento o Dino se consolidou na carreira?
- 3) Fale sobre a vida de Dino após morar em Rancharia - SP?
- 4) Além do Nestor prado, Dino teve alguma outra parceria musical em Rancharia - SP?

PAUTA 2

Retranca: Parceria Fandangueiro

PROPOSTA

Entrevistar Nestor Prado, amigo e último parceiro musical de Dino Franco, para colher informações que darão relevância ao trabalho.

ENCAMINHAMENTO

Os questionamentos a serem feitos precisam ser relacionados o envolvimento dos dois como amigos e profissionais, com a intenção de conhecer mais histórias sobre o personagem Dino Franco.

ROTEIRO 2 – 10/04/2018 às 16h

Nome: Nestor Prado

Telefone: (18) 996492461

Endereço: Avenida José pereira, nº 95, conjunto padre max

DADOS

A dupla Dino Franco e Fandangueiro lançaram juntos três CDs, como o Recanto Caipira, Cavalgada e Sertão Viola e Amor.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Como o senhor conheceu Dino Franco?
- 2) Como surgiu a parceria com o Dino Franco?
- 3) O que mais marcou a parceria musical com Dino?
- 4) Quais CDs vocês gravaram juntos?

PAUTA 3

Retranca: Histórias Dino Franco

PROPOSTA

Conseguir extrair fatos interessantes sobre a vida do artista na infância e na vida adulta.

ENCAMINHAMENTO

Buscar o máximo de informações relevantes para o contexto da biografia de Dino Franco.

ROTEIRO 1 - 15/04/2018 às 9h

Nome: Ivani Ramos

Telefone: (18) 98239387

Endereço: Rua Marechal Deodoro, nº 65, Centro, Rancharia – SP

DADOS

Do total de onze irmãos, Dino viveu durante anos ao lado da família, trabalhando no campo, que era de onde tirava seu sustento. Ivani Ramos, a sobrinha de Dino é dona de casa.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Como era seu tio?
- 2) Ele amou alguma mulher na vida?
- 3) Você tem alguma situação curiosa relacionada ao seu tio?

PAUTA 4

Retranca: Fã Dino Franco

PROPOSTA

Colher depoimentos inéditos com Odilon, que por ser fã do trabalho de Dino Franco acabou se tornando um amigo.

ENCAMINHAMENTO

Apurar informações relacionadas ao vínculo que ambos tinham um com o outro, enfatizando fatos relacionados à admiração que Odilon passou a ter pelo artista.

ROTEIRO 4 - 14/05/2018 às 15h

Nome: Odilon Pereira Dutra

Telefone: (18) 3265 2042

Endereço: Ataliba Leonel, nº 356, Vila Cantizani, Rancharia - SP

DADOS

Odilon, 88 anos, aposentado, também é cantor sertanejo de raiz, assim seu ídolo Dino Franco. Além de fã, Odilon criou um vínculo de amizade próxima com Dino durante muitos anos.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Como o senhor conheceu Dino Franco?
- 2) Qual música o senhor mais admirava?
- 3) Tem alguma situação curiosa para falar sobre Dino?
- 4) Além do Dino, o senhor também mantinha ligação com a família também?

PAUTA 5

Retranca: Produção Duo Esperança

PROPOSTA

Entrevistar José Neves, que fazia parte da dupla sertaneja Duo Esperança juntamente com sua esposa, com o objetivo de obter depoimentos inéditos.

ENCAMINHAMENTO

Obter informações relevantes sobre a amizade dos dois e também sobre os trabalhos produzidos por Dino que foram impactantes para a carreira musical da dupla Duo Esperança.

ROTEIRO 5 – 07/05/2018 às 9h45

Nome: José Neves dos Santos

Telefone: (18) 991975799

Endereço: Rua Henrique Dias, nº 1164, Vila Cantizani, Rancharia – SP.

DADOS

José Neves, 67 anos, policial rodoviário aposentado, também foi vereador de Rancharia e cantor de música sertaneja de raiz. A dupla Duo Esperança, formada por José Neves e sua esposa, começou a fazer sucesso após Dino Franco ajuda-los a produzir o primeiro CD. Foram mais de 5 mil cópias vendidas. Dino se tornou um grande amigo da dupla.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Para o senhor, qual a importância do Dino Franco para a história da música sertaneja?
- 2) O que você mais admirava no Dino Franco como profissional?
- 3) Fez alguma parceria com Dino Franco?
- 4) Como conheceu Dino?
- 5) Qual característica de Dino que mais lhe chamava atenção?

PAUTA 6

Retranca: Produção Musical

PROPOSTA

Entrevistar Luiz Eduardo, proprietário do Stúdio Águia Records, de Presidente Prudente, com a intencionalidade de colher depoimentos relacionados ao vínculo profissional e pessoal que ele teve com Dino Franco.

ENCAMINHAMENTO

Descobrir fatos importantes sobre a convivência que os dois tinham um com o outro para saber com profundidade como Dino Franco era como cantor, além de acontecimentos que deram ênfase à sua carreira enquanto Produtor.

ROTEIRO 6 – 15/05/2018 às 16h/ 15/08/2018 às 14h

Nome: Luiz Eduardo Rizzio

Telefone: (18) 997415338

Endereço: Rua Alice Alves Pereira, nº 82, Jardim São Paulo, Presidente Prudente - SP.

DADOS

O produtor Musical Luiz Eduardo, de 50 anos, é proprietário do Stúdio Águia Records, que foi fundado em 1996 na cidade de Presidente Prudente - SP. Além da produção musical, o estúdio trabalha com fotografias, duplicação de CD e DVD e produções de vídeos.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Quando e como você conheceu o Dino Franco?
- 2) Quais as músicas compostas por ele mais lhe causava admiração? Por quê?
- 3) Enquanto profissional, o que o senhor tem dizer sobre ele?
- 4) Conte algum acontecimento relacionado ao Dino que vale a pena lembrar?
- 5) Para o senhor, o que significa a perda de Dino Franco para a música de raiz?
- 6) Quem foi Dino Franco para a história da música sertaneja de raiz?

7) Quais trabalhos vocês realizaram juntos? Como foi?

PAUTA 7

Retranca: Editora BGK Fonográfica

PROPOSTA

Entrevistar o empresário Paulo Gomes, proprietário da BGK Fonográfica, editora responsável por administrar as obras de Dino Franco.

ENCAMINHAMENTO

Apurar informações relacionadas ao vínculo que os dois tinham, tanto no relacionamento pessoal como no profissional.

ROTEIRO 7 – 27/08/2018 às 17h50 via whatsapp

Nome: Paulo Gomes

Telefone: (14) 997862629

Endereço: Rua Nove de Julho, 1220 - Centro, Marília - SP

DADOS

A empresa de Paulo Gomes, de 55 anos, tinha relação direta com os trabalhos produzidos por Dino Franco a partir de 2000, na época em que ainda formava dupla com Mouráí.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Quando e como você conheceu o Dino Franco?
 - 2) Quais as músicas compostas por ele mais lhe causava admiração? Por quê?
 - 3) Enquanto profissional, o que o senhor tem dizer sobre ele?
 - 4) Conte algum acontecimento relacionado ao Dino que vale a pena lembrar?
 - 5) Para o senhor, o que significa a perda de Dino Franco para a música de raiz?
 - 6) Quem foi Dino Franco para a história da música sertaneja de raiz?
 - 7) Quais trabalhos vocês realizaram juntos? Como foi?
- 1) Antes de se tornar empresário de Dino, o senhor já o conhecia? Se sim, como passou a conhecê-lo?

- 2) Quando e como exatamente decidiu se tornar empresário de Dino? Trabalhou com ele durante quanto tempo?
- 3) Com o tempo, como passou a ser a convivência profissional entre vocês?
- 4) Além do vínculo profissional, vocês também mantinham uma relação de amizade? Conte como era essa relação.
- 5) Como Dino tratava os assuntos da carreira? Ele era dedicado?
- 6) Fale sobre algumas características de Dino que mais lhe causavam admiração.
- 7) Para você, o que Dino Franco representa para a música sertaneja?
- 8) Qual foi sua reação quando ficou sabendo do falecimento do cantor?
- 9) Das canções compostas por Dino, qual o senhor mais admira? Por quê?
- 10) O que muda no cenário sertanejo com a partida de Dino Franco?

PAUTA 8

Retranca: César Menotti

PROPOSTA

Entrevistar o empresário o cantor César Menotti, da dupla César Menotti e Fabiano, com o objetivo de saber sobre seu relacionamento com o Dino.

ENCAMINHAMENTO

Colher depoimentos relacionados aos momentos em que os dois conviveram juntos, principalmente nos dias em que Menotti resolvia visita-lo em Rancharia.

ROTEIRO 8 – 11/09/2018 às 22h20 via whatsApp

Nome: César Menotti

DADOS

O Cantor César Menotti conheceu Dino Franco enquanto ainda era pequeno. Ele tinha uma grande admiração pelo amigo. Antes de sua morte, ele o homenageou no programa do Faustão.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Quando, onde e em qual momento você passou a conhecer Dino Franco?
- 2) Como passou a ser o relacionamento pessoal entre vocês?
- 3) Além do vínculo de amizade, vocês tinham alguma relação profissional? Se sim, como era?
- 4) Você e Fabiano chegaram a regravar alguma música de Dino? Se sim, qual? Por que a escolheram e em qual momento isso aconteceu?
- 5) O que se sabe é que vocês visitaram Dino Franco em Rancharia; o que ocorreu sempre que estavam pela região. Como eram esses encontros?
- 6) Como avalia o conteúdo das composições de Dino Franco?
- 7) Como avalia a contribuição dele para o segmento da música sertaneja raiz?
- 8) Quais das canções compostas por ele mais admira? Por quê?

- 9) O que muda no cenário sertanejo atual com a partida de artistas como o Dino Franco?
- 10) Conte alguma lembrança ou curiosidade gostaria de ressaltar a respeito de Dino Franco.
- 11) Se tivesse uma última oportunidade de falar com Dino mais uma vez o que diria a ele?

PAUTA 9

Retranca: Análise Literária

PROPOSTA

Entrevistar o Professor de Língua Portuguesa e Literatura para que ele faça uma análise do conteúdo das composições de Dino Franco. .

ENCAMINHAMENTO

Recolher informações que justifiquem o valor literário das duas principais obras de Dino, partindo do ponto de vista de um profissional que atua na área de literatura.

ROTEIRO 9 – 17/09/2018

Nome: Eduardo Santos Lopes Oliveira

Telefone: (18) 991780110

DADOS

Eduardo Santos Lopes Oliveira, de 32 anos, tem mestrado em Literatura e atualmente trabalha dando aulas em cursinhos, escolas pública e particulares e em universidade.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Como analisa a escrita de Dino Franco?
- 2) Além de ser admirado por sua cautela em relação à gramática, Dino Franco é conhecido por compor músicas capazes de despertar a imaginação. Analisando, em específico, a música Cheiro de Relva, isso é perceptível? É algo que enriquece o conteúdo musical? Por quê?
- 3) Em seu ponto de vista, as composições de Dino têm realmente um destaque literário? Explique.
- 4) Analisando o cenário musical como um todo, desde o sertanejo ao rock, quais são as principais diferenças entre os conteúdos compostos atualmente se comparado com os atuais?

APÉNDICE B
SCRIPT

SCRIPT

RÁDIO FACCOPP – Programa: Reportagem em Ação

BLOCO 01

Vinheta de Abertura

Trilha sonora: Amargurado

OFF 01

OLÁ OUVINTE DA RÁDIO FACOPP. VOCÊ RECONHECE ESTE VERSO?

O QUE É FEITO DAQUELES BEIJOS QUE EU TE DEI, DAQUELE AMOR CHEIO DE ILUSÃO QUE FOI A RAZÃO DO NOSSO QUERER.

ESTE É O TRECHO DA MÚSICA AMARGURADO, COMPOSTA POR DINO FRANCO EM PARCERIA COM TIÃO CARREIRO.

OFF 02

Sonora: Música Amargurado

Tempo: 00:06

Deixa inicial: O QUE É FEITO...

Deixa final: ...QUE EU TE DEI

OFF 03

A IDEIA DE ESCREVE-LA INICIOU QUANDO DINO RESOLVEU IR EMBORA DE GOIÂNIA, ONDE MOROU POR TRÊS ANOS.

SUA IRMÃ MARINA RAMOS GARCIA CONTA QUE A INSPIRAÇÃO SURTIU EM UMA MANHÃ CHUVOSA.

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:15

Deixa inicial: ELE DISSE QUE LEVANTOU...

Deixa final: ...UMA MODA HOJE NÉ

OFF 04

A PRIMEIRA GRAVAÇÃO OCORREU COM TIÃO CARREIRO E PARDINHO EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE.

Sonora: Música Amargurado

Tempo: 00:18

Deixa inicial: INSTRUMENTAL

Deixa final: ...A RAZÃO DO NOSSO QUERER

OFF 05

EM NOVENTA E QUATRO, A CANÇÃO FOI GRAVADA PELA DUPLA DINO FRANCO E MOURAÍ.

Sonora: Música Amargurado

Tempo: 00:16

Deixa inicial: PRA ONDE FORAM...

Deixa final: ...VIESSE A MORRER

OFF 06

ESTE CLÁSSICO TAMBÉM FOI REGRAVADO NAS VOZES DE OUTROS GRANDES NOMES DA MÚSICA SERTANEJA.

DENTRE ELES, CEZAR E PAULINHO, CHICO REY E PARANÁ, CHRYSTIAN E RALF E PAULA FERNANDES.

OS CANTORES LEONARDO E EDUARDO COSTA TAMBÉM A INTERPRETARAM NO DIA DA GRAVAÇÃO DO ÁLBUM CABARÉ.

Sonora: Música Amargurado

Tempo: 00:17

Deixa inicial: O QUE É FEITO...

Deixa final: ...NOSSO QUERER

OFF 07

E TEM MAIS: OUÇA O TRECHO EM QUE A DUPLA CÉSAR MENOTTI E FABIANO A CANTA EM HOMENAGEM AO DINO:

Sonora: Homenagem César Menotti

Tempo: 00:43

Deixa inicial: DINO FRANCO FOI...

Deixa final: ...DO NOSSO QUERER

OFF 08

ESTA HOMENAGEM FOI REALIZADA EM DOIS MIL E CATORZE, NA NONA FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO DE RANCHARIA.

DINO FRANCO ESCREVEU CERCA DE MIL E QUINHENTAS COMPOSIÇÕES.

ALÉM DE AMARGURADO, CHEIRO DE RELVA GANHOU DESTAQUE NO CENÁRIO SERTANEJO.

TAMBÉM FOI GRAVADA EM NOVENTA E QUATRO POR DINO FRANCO E MOURAÍ.

Sonora: Canção Cheiro de Relva

Tempo: 00:24

Deixa inicial: COMO É BONITO...

Deixa final: ...DORME CALMA A LUA-IRMÃ.

OFF 09

DE AUTORIA DE DINO FRANCO E JOSÉ FORTUNA, CHEIRO DE RELVA SE TORNOU UM CLÁSSICO NACIONAL.

Sonora: Canção Cheiro de Relva

Tempo: 00:37 – 00:49 = 00:12

Deixa inicial: CHEIRO DE RELVA...

Deixa final: ...MILHÕES DE NINHOS

OFF 10

FOI INTERPRETADA POR ARTISTAS COMO AS IRMÃS GALVÃO, CHITAOZINHO E XORORÓ, DANIEL E PAULA FERNANDES.

O EMPRESÁRIO E PRODUTOR FONOGRÁFICO PAULO GOMES FALA SOBRE ESSAS DUAS PRINCIPAIS OBRAS.

Sonora: Paulo Gomes

Tempo: 00:24

Deixa inicial: É DIFÍCIL NÉ...

Deixa final: ...AMARGURADO E CHEIRO DE RELVA

OFF 11

NO PRÓXIMO BLOCO, FALAREMOS SOBRE O TEOR DAS OBRAS DE DINO FRANCO, ENFATIZANDO A SUA VEIA POÉTICA.

VINHETA DE PASSAGEM

BLOCO 02**OFF 01**

NESTE BLOCO, O OBJETIVO É FALAR SOBRE A VEIA POÉTICA DE DINO FRANCO.

O POETA QUE SE INSPIRAVA NAS VIVÊNCIAS E NOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS NO DIA A DIA.

SUAS OBRAS RETRATAM A REALIDADE, O AMOR, A NATUREZA E A VIDA NO CAMPO.

PARA DINO, NÃO ERA POSSÍVEL ESCREVER SEM TER UMA INSPIRAÇÃO.

ELE CONTOU AO SITE HISTÓRIA DE IVINHEMA SOBRE OS TEMAS QUE O INPIRAVA A COMPOR:

Sonora: Dino Franco

Tempo: 00:12

Deixa inicial: SÃO TEMAS...

Deixa final: ...EM MÚSICA

OFF 02

ESSA ENTREVISTA OCORREU NO DIA OITO DE AGOSTO DE DOIS MIL E ONZE EM IVINHEMA, NO MATO GROSSO DO SUL.

NESTA CIDADE, DINO FRANCO MOROU POR CERCA DE APENAS UM ANO.

IVANI RAMOS RELEMBRA DE UMA COMPOSIÇÃO FEITA PELO TIO NA BEIRA DO RIO IVINHEMA:

Sonora: Ivani Ramos

Tempo: 00:20

Deixa inicial: AÍ DE REPENTE...

Deixa final: ...OLHANDO O RIO

OFF 03

AS CANÇÕES CAÇADOR DE IVINHEMA E BORBOLETA TRISTE TAMBÉM FORAM ESCRITAS EM IVINHEMA.

ALÉM DE SABER SE EXPRESSAR POR MEIO DAS PALAVRAS, DINO FRANCO SE ATENTAVA AOS DETALHES.

O PROFESSOR DE LITERATURA EDUARDO ODRAUDE FAZ UMA ANÁLISE DE SUAS DUAS PRINCIPAIS OBRAS:

Sonora: Eduardo Odraude

Tempo: 00:47

Deixa inicial: UMA DIALOGA...

Deixa final: ...DENTRO DA LETRA

OFF 04

O CANTOR CÉSAR MENOTTI ENFATIZA A IMPORTÂNCIA DE DESTACAR OS DETALHES DA NATUREZA:

Sonora: César Menotti

Tempo: 00:17

Deixa inicial: ACHO QUE...

Deixa final: ...CONSEGUE ENXERGAR

OFF 05

O PRODUTOR MUSICAL LUIZ RIZZIO EXPLICA O QUE A MÚSICA CHEIRO DE RELVA O FAZ SENTIR:

Sonora: Luiz Rizzio

Tempo: 00:15

Deixa inicial: EU NUNCA MOREI...

Deixa final: ...SE SENTE LÁ

OFF 06

DINO FRANCO ESCREVA DE UMA FORMA AUTÊNCIA E ÍMPAR.

SUAS OBRAS TÊM UM ENREDO, UMA HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PRÓPRIA.

PARA PAULO GOMES, SÃO COMPOSIÇÕES QUE DESPERTAM A IMAGINAÇÃO:

Sonora: Paulo Gomes

Tempo: 00:16

Deixa inicial: VOCÊ PEGA...

Deixa final: ...AQUELAS PALAVRAS

OFF 07

OUTRO DIFERENCIAL DE DINO FRANCO ERA SEU DOMÍNIO NA LÍNGUA PORTUGUESA.

PERFECCIONISTA, ELE REVISAVA COM CAUTELA TODO O CONTEÚDO ESCRITO ANTES DE FINALIZÁ-LO.

CÉSAR MENOTTI ADMIRAVA A INTELIGÊNCIA, A DEDICAÇÃO E O TALENTO DO AMIGO:

Sonora: César Menotti

Tempo:00:12

Deixa inicial: EU REALMENTE...

Deixa final: ...UM INTELLECTUAL

OFF 08

DINO FRANCO É CONSIDERADO UM DOS MAIORES POETAS DA MÚSICA SERTANEJA RAIZ.

SUA GENIALIDADE O FEZ OCUPAR UMA CADEIRA NA ACADEMIA DE LETRAS DE CAMPO DE GRANDE.

O BLOCO SEGUINTE TERÁ FINALIDADE DE ABORTAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE DINO FRANCO.

VINHETA DE PASSAGEM

BLOCO 03

OFF 01

OLÁ OUVINTE, NESTE BLOCO VAMOS FALAR SOBRE A VIDA DE DINO FRANCO.

OSVALDO FRANCO NASCEU NO DIA OITO DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E SEIS.

FOI NA CIDADE DE PARANAPANEMA, NO INTERIOR DE SÃO PAULO, ONDE PASSOU A SER CRIADO.

ERA O TERCEIRO DOS ONZE FILHOS DE MARIA DAS FLORES RAMOS E JOSÉ LÁZARO FRANCO.

QUANDO PEQUENO, TINHA O HÁBITO USAR SOMENTE UM CINTO E UM PAR DE BOTAS.

SUA SOBRINHA IVANI RAMOS COMENTA SOBRE ESSE CURIOSO COSTUME QUE PERDUROU ATÉ A ADOLESCÊNCIA.

Sonora: Ivani Ramos

Tempo: 00:26

Deixa inicial: EU PERGUNTEI...

Deixa final: ...PARA ROÇA

OFF 02

COM APENAS NOVE ANOS DE IDADE, TEVE CONTATO COM SEU PRIMEIRO INSTRUMENTO: O CAVAQUINHO.

MARINA RAMOS FALA SOBRE ESSA FASE DE INICIAÇÃO MUSICAL DO SEU IRMÃO:

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:08

Deixa inicial: COM UM MÊS...

Deixa final: ...SEM NINGUÉM

OFF 03

DEDICADO, COM DEZESSEIS ANOS, DINO FRANCO JÁ TINHA DOMÍNIO SOBRE A VIOLA E O VIOLÃO.

INICIOU SUA CARREIRA FAZENDO APRESENTAÇÕES NA RÁDIO MARCONI DE PARAGUAÇU PAULISTA.

JOSÉ NEVES RECORDA SOBRE ESSE PERÍODO EM QUE DINO ENSAIAVA EM SUA CASA:

Sonora: José Neves

Tempo: 00:25

Deixa inicial: CONHECI O DINO...

Deixa final: ...DE PARAGUAÇU PAULISTA

OFF 04

MESMO TRABALHANDO DURO NO CAMPO, ELE ENCONTRAVA TEMPO PARA COMPOR E CANTAR.

NESSA ÉPOCA, ELE TRABALHAVA JUNTO COM SEU IRMÃO JOSÉ ORLANDO, APELIDADO POR ZELÃO, CONTA MARINA.

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:17

Deixa inicial: ELE COM ZELÃO...

Deixa final: ...DE NOVO

OFF 05

AOS DEZENOVE ANOS, O JOVEM DO INTERIOR RESOLVE IR ATRÁS DO SEU SONHO NA CAPITAL PAULISTA.

APÓS SEIS MESES EM SÃO PAULO, ELE CONHECE OSCAR TIBAGI ROSA, DA DUPLA TIBAGI E MILTINHO.

DINO ADERIU O NOME ARTISTICO DE PIRASSUNUNGA, PARA FORMAR A DUPLA TIBAGI E PIRASSUNUNGA.

OS DOIS SE APRESENTAVAM SEMANALMENTE EM UM PROGRAMA DA RÁDIO NACIONAL, ESCLARECE MARINA:

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:15

Deixa inicial: ELE CANTAVA...

Deixa final: ...O PROGRAMA DELE

OFF 06

COMO AINDA NÃO CONSEGUIA SOBREVIVER DA MÚSICA, DINO PASSOU A TRABALHAR COMO SERVENTE DE PEDREIRO.

POSTERIORMENTE, TRABALHOU COMO PORTEIRO DE UMA CLÍNICA RADIOLÓGICA EM TROCA DE MORADIA.

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:16

Deixa inicial: ELE LEVANTAVA...

Deixa final: ...DA CLÍNICA

OFF 07

EM SETENTA E DOIS COMEÇOU A VIVER DA MÚSICA, COMO PRODUTOR NA GRAVADORA CHANTECLER.

FOI O RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DO PRIMEIRO DISCO DA DUPLA MILIONÁRIO E JOSÉ RICO.

Sonora: Marina Ramos Garcia

Tempo: 00:08

Deixa inicial: ENTROU ALI...

Deixa final: ... QUE PRODUZIU

OFF 08

AS CANÇÕES FILHO DE NINGUÉM E RECORDANDO A INFÂNCIA FORAM COMPOSTAS POR DINO FRANCO E JOSÉ RICO.

ELAS FIZERAM PARTE DA TRILHA SONORA DO FILME ESTRADA DA VIDA, DA DUPLA MILIONÁRIO E JOSÉ RICO.

EM GOIÂNIA, ELE CONHECEU A ÚNICA MULHER COM QUEM TEVE UM RELACIONAMENTO FIXO E UM FILHO.

EM CINQUENTA ANOS DE CARREIRA, DINO FRANCO FORMOU DIVERSAS DUPLAS.

A MAIS DESTACADA FOI COM MOURAÍ, COM QUEM TRABALHOU POR CERCA DE VINTE E CINCO ANOS.

ALÉM DE AMARGURADO E CHEIRO DE RELVA, OS DOIS GRAVARAM CABLOCO NA CIDADE:

Sonora: Música Caboclo da cidade

Tempo: 00:08

Deixa inicial: INSTRUMENTAL

Deixa final: ...RANCHINHO

OFF 09

NO PRÓXIMO BLOCO, VOCÊ OUVINTE SABERÁ COMO ERA A VIDA DE DINO EM RANCHARIA.

LOCAL EM QUE ELE ESCOLHEU PARA VIVER OS SEUS ÚLTIMOS VINTE ANOS DE VIDA.

VINHETA DE PASSAGEM

BLOCO 04

OFF 01

NESTE ÚLTIMO BLOCO DO PROGRAMA SOBRE A VIDA E OBRA DE DINO FRANCO, O FOCO É RANCHARIA.

ONDE VIVEU SEUS ÚLTIMOS VINTE ANOS DE VIDA E RECEBEU O TÍTULO DE CIDADÃO RANCHARIENSE.

DINO DECIDIU SE MUDAR POR TER MAIS SHOWS NA REGIÃO DE RANCHARIA.

BUSCOU EM PRUDENTE OS SERVIÇOS DE LUIZ RIZZIO, NO STÚDIO ÁGUIA RECORDS.

COM O TEMPO, OS DOIS VIRARAM AMIGOS E TRABALHARAM JUNTOS POR MAIS DE CINCO ANO.

SUA BONDADE ERA UMA DAS QUALIDADES QUE MAIS SE DESTACAVAM, ESCLARECE LUIZ:

Sonora: Luiz Rizzio

Tempo: 00:16

Deixa inicial: ELE TINHA...

Deixa final: ...DAVA A BLUSA

OFF 02

DINO FRANCO ERA BEM HUMORADO:

CÉSAR MENOTTI SE LEMBRA DA FORMA EM QUE ELE CONTAVA SUAS HISTÓRIAS:

Sonora: César Menotti

Tempo: 00:07

Deixa inicial: ELE TINHA...

Deixa final: ...ELE CONTAVA

OFF 03

DINO VIVIA UMA VIDA BOEMIA, APRECIAVA UMA CACHAÇA E ADORAVA RECEBER OS AMIGOS EM CASA.

DENTRE SEUS AMIGOS, CÉSAR MENOTTI ESTAVA PRESENTE SEMPRE QUE POSSÍVEL.

QUANDO TINHA SHOWS MARCADOS NA REGIÃO, FAZIA QUESTÃO DE VISITÁ-LO:

Sonora: César Menotti

Tempo: 00:16

Deixa inicial: EU GOSTAVA...

Deixa final: ...EM RANCHARIA

OFF 04

DINO ERA UM HOMEM SIMPLES QUE NÃO DEIXAVA DE AJUDAR AO PRÓXIMO E NEM SE DESFAZIA DE NINGUÉM.

FORA OS AMIGOS, ELE RECEBIA EM SUA CASA VISITA DE FÃS E PESSOAS QUE ELE NEM CONHECIA.

ODILON DUTRA, FÃ E AMIGO DE DINO FRANCO, SE LEMBRA DA SIMPLICIDADE DO CANTOR:

Sonora: Odilon Dutra

Tempo: 00:10

Deixa inicial: UM CARA...

Deixa final: ...MUITO DIFÍCIL

OFF 05

A PARTIR DE DOIS MIL, DINO COMEÇA A EDITAR SEUS TRABALHOS COM PAULO GOMES.

O PROPRIETÁRIO DA EDITORA BGK FONOGRÁFICA, ONDE SUAS OBRAS SÃO ADMINISTRADAS ATÉ HOJE.

COM A CONVIVÊNCIA, OS DOIS CRIARAM UM VÍNCULO DE AMIZADE.

PAULO GOMES, QUE É DE MARÍLIA, RECORDA DAS VEZES EM QUE VISITOU O AMIGO:

Sonora: Paulo Gomes

Tempo: 00:11

Deixa inicial: EU FAZIA...

Deixa final: ...NO MEIO

OFF 06

COM O FALECIMENTO DE MOURAÍ, EM DOIS MIL E CINCO, DINO CONVIDA NESTOR PRADO PARA FAZER PARCEIRIA.

FORMARAM A DUPLA DINO FRANCO E FANDANGUEIRO E REALIZARAM QUATRO TRABALHOS.

NESTOR PRADO FALA DAS CARACTERÍSTICAS QUE MAIS ADMIRAVA EM DINO FRANCO:

Sonora: Nestor Prado

Tempo: 00:05

Deixa inicial: A SIMPLICIDADE...

Deixa final: ...MUITO HONESTA

OFF 07

NO DECORRER DE SUA TRAJETÓRIA, UM DOS PROBLEMAS ENFRENTADOS POR DINO ERA O ALCOOLISMO.

MARINA RAMOS SE LEMBRA DAS VEZES EM QUE O IRMÃO ACORDAVA COM VONTADE BEBER:

Sonora: Marina Ramos

Tempo: 00:12

Deixa inicial: ELE PARECE...

Deixa final: ...BEBENDO

OFF 09

POR CAUSA DO CONSUMO EXCESSIVO DE ALCÓOL, ELE SOFRIA DE CIRROSE HEPÁTICA.

EM QUATRO DE ABRIL DE DOIS MIL E CATORZE, MARINA O ENCONTRA MORTO EM SEU QUATRO.

E ENTÃO A MÚSICA SERTANEJA PERDE MAIS DE UM DE SEUS GRANDES NOMES.

O VELÓRIO OCORREU NA CÂMARA MUNICIPAL DE RANCHARIA.

DINO FRANCO DEIXOU IRMÃOS, AMIGOS E UM FILHO.

Sonora: Música Amargurado

Tempo: 00:09

Deixa inicial: COM DEUS...

Deixa final: SEU AMADO...

OFF 10

VOCÊ ACABA DE OUVIR O PROGRAMA REPORTAGEM EM AÇÃO SOBRE A VIDA E OBRA DE DINO FRANCO.

UMA PRODUÇÃO REALIZADA POR MIM GABRIELA BARBOZA E POR FÁBIO DEMBISQUE

LOCUÇÃO: GABRIELA BARBOZA

REPORTAGENS: GABRIELA BARBOZA E FÁBIO DEMBISQUE

ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO: HOMÉRO FERREIRA

EDIÇÃO ELETRÔNICA: JESLEY ALMEIDA E VALTER SANTOS

REALIZADO NA FACOPP, O OBJETIVO DESTA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO FOI MOSTRAR:

A PRODUÇÃO LITERÁRIA E MUSICAL DO COMPOSITOR E CANTOR DINO FRANCO RETRATADA POR MEIO DE UM PRODUTO DE RADIOJORNALISMO.

ESTA GRAVAÇÃO OCORREU EM CATORZE DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E DEZOITO.

VINHETA DE ENCERRAMENTO